

A *cor* da *vida*



Ana Vitola



Capítulo 1

Dou a última pincelada no quadro e me afasto para ver o resultado final. Analiso cada detalhe, dos pequenos aos grandes e me dou por satisfeita com mais um trabalho finalizado. Ajusto a câmera e tiro algumas fotos para meu registro pessoal e envio ao cliente para aprovação da obra e, assim, providenciar a entrega.

Arrumo a sala, tomo um banho e vou para o quarto. Estou cansada depois de mais de oito horas em cima daquela tela. Apago a luz, ficando completamente no escuro e deixo os sons do movimento dos carros e pessoas embalarem o meu sono.

Minha vida nem sempre foi essa normalidade toda. Desde que a minha mãe saiu de casa, eu nunca mais tive uma noite de sono tranquila sem preocupações com o dia seguinte. Cada noite era uma mistura de ansiedade em saber o que o amanhã trazia e como mudar a realidade. Quando o Cae foi morar conosco, eu me senti mais segura. Sabia que se o meu pai tentasse alguma coisa para cima de mim, ele iria intervir.

Meu pai nem sempre foi um crápula. Ainda tenho lembranças quando éramos uma família feliz. As coisas começaram a piorar quando ele começou a beber exageradamente e descontar em nós. Minha mãe sempre foi um anjo, aguentou no osso do peito até que eu ficasse grande e começasse a entender o que acontecia na nossa volta. E então fugiu de casa me deixando com ele.

Por um lado, eu a entendo completamente. Mas por outro, aquele que sempre se sentiu abandonada, eu nunca consegui aceitar.

Mas isso são águas passadas. Hoje em dia, quase nem me pego mais pensando nisso. Agora meus pesadelos recorrem mais ao acidente, e depois que o Cae foi viver a sua vida, eles acontecem com mais frequência.

Sempre é a mesma coisa. A chuva caindo, as luzes dos carros na nossa contramão e depois o barulho estrondoso das ferragens se contorcendo. Nessa hora eu acordo encharcada no meu próprio suor e com um grito preso na garganta. E depois disso, é quase impossível voltar a dormir normalmente.

Já falei com a minha psicóloga, e com o Luiz, sobre a possibilidade de eu tomar algum remédio para eu conseguir dormir, mas ambos me negaram dizendo que, no meu caso, é apenas o estresse por estar vivendo sozinha e passageiro. No início eu não aceitei a respostas deles, não tinha nenhum cabimento aquele diagnóstico. Agora, já mais acostumada a eles, percebo que

pode ser isso mesmo.

Trabalho de segunda à sexta com o André, meu ex-colega de faculdade, que tem uma loja de suprimentos para artistas e agencia tatuadores com estúdio, no mesmo prédio. É um trabalho burocrático e repetitivo, mas eu amo fazer. Contagem de estoque, organização dos mostruários e armazenamento, e fora quando ajudo no estúdio de tatuagem. E quando volto para casa, me tranco no escritório, pinto quadros ou desenho para deixar de amostra para os clientes que querem inspirações para a arte em sua pele.

Para quem nunca trabalhou fora de casa, sempre teve o pai e depois o marido sustentando, viver por conta pode ser um desafio e tanto.

A minha sorte é que tenho o Cae como meu anjo da guarda protetor que me deixou o apartamento sem custos até eu conseguir “andar com as minhas próprias pernas”. Achava que conseguiria me estabelecer em dois meses no máximo, mas desde que eu descobri realmente o preço das coisas, percebi que não ia ser fácil. Então, cada centavo que entra para mim, vai para a poupança para quando o Cae cansar de querer me emprestar o seu apartamento.

Sei que isso é um abuso da minha parte. Ele já fez tanto por mim, sacrificou anos da sua vida em prol dos meus cuidados e eu ainda ter que morar em um apartamento dele de graça. Todas as minhas investidas em pagar alguma coisa de aluguel foram em vão, ele não aceita de jeito nenhum. Até para a Elis eu pedi ajuda, mas não adianta. Pior que um teimoso, são dois iguais.

Por isso, eu trabalho dia e noite para bancar as coisas básicas, minha psicóloga e de resto guardo tudo para, quando tiver uma boa quantia, entregar o apartamento para o Cae e ir à busca do meu.

Geralmente, os pesadelos aparecem em dias mais corridos. Início de mês ou quando o movimento é acima da média diária. Nesses dias eu fico quase louca para conseguir resolver tudo. Conto com a ajuda da Sabrina, recepcionista do estúdio e namorada de um dos tatuadores. E mesmo assim, muitas vezes eu tenho que trazer os relatórios para casa e dar uma conferida antes de dormir para ver se não há nenhum erro.

Eu não preciso trazer trabalho extra para depois do expediente, o André me fala isso sempre que eu chego pela manhã com as planilhas embaixo do braço. Gosto de fazer o meu trabalho bem feito e acho que a convivência com

o Cae me deixou com resquícios do seu TOC por organização, não exageradamente como ele, mas algumas coisas eu peguei. E como diz o ditado, mente vazia, oficina de coisas ruins.

Tento preencher cada minuto meu com alguma ocupação. Sempre invento alguma coisa diferente para fazer, desde ler alguns livros, mudar alguma coisa de lugar ou até mesmo vídeos idiotas no Youtube quando não estou entre as tintas e uma tela em branco.

Meu voluntariado no orfanato também me ocupa. Todos os sábados à tarde, o Cae passa aqui de carro e me dá uma carona até lá. Enquanto ele sai para jogar bola com os meninos, eu levo as gurias para uma das salas e fazemos “arte”, em todos os sentidos da palavra. Tem dias que algumas chegam a sair com os cabelos quase de outra cor, de tanta tinta que eles têm. Gosto de ver a criação das crianças. De como elas dão vida à tela em branco com as cores e as pinceladas.

Meu gosto pela arte é uma coisa inexplicável. Sempre me senti atraída pelas cores, suas misturas e harmonizações. Assim como na vida, as telas em branco são o nosso futuro, e nós, com as tintas e pincéis, deixamos as nossas marcas e trilhamos a nossa história. Apagar é quase uma tarefa impossível. Por mais tinta branca que colocarmos na tela, as pinceladas por baixo, sempre estarão visíveis.

E eu sou a prova viva de que é mais fácil conviver com as marcas do passado, do que tentar apagá-las com uma camada de tinta branca.

.

– Bom dia, Olívia. – Sabrina me cumprimenta e eu lanço um beijo ao vento para ela.

– André já chegou? – Guardo a minha bolsa embaixo da bancada.

– Nem desceu. Ainda está no modo “não perturbe, gênio trabalhando”. Se começar a cheirar mal, chamamos a polícia porque deve ter morrido lá dentro. Ou teve uma overdose por comer Nutella direto do pote.

Começo a rir dela. Seu cabelo rosa desbotado e os diversos piercings dão um ar de “maloqueira”, de ter vontade de atravessar a rua quando cruzamos com ela. Mas depois que a gente a conhece, vê que as aparências enganam e que na verdade, ela é uma ótima pessoa.

– Se ele descer do estúdio dele, me avisa que preciso dar uma palavra

com o gênio.

– Pode deixar, chefa... – Ela bate continência e se volta para a tela do computador onde está olhando a agenda de hoje.

Vou até o depósito e começo a fazer a contagem do estoque. E que comece mais um dia de trabalho...

Conheci o André na faculdade. Na primeira aula que tivemos, André e seu cabelo azul e o piercing na sobrancelha, afastava as pessoas da sua volta. Ele observava tudo ao seu redor, enquanto os colegas tentavam se enturmar com as outras pessoas. O seu jeito estranho sempre me intrigou, mas como naquela época, eu era uma pessoa com medo de quase tudo, e estava sem a proteção do Cae por algumas horas, a minha curiosidade ficou dentro de mim.

A cada aula que passava, ele sempre sentava lá no fundo, sem dizer nenhuma palavra, e nem caderno e caneta levava para anotar o que os professores explicavam. Realmente ele e eu éramos os alunos mais deslocados da turma, já que todos eram expansivos, falantes e bagunceiros. A nossa única diferença era que eu ficava mais na frente da turma, para conseguir captar qualquer informação dos professores, e ele isolado no fundo.

Foi em uma das matérias, sobre criatividade, onde tivemos que contracenar um pequeno teatro para a turma. Todos se fecharam em grupos e eu e o André, os isolados da turma, ficamos sem entrar em nenhum. Parecia que estávamos de volta aos anos escolares em que eu era a última a ser escolhida para o time de vôlei, e pela primeira vez, eu não estava sozinha nessa situação. Mesma que a outra pessoa, o André, ainda me desse um pouco de medo, a pedido do professor, fiz dupla com ele.

No início, eu fiquei bem assustada. A menina acostumada com o pai gritando injúrias para ela o tempo todo e que a única pessoa com quem ela poderia contar era o primo, até então seu namorado, estava frente à frente com um rapaz quieto, todo de preto, piercings e um cabelo verde escuro na situação. Intimidador era apelido para o momento.

André não falou nada quando eu sentei, tremendo de medo ao seu lado. Ele só levantou os olhos azuis para mim, tão claros, que perto da sua íris chegava a ficar esbranquiçado. Naquele momento eu perdi um pouco de medo, até porque, para mim, um portador de olhos tão bonitos, não poderia

me machucar. Meu senso de proteção era super confiável...

Demorei três aulas para conseguir fazer ele falar alguma coisa, além de escutar as ideias que eu explicava, ou tentava, para ele. Nosso convívio até então era baseado em ver ele olhando para mim e acenando com a cabeça. Pensei em questionar para o professor perguntando se era mudo ou coisa do tipo, mas decidi ficar na minha. Afinal de contas, eu também era tímida e falar com estranhos não era a minha praia. Só estava fazendo aquilo, porque era um trabalho sério e eu queria tirar uma nota alta para garantir a média na matéria.

No início da terceira aula, eu estava começando a ficar preocupada. A apresentação seria na outra aula e eu não tinha a mínima ideia de como fazer esse teatro com o André, sempre quieto do meu lado apenas olhando para mim, e dessa vez com os cabelos roxo. Então eu dei uma de louca e deixei à Deus dará. Eu ia fazer como o André, olhar para o nada a aula inteira. E tirar um zero na matéria. Resolvi puxar um bloco da mochila e comecei a esboçar um desenho aleatório e que, futuramente, virou a tatuagem do Cae.

No final da aula, quando o sinal bateu, André se levantou e olhou para mim e falou, pela primeira vez comigo.

– Princesa. – Fiz uma cara de quem não tinha entendido e ele continuou a falar. – É improvisado, o professor quer criatividade, e nada gera mais isso que improvisado. Vai dar certo. – E saiu da sala me deixando de boca aberta e tentando entender o que havia se passado ali.

Só fui entender mesmo no dia da apresentação. Como formamos o último grupo, fomos os últimos a nos apresentar. Todos os nossos colegas fizeram performances dignas de Óscar, algumas até com superprodução de maquiagem e figurino. De longe, eu avaliava a reação do professor a cada apresentação, e nenhuma delas parecia estar agradando. Comecei a suar frio e ficar nervosa a cada grupo que acabava e a nossa vez se aproximava.

Quando chegou a hora, André apenas olhou para mim e começou um monólogo falando das dificuldades do reino em que morava e coisas do tipo, quando ele se virou para mim, percebi que a “princesa” a qual ele havia se referido na aula passada, era o meu papel. Entrei em cena e no improvisado fizemos a apresentação do trabalho. Terminamos aplaudidos pela turma, e para a minha surpresa, pelo professor também. Ele foi até nós e nos parabenizou, e quando olhei para o André, não sabia qual de nós dois estava

mais vermelho pela situação constrangedora.

E desde então, começamos a fazer todos os trabalhos juntos.

No início era do mesmo jeito, ele quieto e eu mais ainda. Depois de quase um semestre juntos é que começamos a trocar mais do que algumas palavras. Descobri, por trás daqueles olhos azuis claríssimos, um guri educado e altamente tímido. Inteligente, esforçado e assim como eu, completamente oposto daquela turma eufórica de artes. Fiz um amigo inesperado na faculdade. Ele só me deixava quando o Cae estava por perto, e acho que os dois combinaram para não me deixarem sozinha. Eu era superprotegida por ambos.

Conversar com o André sobre a nossa paixão em comum era a melhor hora do dia. Ficávamos sentados na cantina do campus, esboçando, criando e muitas vezes sonhando acordados. Ele queria abrir uma galeria de arte e viver ao redor do mundo caçando artistas desconhecidos e trazendo para a sua galeria. E eu, viver dos meus quadros em uma casa ensolarada com o Cae e os nossos filhos. Uma pena que só sonhávamos pois, a realidade foi outra.

Terminei o meu namoro com o Cae no último ano de faculdade. Sabia que o amava imensamente, mas de um jeito completamente diferente do que era necessário para continuarmos naquela relação. Mesmo separados, ele sempre me levava até a porta da sala de aula e me encontrava na saída para irmos juntos para casa. O status de “irmão mais velho e protetor” nunca saiu dele.

Meu relacionamento com o André continuava intacto. Parecia que o assunto entre nós nunca acabava. O seu jeito doce, escondido por trás das roupas pretas ainda me encantavam e como a classe toda falava, acreditava piamente que ele era gay. Nunca dei bola para isso e nem questionei. Apenas reparava como ele nunca tinha sido visto ele com nenhuma menina, mesmo com várias ao seu redor querendo atenção.

No último semestre de faculdade, o André estava fazendo algumas matérias eletivas e eu ajudando os calouros por créditos extras. E com isso eu conheci o Jaime, um calouro, e me dividia entre os dois. Se com o André eu conversava sobre diversas coisas, com o Jaime conversávamos sobre nós. Ele era alegre e contagiava todos que estavam ao seu redor. Estava na faculdade de artes para trabalhar em museu, bem diferente de nós, que queríamos criar.

A faculdade acabou e o André partiu em um pequeno mochilão pela

Europa enquanto eu e o Jaime ficamos por aqui. Me despedi do meu amigo com lágrimas nos olhos e desejando toda a sorte para ele. E depois disso, fiquei um bom tempo sem rever o André.

Nesse meio tempo a minha vida deu uma reviravolta completa. Em um acidente de carro eu quase morri e perdi o Jaime. Meu pai não fez questão nenhuma de me ajudar e me entregou nas mãos do Cae, meu eterno anjo da guarda. O único jeito que meu primo conseguiu para custear meu tratamento foi se casar comigo para que eu pudesse usar o seu plano de saúde, que ele tinha dos Correios. E foi isso que salvou a minha vida.

Enquanto eu me recuperava, entrei em uma depressão horrível. Pensamentos obscuros me vinham à cabeça constantemente e se não fosse a presença de alguém comigo quase vinte e quatro horas por dia, não sei o que seria capaz de fazer para acabar com aquilo.

Todos os meus sonhos foram por água abaixo e eu era prisioneira num corpo arrebitado e marcado para sempre. A pessoa que eu amava estava morta e levou com ela toda a minha vontade de viver.

O pior de estar nesse pesadelo constante, era ter a consciência de que não apenas eu estava presa a isso. Fiz do Cae um escravo. Tudo que ele fazia era voltado para mim. Trabalhava para pagar as contas do hospital que ficaram, fazia horas extras em qualquer emprego que ele conseguia para bancar os meus cuidados particulares, porque eu estava tão inválida que nem ir ao banheiro sozinha eu conseguia.

Acompanhei de camarote a sua batalha diária. De ver ele dormir no sofá por que só tínhamos uma cama e eu estava em cima dela. De ter que comer o mínimo possível para dar para mim o melhor. Eu estava sacrificando ele para que eu vivesse confortável.

Isso me matava a cada dia que se passava. Implorava nos meus pensamentos para que alguma coisa acontecesse comigo e me levasse daquela vida para deixar de ver o martírio do Cae. E isso nunca aconteceu.

Dolorosamente eu me recuperei. Com muita luta e apoio, que eu nem sei se merecia, do Cae. Mas lá no fundo, eu ainda achava que não deveria estar recebendo aquele cuidado todo. Seria mais fácil ter ficado naquelas ferragens junto com o Jaime.

Esqueci tudo relativo à arte na minha vida. Não tinha ânimo e nem disposição de ficar rodeada por cores se tudo que eu via estava em escala de

cinza. Passava os dias tentando ser útil para a casa. Limpava e fazia de um tudo pouco para recompensar o Cae, por tamanho esforço por mim. Tinha dias que ele chegava tão cansado que nem forças para jantar ele possuía.

Com o passar do tempo eu fui me retraindo mais ainda. Chegava a ficar horas sentada olhando para o nada depois de tudo pronto dentro da pequena casa que morávamos. Não saía daquele refúgio nem para comprar um pão para o café. Tinha medo de que alguma coisa acontecesse e eu parasse na cama acidentada e o Cae tivesse que passar por tudo aquilo novamente, porque nem para morrer eu prestava.

Nos mudamos e saímos do aluguel depois que o Cae começou a trabalhar no banco. O salário dele subiu e ele fez um financiamento. A mudança foi rápida e aos poucos preenchemos com móveis de segunda mão. Ele começou a trabalhar menos e com isso me observar mais. Nesse meio tempo, conhecemos o Luiz, e a primeira vez que ele foi lá em casa, eu entrei em pânico.

Era praticamente a primeira vez que eu via outra pessoa além do convívio do prédio. Tive uma pequena crise de pânico e nesse momento eu descobri que ele era psiquiatra e que, segundo as suas palavras, eu necessitava de ajuda urgentemente.

Não confiei nele à primeira vista, e não aceitei nenhum tipo de intromissão dele na minha vida. Eu só queria ficar quieta na minha e conviver com as minhas dores, mágoas e ressentimentos. Isso já me bastava. Aos poucos, o Luiz foi se tornando uma figura repetida lá em casa, o Cae confiava nele a ponto de me deixar sozinha com aquele estranho. Eu ficava na defensiva total na sua presença, me vestia com mil e umas armaduras e ficava esperando a hora dele ir embora para voltar a respirar normalmente.

Em uma dessas visitas dele em que eu estava sozinha em casa, ele começou a falar da sua vida enquanto eu estava sentada na sua frente olhando para as minhas mãos. Me contou da sua vida, de como tinha perdido a sua esposa em um acidente de carro há alguns anos e que criou a sua filha sozinho. Luiz com uma calma constante, e sabendo usar as palavras, disse que admirava o Cae, e o que ele fez e fazia por mim, e que também entendia o meu lado da história. Afinal, nós teoricamente passamos por uma coisa semelhante. Tínhamos perdidos pessoas que amávamos na mesma circunstância.

Pela primeira vez eu me senti compreendida, enquanto ele contava que também havia pensando em muitas coisas obscuras na sua recuperação. Era reconfortante e um sinal de que eu não estava enlouquecendo ao saber que outras pessoas tinham os mesmos sintomas que os meus e que eu não estava sozinha nessa história toda.

Meses depois eu me vi sentada à frente de uma psicóloga. Minhas conversas constantes com o Luiz me levaram a isso. Percebi que precisava de ajuda mesmo, e admitir isso não era um caso de me sentir mais fraca. Bem pelo contrário, isso me faria mais forte para conviver com o passado. E desde então eu tento me adaptar a conviver com o que tinha acontecido.

Não foi nenhum pouco fácil. Nas primeiras consultas, eu ainda era muito fechada e passiva de crises de choros intensos. Graças que a minha psicóloga é muito calma e compreensiva, só ela para me aguentar. Hoje temos uma relação de confiança e sei que posso contar tudo para ela e terei os melhores conselhos para como resolver a situação. Tudo está entrando nos eixos. E agora eu já consigo respirar mais aliviada, sem o peso da culpa nas minhas costas.

– Princesa? – Dou um grito e me desequilibro da escada que eu estou empoleirada no segundo degrau. Fecho os olhos para cair de cara no chão e espero o impacto que não vem.

Abro os olhos e me deparo com os azuis do André e o seu sorriso. Se não fosse ele me segurar, teria caído da escada de todo o tamanho no chão.

– Desculpa por te assustar. – Ele diz sem jeito enquanto eu me recomponho e me firmo novamente no chão.

– Não foi nada. – Digo com o meu coração batendo no peito acelerado. – Estava entretida contando algumas coisas do estoque para fazer o pedido do mês. – Tomo uma respiração profunda e olho para ele, que ficou todo sem jeito de me agarrar daquela forma. – Obrigada por não me deixar cair no chão.

– Não é nada, Princesa.

Sorrio para o André. Desde aquela peça que nos uniu na faculdade ele ainda me chama de Princesa.

– A Sabrina disse que tu queria falar comigo.

– Sim!

Começo a falar das ideias que tive para o estoque e o processamento do que entra e sai para ter um controle de reposição. A loja é nova nessa região e trabalha com materiais exclusivos e especiais para projetos artísticos. Uma ideia inovadora que estava em carência por aqui. Nós mesmos, na época da faculdade, tínhamos que nos deslocar para o outro lado da cidade para achar determinados produtos, e dependendo deles, ainda tinha que vir de outra cidade. Cada mês que se passa, a loja cresce mais. E o André me deu o aval para pesquisar melhorias para o estabelecimento.

Explano as minhas ideias e opiniões, enquanto ele me escuta atenciosamente, concordando com cada ponto que eu friso. Me sinto orgulhosa por fazer o meu trabalho bem feito.

– Agora é a minha vez de falar, Princesa. – André se escora em uma das caixas do depósito e quase cai para frente. Esqueci de dizer que elas estavam vazias e o seu jeito desastrado são o conjunto perfeito.

– Ainda bem que hoje é sexta, se tivesse mais um dia um de nós sofreria um acidente grave aqui. – André olha para mim e começamos a rir. – O que tu quer me falar.

– A loja ganhou duas passagens de um dos nossos fornecedores para um congresso, na praia, sobre o nosso ramo.

– Que ótimo! – Me empolgo e fico na ponta dos pés de felicidade.

Isto é um ótimo sinal! Os fornecedores só presenteiam as lojas que possuem ótimas vendas. E ser incluído em uma promoção destas é quase que sonho para todas as lojas que recém começaram a trabalhar.

– São duas passagens, já com o hotel incluso! – Ele repete e sorri.

– Parabéns André! Vai ser uma ótima oportunidade para a loja!

– Liv – ele me para e coloca as mãos no meu ombro. – Eu quero que tu vá comigo.

– Como?

– Sim! Nada mais justo. Eu não sou nada sem ti ao meu lado nessa loja.

– Não, André! Eu não posso ir.

Isso seria uma loucura, o que eu iria fazer num congresso desses? Só em pensar nos milhares de pessoas que vão neles eu já me assusto.

– Não aceito não, Olívia. – André olha diretamente nos meus olhos e

continua a falar. – Eu sei que tu te separou há pouco e que ainda está tentando se estabilizar financeiramente. Mas é quase tudo pago lá. Passagem, hospedagem e café da manhã. Podemos nos empanturrar no café da manhã e ficar só na água da bica depois.

Eu realmente não deveria falar certas coisas com o André. Foi um vacilo meu em um dia que ficamos até mais tarde no estoque. Estávamos conversando sobre os preços das coisas e eu fui inventar de dizer que estava bem assustada, pois depois que me separei do Cae, eu que me sustento.

– Não é por isso. – Tento me esquivar.

– Então não tem desculpas. Tu vai ser mais útil lá do que eu. Não é à toa que essa loja só foi para frente depois que tu chegou para me ajudar.

Hesito.

– E quem vai cuidar da loja? – Essa foi a minha primeira desculpa.

Não que eu não me sinta bem tentada a ir. Meu medo é de chegar lá e dar uma de louca e ter uma crise ou coisa do tipo. Ainda não me sinto confiante para certas coisas.

– A Sabrina é bem capacitada para fazer isso. – André sorri calmamente para mim. – Eu preciso confirmar as passagens até o final do mês. Tempo suficiente para ti procurar alguma desculpa esfarrapada e eu dar a solução para ela. Certo?

Aceno com um movimento de cabeça simples. Um mês é o tempo suficiente para eu conversar com a minha psicóloga, ela me dizer que isso é uma loucura sem tamanho, eu contar para o André isso e ele não ter a oportunidade de contrariar a minha decisão. Plano perfeito.

André sai do estoque me deixando sozinha com os meus pensamentos. Volto para os meus afazeres até que escuto o telefone, que interliga a recepção da loja o estoque tocar.

– Oi. – Atendo ainda anotando algumas coisas.

– Teu ex-marido, lindo, está aqui e eu mandei ele ir para o depósito. E ainda quero saber porque tu deixou ele escapar assim. Tá louca, Liv?

Começo a rir da Sabrina. Afinal, não são todos que sabem da verdade sobre o nosso casamento.

– Deixa eu falar essas coisas para a namorada atual dele. Com certeza

tu vai sentir a fúria da Vaca da Elis e esquecer que o Cae existe. Ou deixa o teu marido escutar essa conversa para ti ver.

– Sou casada, mas não sou cega. Se o Tony pode ver aqueles canais nada educativos na TV, eu posso muito bem ver os homens alheios.

– Sem chance com este, Sabrina... – Desligo o telefone quando vejo o Cae na porta.

Caminho em sua direção e me atiro nos seus braços. Algumas coisas nunca mudam, e o meu amor fraterno por ele, bem como a sensação de proteção que tenho nos seus braços, nunca irão se esgotar.

– O que está fazendo aqui no meio do expediente? – Falo enquanto ele beija a minha testa.

Saio dos braços do meu primo e o meu sorriso começa a ficar menos radiante ao ver a sua expressão.

– Aconteceu alguma coisa com o Antônio, ou contigo e a Elis?

– Não. – Ele me responde desviando o olhar de mim. – Tudo certo com eles.

– Então o que aconteceu, Cae? – Vejo ele tomar uma respiração profunda, e quando reabre aqueles olhos de cores diferente eu começo a me preparar, porque com certeza, a notícia não será nada agradável para mim.

– Olívia, me ligaram hoje lá para a agência. O teu pai morreu.

Capítulo 2

Foi como em um piscar de olhos. A última coisa que me lembro, é do Cae me dando a notícia, depois disso, eu saí de sintonia por alguns minutos. Pensei que fosse desmaiar, chorar, gritar, sorrir ou qualquer coisa que demonstrasse algum tipo de sentimento, mas pelo contrário. Fiquei parada, estática presa no chão não podendo me locomover sem alguém para me puxar.

Sei que fomos ao hospital para reconhecer o corpo do meu pai. Eu não entrei no necrotério, fiquei com o Luiz que estava lá nos esperando. Ele conversou comigo tentando arrancar alguma confissão de como eu estava me sentindo, mas eu só estava presente de corpo, porque nem sei em que dimensão paralela minha alma vagava. O Cae que teve que fazer o reconhecimento para mim, mais uma vez, o meu anjo protetor estava agindo para o meu bem. Quando ele voltou, estava mais abalado do que quando me encontrou na loja.

Ninguém fica bem após ver um parente morto, ainda mais assim do nada.

Pelo o que eu sei, foi um ataque do coração fulminante. Ele sentiu as dores, ligou para a emergência e quando chegaram lá, ele já estava sem vida. Tiveram que procurar documentos para identificação e rastrearam o Cae pelo o nosso de casamento, agora de divórcio assim como pela ordem de restrição que movemos contra ele, depois da última vez que ele me espancou.

O agente funerário começa a falar sobre tipos de caixões e eu me sinto enjoada e saio da sala. Fico em uma parte, com um pequeno jardim e me sento à procura de ar fresco.

– Tudo bem, Liv? – Luiz senta ao meu lado e passa uma mão pelo meu ombro.

Não respondo. Estou confusa demais em relação aos meus sentimentos, e de como estou me sentindo com tudo isso.

Meu pai pode ter sido um crápula de marca maior, mas nunca deixou de ser o meu pai. Aquele que, antigamente, brincava comigo e amava a minha mãe incondicionalmente. E são essas as lembranças que eu sempre levo comigo. Apago as ruins e deixo as boas no seu lugar.

Nunca soube ao certo porque ele ficou desse jeito. Tenho a convicção

de que algumas pessoas nascem para serem más, mesmo que com isso, acabem machucando as pessoas que eram importantes para elas. E com a ajuda do álcool e outras drogas ilícitas, isso pode se acentuar até perder a noção do mal que está causando a sua volta.

Eu tentei uma aproximação, logo depois que os primeiros efeitos da psicóloga começaram a surgir em mim. Precisava fazer isso, era uma coisa que sempre me machucou muito e, mesmo assim, eu queria dar o perdão ao meu pai para termos uma reaproximação. Fui até a sua casa e comecei a conversar sobre uma ajuda externa, mas quase fui chutada de lá, e depois daquele episódio lá em casa, dele e do Cae brigando, eu desisti. E é isso que está me martelando por dentro.

Será que se eu tivesse tentado novamente, como uma filha que se importa com o pai, e tentasse algo mais agressivo, um tratamento de choque, isso poderia ter sido evitado?

– Não fica assim, Liv. – Luiz volta a falar. – Foi uma fatalidade. Todos nós estamos sujeitos a esse tipo de coisa.

– Ele era o meu pai, Luiz. Não era meu dever ter feito alguma coisa para ajudar ele? Eu sei que ele fez coisas horríveis para mim, mas...

– Mas nada Liv. Ele escolheu esse caminho ao invés de cuidar de ti, e até do AC, enquanto vocês precisavam de apoio. Não te quero ver remoendo isso.

Fico em silêncio mais uma vez.

– Liv, por favor. Tu foi até ele para resolver isso e ele quase te bateu de novo, e quando foi ao teu apartamento foi aquele desastre.

– Mas ele era o meu pai. Se não fosse por isso eu não estaria aqui.

– Essa foi a única coisa boa que ele fez, em minha opinião. De resto, – ele dá os ombros – a escolha de seguir por aquele caminho e te afastar, foi dele. Se ele quisesse mesmo ser ajudado, teria aceitado o teu auxílio. As pessoas só buscam ajuda quando sentem que estão em maus lençóis.

Fico com essa última frase dele na cabeça. Realmente, eu só fui pedir ajuda à psicóloga quando percebi que estava em muito maus lençóis e os pensamentos obscuros cada vez mais atrativos.

– Droga – escuto um telefone tocando. – É um paciente que estou acompanhando. – Luiz beija a minha cabeça e sai para atender.

Volto a ficar com os meus pensamentos, mas realmente, eu estou me sentindo mal com tudo isso. Um lado meu quer que eu me sinta aliviada por nunca mais ter que escutar algum xingamento para mim, e o outro está crucificando o colega com esses pensamentos. E eu, no meio de tudo isso, só quero ir para a minha casa, me enrolar como uma bolinha, tentar dormir e só acordar quando tudo isso passar. Mas claro que isso não vai ser possível, pois tenho que enfrentar a realidade à minha frente.

Continuo com a minha briga interna, até que percebo uma pessoa ao meu lado. Quase dou um pulo de susto com o agente funerário me entregando um papel com o valor das despesas. E aí eu tenho o meu segundo susto com o número que estava escrito. Minhas economias sofrerão uma grande queda nesse momento.

Acompanhei o homem até a recepção, fui informada que o Cae havia ido até a casa do meu pai atrás de roupas para o vestir, paguei o trabalho deles e voltei para o meu banco no meio do pequeno jardim à espera.

.

– Vocês já podem ir para casa. – Falei para a pequena comitiva que estava na minha sala.

Cae, Luiz, Elis, Noah, Su e até o André. Nunca vi esse pequeno apartamento com tantas pessoas, e ao mesmo tempo tão silencioso. Isso estava me dando nos nervos já.

Depois de um velório básico, até o final da tarde com poucas pessoas presentes, além de nós. Enterramos no mesmo jazigo dos meus avós paternos e fim da história. Uma vida inteira para acabar embaixo da terra. Às vezes, se pararmos para pensar, vemos que muitas coisas que passamos, realmente, não têm importância nenhuma, já que esse é o futuro certo de cada pessoa.

Todos olham para mim, mas nenhum responde. Luiz dá um sorriso zombeteiro em minha direção, Cae continua a olhar para o chão de mão dadas com a Elis, Noah e Su cabisbaixos e o André me observando atentamente. Realmente, eu não estava com saco para ter esse olhar de piedade de todo mundo.

Elis, Noah e Su, meus novos amigos, são mais compreensivos e também pelo fato de terem deixado as crianças em casa, são os primeiros a se despedirem. Me sinto bem em saber que tive o apoio deles nessa hora.

– Princesa... – André fala com os seus olhos azuis sem o brilho constante. – Eu sinto muito. – Ele me abraça forte e eu me deixo ser protegida por ele. É um calor reconfortante, tipo daqueles dias frios exagerado, em que o sol dá o seu máximo para nos manter aquecidos.

Murmuro um agradecimento quase silencioso e acompanho ele até a porta. Por um instante, quase chego a pedir para que apenas ele fique. Conversar com o André, sempre foi mais fácil do que com qualquer outra pessoa. Poderia, com ele, contar cada um dos meus lados que travam uma batalha tão intensa dentro de mim, quase me levando ao colapso. Porém desisto de estragar mais o seu dia e, principalmente, sua noite. Ninguém merece passar a sexta à noite ouvindo as pitangas da amiga depressiva.

Fecho a porta e me viro para os dois que ficaram.

– Vocês dois também foram inclusos no discurso. Só quero descansar um pouco. Amanhã eu tenho que começar uma tela nova e...

– Liv – Cae é o primeiro a falar. – Acho bom alguém ficar aqui.

– Não precisa. – Rebato.

– Eu fico, o sofá daqui é melhor que o meu colchão. – Olho para o Luiz e lanço um olhar mortal em sua direção.

– Por favor. – Digo caindo no sofá. – Só quero ficar sozinha, ok? Posso passar a noite aqui sem problemas. Amanhã vai ser outro dia e melhor que esse.

Repito a frase mentalmente até que ela fique bem gravada em mim. Nenhum dia é igual ao outro. Uns são alegres, outros tristes e alguns, nem percebemos que vivemos. Então é normal ter altos e baixos, e a cada dia de queda, é seguido por um de subida. Ninguém consegue ficar na fossa por tanto tempo.

Venço os dois me fazendo de difícil. Não queria uma babá. O Cae já fez demais por mim hoje e não precisava de mais esse trabalho extra. Ele está morando com a Elis e feliz com ela, e no momento em que ele me pediu o divórcio, eu disse que não seria mais um empecilho na sua vida. E não vai ser hoje que eu quebrarei essa promessa. O Luiz já é mais fácil de dobrar, ele me dá mais voto de confiança do que o seu amigo preocupado ao extremo. E muitas vezes, ele é o meu aliado neste processo de desapego do Cae.

– Boa noite então, Liv. Qualquer coisa me chama. – Cae me beija a

testa enquanto eu seguro a porta para eles.

– Vai chamando o elevador que eu acho que esqueci o meu celular na cozinha. – Luiz entra novamente e eu quase falo que vi ele colocando o aparelho no bolso, mas sou calada com um olhar. – Me ajuda aqui Liv, não lembro se foi na cozinha ou no banheiro.

Cae sai para chamar o elevador e eu olho para o Luiz que tira uma coisa do bolso e me entrega.

– Só hoje, certo? – Analiso o pequeno comprimido e escuto ele gritar. – Achei! Boa noite, Liv. – Vejo a porta se fechar enquanto estou com o remédio na mão.

Fico sozinha em casa e isolada do mundo. Não como nada e vou para o banho para tentar tirar um pouco das minhas tensões. Coloco um pijama no escuro e me deito na cama. O meu pensamento se volta para o comprimido que o Luiz me deu, e sem pensar duas vezes, saio da cama e o engulo. Pelo menos hoje, eu quero ter uma noite de sono sem nada do passado me atormentar.

.

– Princesa? O que tu está fazendo aqui? – Sou surpreendida pelo André enquanto olho a agenda do estúdio de tatuagem.

– Trabalhando, o que mais?

– Porque tu veio? Não disse para tirar a semana em casa?

Fecho a agenda e ligo o computador da Sabrina para começar o dia.

Acordei hoje, bem mais tranquila e descansada, graças ao remédio que o Luiz me deu. Nenhum pesadelo ou pensamento além do necessário. À tarde estava no orfanato pintando com as crianças, e ontem já comecei uma tela nova para me recuperar do pequeno rombo que tive na minha conta bancária com o que paguei no funeral do meu pai.

Como o Luiz me disse, ele teve a sua culpa no cartório e arcou com as suas consequências. E eu não poderia fazer nada com respeito a isso. Então só me restava tocar a minha vida como eu estava fazendo. E isso incluía trabalhar hoje, segunda.

– Eu estou bem, e posso trabalhar normalmente André.

Conversamos sobre mais algumas coisas e eu explico para ele que, realmente, eu estava bem e trabalhar era o que me faria melhor naquele momento. André não acredita muito na minha versão, e faz eu prometer que se não me sentisse bem, eu voltaria para casa. Consigo me livrar dele para enfrentar uma planilha de saídas e entradas de mercadorias, e só paro com a Sabrina me dizendo que estávamos fechando a loja.

Encontro o Leco, o cachorro gigante do André na entrada da escada que dá para o seu apartamento, que fica em cima da loja. Acredito que o apartamento deve ser a metade só ocupada pelo cachorro, já que ele é gigante. Um Husky Siberiano, branco com preto, cara de abobado e com os olhos azuis iguais os do dono. O nome real dele é Peteleco, porque o André disse que quando pegou ele, nada mais que um peteleco derrubava o cachorro, e agora o cachorro derruba nós com apenas uma pata.

Nunca subi no apartamento do André, mas pelo o que ele fala, o cachorro domina o ambiente, por mais que os dois briguem, o Leco ganha território se fazendo de bobão.

– Cadê o papai? – Faço um carinho no pescoço do cachorro que abana o rabo descaradamente para mim. – Vão correr na praça vocês dois? – O cachorro começa a ficar feliz com o carinho que eu estou fazendo nele e caminha para mais perto de mim. – Para quieto! – Digo para ele que me empurra e quando eu tropeço, ele me derruba no chão e quase senta em cima de mim pedindo carinho.

Começo a rir quando ele me lambe o rosto. Estou indefesa embaixo do cachorro que mais parece um urso com todo esse pelo.

– Para Leco, eu vou te dar carinho se tu sair de cima de mim. – O cachorro continua a me lambar. Até que eu sinto o peso dele se afastando.

– Leco, quantas vezes eu já te disse para não atacar as pessoas assim. Tudo bem, Princesa? – André segura o cachorro pela coleira, enquanto eu consigo me levantar do chão.

– Tudo bem, só o moço que se empolgou com os carinhos.

– Tem que ver quando ele sobe na minha cama querendo carinho, às quatro da manhã, é um amor. – André me ajuda a pegar a minha bolsa. – Quer companhia até em casa? Estamos indo para esse lado também.

– Vocês não vão correr na praça hoje?

– Muito quente para o peludo aqui, tenho que tosar ele para começarmos a correr no verão.

André coloca a guia no Leco e começamos a caminhar lentamente, até o cachorro ver alguma coisa interessante e puxar o dono, sem esforço nenhum, para onde ele quer. As crianças, que voltam das escolas da região, param para fazer carinho no cachorro, que se sente uma estrela de cinema teen com tanta atenção assim.

Moro perto da loja, cerca de meia hora de caminhada, para dias quentes, como hoje, é uma boa pedida para se exercitar.

– Consegui terminar o relatório. – Digo olhando para o chão por onde estamos caminhando.

– Já saímos do trabalho Liv. Pode deixar para me falar isso amanhã. Agora estamos apenas caminhando no final da tarde.

– Certo. – Tento procurar algum assunto para conversar com ele, mas sempre fui péssima em puxar assuntos.

– E as tuas telas? – Por sorte o André é mais sociável que eu.

– Vão bem. Tenho encomenda para mais três. Um é paciente do Luiz, viu a que eu fiz para o seu consultório e ele passou o meu e-mail. E o teu trabalho para a pós?

André deixa cair um semblante triste para o seu rosto e então começa a falar com um pesar.

– Acho que melou por completo.

– Porque?

– O professor quer um trabalho sobre o feminino. Corpo, simetria, luzes e coisas do tipo. Mas eu voltei à estaca zero.

– Tu não tinha conseguido a modelo e tudo para isso? – André olha para o chão e balança a cabeça com um sorriso no rosto.

– Até tinha, porém, deu alguns problemas entre nós e fora que ela não era o que eu procurava.

Com a minha ida para trabalhar na loja, o André começou uma especialização em fotografia. Esse sempre foi um dos seus sonhos, mas o trabalho e tocar a loja, estavam consumindo o seu tempo quase que integralmente. Agora, comigo e a Sabrina o auxiliando, ele pode se dedicar

mais aos estudos, e até se arriscar mais em outras áreas.

– Ela era... – ele pausa um pouco a procura da palavra para a situação – perfeita demais. Corpo malhado e sarado, silicone e com várias modificações cirúrgicas. Nada de original no corpo de uma mulher. E não era isso que eu estava atrás, então voltei ao ponto de partida com esse projeto.

– E não é isso que a maioria dos homens procuram?

– Depende do homem. – André dá os ombros e o Leco dá um puxão nele que quase o derruba.

O cachorro se acalma depois de algumas crianças passarem por nós e brincarem com ele. Chegamos a frente do meu prédio e me despeço dos dois. Leco tenta me escalar para me lambe novamente e eu retribuo o afeto sem jeito dele, com carinho no seu pescoço. André sorri para mim e me abraça antes de ir embora, e depois acrescenta que se eu precisar de alguma coisa é só chamar.

Realmente eu preciso de alguma coisa. Uma que me deixe viver a vida sem pensar no que aconteceu no passado. Seria tão mais fácil pensar no futuro se tivesse alguma coisa me esperando por lá, mas no momento as únicas coisas em que eu consigo pensar são nas minhas próximas telas e como vou conseguir juntar dinheiro novamente para sair desse apartamento e recomeçar uma vida nova, sem depender do Cae. E isso não é uma coisa que eu possa pedir ao André, e a ninguém. Só depende de mim mesma.

Subo para o apartamento e encontro o Luiz sentado no chão em frente a porta do apartamento com uma sacola de pizza congelada e uma garrafa de vodka barata na outra.

– Trouxe o jantar e o acompanhamento. Liguei para o teu ex e ele está de pai em casa, então vim para cá encher a cara e comer, quer me acompanhar?

Olho para o meu amigo e o seu estado. Uma calça social que já viu dias melhores, uma camiseta mais amassada que a sua cara e uma barba já começando a ficar grande. Quem o vê deste jeito não imagina que ele é um dos donos da melhor escola particular da cidade e, se quiser, não precisa nem trabalhar. Abro a porta e chamo ele com um aceno de cabeça simples.

Por fora somos pessoas normais, mas por dentro, só nós conhecemos a dor carregamos.

Capítulo 3

Sorrio para o Cae que está me repreendendo com um olhar de irmão mais velho. Estamos na sua casa esperando o almoço de domingo.

– Vi o meu saldo do banco hoje. – Sento no sofá da sala e sinto uma coisa estranha embaixo de mim, e não me assusto em ver um pedaço de brinquedo. – Parece que eu ganhei na loteria acumulada, e o mais interessante disso é que eu nem jogo.

– Parabéns, Cae. – Abro um sorriso.

– Olívia, eu não posso aceitar o teu dinheiro. Segunda pela manhã eu já vou transferir para a tua conta novamente.

E que comece a guerra.

Depois de alguns dias que o meu pai morreu, fui chamada em um escritório de advocacia e informada que ele havia solicitado, ainda em vida, que todos os seus bens ficassem para mim. Foi um choque e tanto descobrir isso. Levei uns bons segundos para assimilar tudo e quando me colocaram um papel na frente e uma caneta, eu consegui raciocinar e ligar para um advogado para me auxiliar nisso.

De fato, eu fiquei com tudo que era dele. Apartamento em que morávamos, carro, móveis e contas bancárias. E somando tudo, foi uma boa quantia de dinheiro.

Vendi o apartamento e o carro. Mesmo que eu estivesse morando no apartamento do Cae, não iria conseguir me estabilizar naquela casa, onde vivi tantos momentos de medo. Doei os móveis para o asilo que o Luiz ajuda, já que o orfanato das crianças está todo reformado e as crianças, no momento, estão bem amparadas.

Juntando tudo isso, era mais que o suficiente para eu comprar um apartamento. Mais do que eu precisava para conseguir me estabilizar na vida, por toda a minha vida. Nem sabia que o meu pai possuía tantos bens e posses assim. Porém, eu sei que não preciso de um apartamento luxuoso desse tipo e pensei melhor. Comprei um menor, no mesmo prédio em que eu moro, paguei umas contas e o resto, que ainda era muito, eu não sabia o que fazer. Então peguei a metade do valor e transferi para a conta do Cae, afinal, ele também merece.

– Vai ser dois trabalhos, tu depositar na minha conta e eu fazer o

depósito na tua novamente. E nós vamos ficar nesse jogo até o governo comer todo o valor em impostos.

– Olívia eu não quero esse dinheiro. Ele é teu.

– E eu quero te dar uma parte. Já comprei um apartamento e ainda fiquei com uma boa parte comigo. Tu pode aproveitar, terminar de pagar o financiamento do teu e do carro e ainda investir o resto.

– Olívia, por favor.

Me levanto e me viro para a frente do meu ex-marido, primo e a pessoa que deu o que tinha e não tinha para me cuidar quando eu precisei.

– Eu não vou aceitar Cae. Tu quase vendeu a roupa do corpo para cobrir as despesas médicas comigo. Não estou fazendo nenhuma coisa absurda aqui, apenas um acerto de contas entre nós e o nosso passado.

– Nunca se tratou de dinheiro Liv. Faria tudo de novo, se precisasse. Só para não ter o perigo de te perder.

– Eu sei Cae, assim como eu faria por ti. Mas, por favor, me entende. Nós dois passamos por isso tudo juntos, desde que os teus pais saíram do país, até o nosso divórcio. E mesmo assim, tu ainda cuida de mim. Merece esse dinheiro tanto como eu.

Vejo ele hesitar, passar as mãos nos cabelos e sentar no sofá. Me aproximo e me sento ao seu lado.

– Esse dinheiro é tão meu quanto teu. Não dormiria a noite sabendo que estaria com todo ele e que estaria cometendo uma injustiça se não te desse uma parte.

– Tem certeza de que não vai te fazer falta? – Rio.

– Não Cae, ainda sobrou muito para mim, e eu trabalho e mais o que ganho com os meus quadros, está tudo bem.

– Certo, eu fico com o dinheiro, mas com uma condição. – Reviro os olhos e ele volta a falar. – Se tu precisar, me avisa, certo?

– Não vou precisar dele, mas se isso te faz feliz, eu prometo. – Sorrio para o meu primo e beijo a sua bochecha.

– Hey, que momento nostalgia é esse aqui? Olívia, tu já teve a tua chance de agarrar ele quando vocês eram casados, agora tira as mãos dele. Quem abre a assistência, perde para a concorrência.

Cae olha para a Elis e sorri. E eu, não deixo de ficar feliz pelo jeito apaixonado que ele não faz questão nenhuma de esconder.

– Quem não dá assistência, abre à concorrência, Elis. Esse é o ditado, linda.

Ela dá os ombros e eu sinto que essa é a minha deixa para deixar os dois sozinhos.

– Sem problemas Elis, já terminei por aqui. – Levanto do sofá e antes de sair da sala, escuto o gemido do Cae com a Elis se atirando no sofá em cima dele.

O nosso casamento não passou de uma armação. Tudo feito às pressas para que eu pudesse entrar o mais rápido possível no seu plano de saúde, para assim, cobrir parte dos meus atendimentos médicos, incluindo a cirurgia de emergência, por conta de uma hemorragia, para que eu tivesse uma chance de sobreviver.

Ainda me sinto mal quando me lembro dessa época nublada da minha vida. Os poucos minutos de consciência que eu tinha eram regados a dores insuportáveis e a lembrança que eu nunca mais veria o Jaime novamente.

Foi um tiro direto no meu peito receber essa notícia. Eu estava me apaixonando por ele de uma forma que nunca tinha acontecido comigo. E depois daquela noite, as únicas coisas que me restaram foi o vazio no meu peito e a dor constante no meu corpo.

Aos poucos, depois de passar tempo demais na escuridão, percebendo que isso não iria me levar a lugar nenhum, e com um casamento completamente sem futuro, eu resolvi começar a me mexer para dar um novo sentido a minha vida.

Voltei a pintar, mesmo que nas primeiras vezes, as lembranças de quando eu era feliz e pintava por prazer me invadiam e me impediam de tocar o pincel na tela por mais do que algumas vezes. Chorava com as memórias dos momentos antes da minha vida mudar, em que eu pintava com o Jaime ao meu lado rindo e conversando. E vencer essa batalha, me impulsionou para começar a seguinte e assim sucessivamente até hoje.

Não foi de uma hora para outra, bem pelo contrário. O processo foi lento, doloroso para mim e um pouco solitário. Por mais que o Cae me apoiasse em tudo o que eu precisasse, nesse quesito, ele era tão cuidadoso

que chegava a me sufocar. Mas eu sabia que tudo o que ele fazia era pensando no meu bem. Não reclamo desse ponto dele, longe disso. Provar para ele que eu era capaz de me cuidar foi uma surpresa até para mim, que muitas vezes, duvidava que eu mesma fosse conseguir dar um novo rumo para a minha vida.

O meu ato de rebeldia extrema foi quando decidi que precisava trabalhar. Queria começar a sentir o sabor de ter o meu próprio dinheiro e poder comprar o que eu quisesse. Sei que o sonho de muitas mulheres é viver com o marido bancando todas as contas possíveis e impossíveis sem reclamar. Mas chegamos em um ponto em que eu já me sentia mal e um pouco constrangida em não ter um real meu para comprar nem que seja uma coisa básica de higiene pessoal. Achava até meio humilhante da minha parte isso, mesmo com o Cae me dando tudo do bom e do melhor, sem reclamar nenhuma vez que fosse. Então, começou o meu dilema interno.

Como me candidatar a um emprego, se eu mesma nunca tinha trabalhado, de verdade, na vida? Chegava a ser risível a situação, eu no meio de tantos milhares de candidatos com inúmeras indicações e diversos cursos. Nem precisa pensar tanto para saber qual era o candidato contratado nessa pequena comparação. Então enquanto eu planejava alguma forma de mudar essa minha situação, a sorte bateu a minha porta.

Estava passando na frente de uma loja nova de materiais artísticos quando vi o André pela primeira vez depois de anos. Ele estava diferente, seu cabelo estava com a cor normal, e não uma fluorescente, como de costume, e o piercing na sobrancelha havia saído deixando os seus olhos azuis mais evidentes que nunca. Quando ele me viu na sua frente e me chamou de Princesa, como nos tempos de faculdade, eu me joguei nos seus braços. E foi como se nunca tivéssemos nos separado.

Conversamos pouco, já que ele estava bem atrapalhado, como sempre, na organização da sua nova loja e estúdio de tatuagem, no qual agenciava alguns artistas novos. Fiquei sabendo que ele havia retornado ao Brasil fazia poucos meses, e com a bagagem enorme que adquiriu lá fora, não via a hora de começar a colocar tudo em prática.

Passava quase que semanalmente na sua loja, seja para conversar sobre alguma coisa sobre arte, ou comprar utensílios para as minhas primeiras telas, já que eu havia perdido todo o meu material com o tempo que passei sem

tocar neles. Um certo dia, o André me confidenciou que estava perdido em alguns pontos na loja, e que somente a Sabrina, não estava dando conta da organização e me perguntou se eu sabia de alguém, que entendesse da área e que estava disponível para começar a trabalhar na outra semana.

Não pensei duas vezes antes de me candidatar à vaga. Até o André estranhou o meu comportamento, quase que desesperada pelo emprego, mas para mim, via isso como um passo a mais para o meu plano de voltar à vida. Um trabalho fixo e um salário na conta que pudesse me dar mais independência do Cae. Claro que eu avisei que a minha experiência era nula, mas que eu me desdobraria em mil para aprender e que daria o melhor de mim. André aceitou sem pensar duas vezes, e ainda me disse que ele também não tinha experiência no ramo e estava aprendendo, porém sabia que eu conhecia materiais e produtos que a loja necessitava, e isso já era um currículo e tanto.

Comecei a trabalhar e me senti viva e útil como não me sentia há muito tempo. Preenchi a minha cabeça com coisas que realmente interessavam e muitas vezes nem acreditava de como o dia havia chegado tão rápido ao fim, de tão entretida que estava no trabalho.

Era tão bom chegar em casa, cansada e com o sentimento de dever cumprido, e depois acordar disposta a fazer tudo novamente.

Meu casamento com o Cae já estava por um fio. Desde que ele se descobriu pai daquela coisa fofa que se chama Antônio, ele ficou bem abalado. Seu mundo, metódico e que ele fazia o máximo para deixar completamente organizado e limpo, estava enfrentando o maior furacão de todos: a mãe do seu filho, Elis.

Quando eles se relacionaram pela primeira vez, eu vi o Cae tocando a vida com um futuro aberto na sua frente, e quando eu percebi, que mais uma vez, havia atrapalhado seus sonhos, eu me senti péssima, uma pedra no sapato que sempre dava um jeito de voltar a incomodar.

E com a reaproximação deles, vi o Cae ter todos os seus muros derrubados pelos dois. E eu não pude ficar mais feliz em ver o meu primo voltando a amar novamente e formando a família que ele sempre quis ter.

Assinei o divórcio com o meu coração transbordando de felicidade pelos dois. Dei um beijo na bochecha dele e disse que se alguém merece ser feliz nesse mundo, era ele. E hoje eu vejo que essa foi a melhor coisa que

fizemos juntos.

De quebra com a Elis e o Antônio, conheci o Noah, Su e os seus dois filhos, Yago e Fofinha. Eles têm uma amizade tão linda que chega a dar uma pitada de inveja para quem vê de fora tudo isso. Elis e Su são amigas desde os tempos de faculdade e trabalham juntas nos eventos que a Su organiza. Elas brigam e se reconciliam na velocidade da luz, mas nunca deixam de ficar perto uma da outra. Moram no mesmo prédio e andar, e ainda, dividem as tarefas de casa e cuidam das crianças juntas. Melhor prova de amizade não há.

Sempre quando tem algum almoço, com todos juntos, eu e o Luiz, sempre somos convidados, assim como hoje. Estamos na beira da piscina com as crianças nadando e brincando de se atirarem n'água. Me sento em uma das cadeiras e dois segundos depois o Luiz se atira ao meu lado, me molhando toda.

– Não vai entrar na água? – Faço bico dizendo que não. – Por quê?

– Não trouxe roupa.

– A Elis deve ter alguma coisa que te sirva, está um calor desgraçado aqui.

Não respondo, apenas olho para as crianças se atirando na água e o Noah brigando com o JB que quer um pouco do churrasco que ele está fazendo.

– Esconder as marcas não ajuda em nada Olívia. Estamos só com conhecidos aqui, todos nós sabemos das tuas cicatrizes.

– Fala a pessoa que tatuou em cima da cicatriz. – Revido para ele.

– Touchê!

Luiz levanta e eu penso que vai me deixar em paz com os meus pensamentos, mas quando eu o percebo me pegar no colo, como se eu não pesasse mais do que alguns poucos quilos.

– Se tu não vai por bem.

– Não inventa Luiz! Me coloca no chão agora!

– Hey crianças, o que vocês acham? Jogo a tia Liv na piscina de roupa e tudo?

E a próxima coisa que eu sinto, é a água gelada no meu corpo que

afunda até bater de bunda no chão da piscina.

.

– Se eu pegar uma pneumonia vou mandar a conta do médico para ti. – Digo sentada ao lado do Luiz no seu carro.

No final das contas, a Elis teve que me emprestar uma roupa, já que o Antônio me tirou para salva-vidas particular e fiquei brincando com ele e as crianças dentro da água.

– Não precisa, eu te atendo. Ainda posso receitar medicamentos além de acalma leão e coisa do tipo.

Estamos voltando para casa, e eu de carona com o Luiz. Isso é completamente contramão da casa dele, mas ele não aceitou quando eu neguei a carona e quase que me obrigou a estar aqui com ele. Fico em silêncio enquanto ele fala como uma matraca ao meu lado, dizendo que não vê a hora de embarcar para a Europa onde vai passar quinze dias com a filha.

Conhecendo ele, do jeito que conheço, sei que ele está uma pilha de ansiedade por rever a filha. Acho fofo esse jeito de pai bobão que o Luiz tem com a Luiza, mesmo ela já tendo vinte anos. Para ele, é como se ela nunca crescesse.

– E então, o que tu vai fazer enquanto eu e o teu ex não estivermos aqui?

– Trabalhar e pintar.

– E..?

Olho para ele que está focado na estrada a nossa frente e estranho essa pergunta.

– E mais nada. – Luiz olha rapidamente para mim e balança a cabeça negativamente.

– E o convite para a tal convenção de materiais da loja que tu foi convidada pelo André?

Mas como..? Luiz continua a dirigir e eu fico me perguntando, como ele descobriu isso? Nem para o Cae eu contei, a única pessoa que sabe, além do André é a...

– Isso não é antiético? Tu e a minha psicóloga conversando sobre mim assim?

– Ética nunca foi o meu forte mesmo. – Ele dá os ombros. – E como a Fabi sabe que eu sou o teu amigo, ela me disse que tu estás irredutível com isso. E a curiosidade me bateu e eu quero saber o porquê de não aceitar o convite. É uma boa experiência para o teu trabalho e tu sai de casa Liv. Só me dá um motivo para não aceitar. O André é um cara legal, eu conheci ele naquele evento de arrecadação de fundos do Orfanato, ele não tirou os olhos de ti.

– Ele é gay. – Falo emburrada. Não acredito que a minha psicóloga tem um canal tão aberto assim com o Luiz, isso é inadmissível!

– E tu preconceituosa com isso? Vamos lá Liv, isso não me convence em nada. Tenho algumas teorias e quero saber qual delas está certa ao teu respeito.

– Não tenho nada para falar Luiz. Já basta a quebra de confiança que eu tive nesse momento com a Fabi.

– Calma o teu coração filha, ela só me perguntou se eu poderia ajudar a colocar isso na tua cabeça, certo? Não foi nada demais que conversamos, só isso.

Continuo em silêncio.

– Liv, Liv, Liv, Liv... Tu sabe que isso não adianta comigo. Não vai falar? Ok, eu explano as minhas teorias sobre isso mesmo assim. – Reviro os olhos para o nada. – Primeiro, teu medo de ter uma crise de pânico lá no meio. Segundo, a cidade é de praia e tu tem vergonha das tuas cicatrizes e terceiro, medo do terror noturno. E eu te digo uma coisa Olívia: deixa de ser besta e vai de uma vez!

Luiz toma um fôlego e continua a falar.

– Ter uma crise de pânico é o que mais que te apresentaria problemas, e mesmo assim, eu sei que tu tem total capacidade de lidar com ela sozinha. Segundo, as tuas cicatrizes não são horríveis assim. Eu te joguei na água hoje e tu te saiu muito bem com isso.

– Não tive escolha. – Retruco emburrada.

– Que seja Liv. Mesmo assim, deixar de viver a vida por causa disso é besteira. Eu não gostava da minha, cobri ela, e pronto. Ninguém é perfeito, com corpo escultural sem procedimento cirúrgico, isso é mito da mídia, então não se aplica em ti, certo? Eu te vi se divertindo com as crianças na água e

isso vale mais do que o teu medo do que as pessoas vão falar de ti. E o meu terceiro ponto, os sonhos revivendo o passado. Eu sei que não tem como a gente controlar isso, tanto que até hoje eu sonho com o meu acidente também e acordo assustado, mas isso também não pode te impedir de viver Olívia. Com certeza vocês vão para um hotel e quartos separados, se tu acordar gritando, no outro dia pela manhã tu coloca a culpa no outro quarto, ninguém precisa saber que foi tu. Problemas resolvidos, supere isso.

Luiz me deixa em casa com essas palavras.

Realmente, meu medo de sair em uma viagem com o André extrapola todas essas hipóteses e os sentimentos por elas desenvolvidos. Sim, eu sei que sou uma depressiva em tratamento, e é normal eu me sentir completamente retraída com a possibilidade de ter algum fator desencadeante para cada um dos meus sintomas: pânico noturno pós-traumático e o medo incontrolável de ficar em algum lugar com muitas pessoas e surtar.

Por isso evito o máximo que posso situações que envolvam algum desses gatilhos que me deixam em estado de medo total. Será um crime inafiançável de minha parte, querer ficar sozinha, quietinha na minha, dando os passos fixos conforme eu sei que os meus pés vão aguentar?

Acredito que por esse meu ponto de vista não seja passivo de pena perpétua. Mas aos olhos dos outros, mesmo aqueles que só querem o meu bem, eu tenho que sair da minha zona de conforto para mostrar que estou me recuperando da melhor forma possível. Afinal, a minha “doença” é apenas bobagem, segundo algumas concepções errôneas e infundadas.

Deito a minha cabeça no travesseiro ainda indignada com o fato da Fabi e o Luiz estarem fazendo do meu caso assunto para o chá das cinco. Na minha próxima consulta vou acabar com esses papos de comadres entre eles.

Capítulo 4

Ainda não entendi qual a finalidade do Luiz e a minha psicóloga unirem forças para que eu vá nessa viagem com o André. E também, me xingo a cada vez que algum deles toca no assunto por ter levando essa pauta para a consulta.

Agora estou aqui, sentada na frente da Fabi. Estamos nos encarando por alguns segundos para ver quem cede primeiro. E como eu estou cheia de coisa para fazer no trabalho, resolvo falar para me livrar disso de uma vez.

– Não foi muito legal meter o Luiz nessa história. – Fabi sorri para mim calmamente.

– Eu e o Luiz temos alguns pacientes em comum e é normal nós discutirmos alguns procedimentos de conduta. Todos nós somos passivos de erros e buscamos opiniões sobre os casos em especial.

Bom saber que eu sou enquadrada nos “casos em especial”.

– Eu sempre soube que vocês são amigos e pensei que tê-lo como aliado seria uma coisa boa.

Penso em intervir e dizer que o Luiz não é uma pessoa muito boa para ter contra. Ele é manipulador com aqueles olhos de cachorro sem dono e o jeitinho de adolescente crescido que tem.

– O que eu quero que tu entenda, Olívia, é que essa recusa em aproveitar essa viagem é uma coisa incoerente. Viver com o medo de que alguma coisa possa acontecer não é bom. O Luiz deve ter de dito isso, mas ele te contou o processo que passou?

Nego com a cabeça.

– A Joana morreu em um acidente de carro com ele dirigindo. Levou algum tempo para ele voltar a dirigir novamente. Ele sabia que tinha medo, mas não como superar. E um dia, a Luiza adoeceu e ele precisou levar ela ao hospital correndo e teve que entrar no carro às pressas. E só se deu conta disso quando estava trazendo a filha de volta para casa. Depois disso, viu que o medo dele em relação ao seu carro era insignificante. É normal sentir medo Olívia, mas nós precisamos nos acostumar a viver com ele e superar.

– Eu já superei tanta coisa. – Falo baixinho.

– Sim, por isso mesmo. Fez tantas coisas mais significativas do que

isso. E agora está com receio de sair para te divertir e aprender mais sobre o teu trabalho. Uma semana não é nada comparado ao que tu já vez, e vem fazendo. Vai te divertir, conversa com o André, vocês não são amigos há tempos?

Concordo com a cabeça.

– Então, não há motivo nenhum para se negar isso.

.

Abro a porta da loja e a Sabrina já aponta para o depósito.

– Chefinho quer falar com a chefe.

Passo por ela que volta a baixar a cabeça para a tela do computador lendo alguma coisa e vou para a direção do depósito. Caminho por entre as prateleiras e nada do André, até que escuto uma música vinda do andar de cima.

Chego ao pé da escada e paro. A casa do André fica acima da loja e além da porta externa, tem essa escada que faz a comunicação os andares. Dou meia volta e espero o André descer do seu apartamento para conversarmos.

Cada artista tem a sua forma de trabalhar. A minha depende do dia. Tem alguns que é no silêncio de uma sala que fiz no apartamento novo especialmente para pintar com todos os meus apetrechos. Às vezes coloco alguma música baixa ou até mesmo ligo a rádio local para escutar alguma coisa atual. Não dou bola se tenho presença de alguém ou se o vizinho está dando a maior festa do pedaço. Porém, sei de pessoas que fazem todo um ritual para pintar e fazer esculturas, e como não sei as predileções do André, deixo ele em paz.

– Ele está no apartamento, depois converso com ele. – Digo a Sabrina e começamos o dia de trabalho.

A conversa que tive com a Fabi me abre outro panorama. Será que eu estou me fazendo de difícil para uma coisa tão boba assim?

O que me custará uma semana de viagem ao lado do meu amigo vendo as coisas que nós gostamos e que possam render novidades para a loja? Como ela disse, se o que me aterroriza é o fato de ter uma crise de pânico, posso falar com o André para que ele não se assuste se isso acontecer e que me ajude a parar com o ataque. Simples assim, não é?

Olhando por esse lado parece coisa fácil. Deixe as pessoas sob aviso que há uma depressiva com síndrome do pânico no recinto e quando ela tiver o ataque vamos lá ajudá-la com aquelas frases prontas do tipo: vai passar, é coisa pouca, respira direito que acaba, ou a minha preferida, deixa de bobagem guria, isso é só para chamar a atenção.

Será que essas pessoas que falam isso têm noção do que é ter esses ataques? O mundo caindo aos poucos em cima dos teus ombros e a respiração, por mais força que façamos, o oxigênio não chegar aos pulmões com o mínimo necessário para a sobrevivência? O peso esmagador no peito como se um caminhão estivesse em cima de ti, te obrigando a suportar tudo isso. E tantas coisas mais que acontecem.

Realmente não, a maioria das pessoas não têm ideia do que é sentir isso.

Quando tenho as minhas crises noturnas, logo após os pesadelos que possuo com o acidente, eu acordo desse jeito. Me retraio toda na cama até quase virar um tatu-bola em modo de defesa. Tento voltar os meus pensamentos para coisas boas que acontecem à minha volta. Meus quadros, meu trabalho, no AC sendo feliz com a Elis, o Antônio brincando com as tintas comigo, as crianças do orfanato felizes com a minha presença lá e tantas outras coisas que me façam ver a beleza do mundo.

Muitas vezes chego a perder a noção do tempo de quanto tempo fico nesse estado quase que catatônico no escuro. Tem vezes que eu mesma, sabendo que estou próxima a uma coisa que desencadeia esse quadro, me afasto e foco a minha atenção em outras coisas a minha volta, mas as noturnas sempre chegam sem avisar e são as piores de todas.

Na época que eu estava casada com o Cae, ele me confortava nos seus braços até que eu me sentisse novamente segura. Me embalava falando coisas que desviassem a minha atenção do pânico, lembrando de tempos em que brincávamos na comunidade alternativa que ele morava, ou então no parque que havia perto da minha antiga casa. Não foram poucas as vezes em que interrompia o seu sono aos gritos e desolada.

A primeira vez que tive um ataque de pânico e estava sozinha, foi em uma festa de uma amiga antiga e confundi o banheiro com a sala de reuniões do salão. Eu entrei em pânico com a quantidade de pessoas estranhas a minha volta e a música alta misturada com as diversas conversas. Minha respiração

passou de uma coisa automática para sôfrega e curta. Sabia que estava entrando em uma crise e o fato piorou quando me dei conta de que o Cae não estaria ao meu lado para me acudir.

Sai cambaleando, entrei na primeira porta que vi na minha frente e dei de cara com a Su e a Elis conversando. Pensei que seria o meu fim. Estava somente esperando os segundos finais, antes da angústia no meu peito tomar conta e a pressão sobre o meu corpo, como se eu fosse explodir a qualquer momento, tomarem conta de mim e tudo ir por água abaixo.

Quando as duas começaram a me acalmar, e a minha respiração se normalizar, percebi que o pior já tinha passado. A presença das duas conversando comigo e me distraíndo funcionou tão bem, que quando percebi, já estava com a minha respiração normalizada e o pânico havia passado.

Foi a primeira vez que vi que poderia sobreviver a um ataque sem a presença do Cae ao meu lado e foi essa pequena vitória que desencadeou as outras, e por isso hoje eu estou aqui.

Voltar a viver sozinha é uma batalha diária. Ainda mais naqueles dias em que acordo “com o pé esquerdo” e a minha vontade é ficar isolada em um quarto escuro olhando para as paredes. Eles apareciam com mais frequência, mas agora, depois de um bom tempo, já quase não fazem parte da minha vida, e quando eu percebo que é um dia de trevas, tento colocar o meu pensamento para outros lados e achar alguma ocupação para a minha mente.

Além do meu trabalho e os meus quadros, outra coisa que me fazem esquecer de tudo a minha volta é o trabalho com as crianças no Orfanato. A primeira vez que as vi foi quando o Cae estava casado comigo e tivemos que entregar o Antônio para a Elis lá. Percebi que aquelas crianças eram especiais em todos os sentidos.

Foi tão lindo a recepção deles com a gente que cheguei a ficar emocionada depois do susto inicial. Lembro como se fosse hoje, o Yago, filho dos melhores amigos da Elis, me levando à cozinha, onde a Elis estava e no meio do caminho alguém o chamou para ajudar com outra coisa. Ele me deixou no corredor com algumas meninas que passavam por lá. Senti as pressões se acumularem no meu corpo e um arrepio me passou quando percebi que estava sendo preparada para mais um ataque de pânico. As meninas começaram a falar comigo e perguntando coisas de mim, me foquei nelas as respondendo para não me deixar levar pela situação e quando percebi

elas estavam me levando ao dormitório delas onde iriam me mostrar os brinquedos que cada uma mais gostava.

Me peguei sentada em uma cama, com as crianças, brincando de boneca com elas. Outras chegaram e começaram a brincar também. E quando me dei por conta, estava envolta com todas aquelas crianças brincando, rindo e conversando comigo sobre coisas que elas adoravam. E eu, estava completamente absorta, sem saber como tudo se desenvolveu.

Passado o primeiro dia, eu voltei outras vezes. Algumas eu era levada a uma sala onde elas liam os livros que retiravam na biblioteca da escola, outras brincávamos de boneca no sol do pátio principal e, quando eu voltei a pintar, resolvi começar a dar aulas para as crianças.

Não se enquadra bem no estilo de aula de inglês que o Noah leciona ou com as de música da Su. Simplesmente, eu fico em uma sala com as crianças e deixo elas se divertirem com as cores das tintas, lápis e qualquer coisa com que possam fazer arte. Quando elas pedem, ensino uns truques e outros de pinturas e assim ficamos todas as tardes de sábado.

Sabrina sai para o almoço e eu fecho a porta principal da loja para reabrir depois. Vou até o depósito e me sento em uma das cadeiras e como o sanduiche que trouxe de casa. Volto para o computador para terminar o que estava fazendo e ouço alguém se aproximando. E quase morro de susto pensando que é algum assaltante.

– Está fazendo o que aqui sozinha Princesa? – André sorri para mim.

– Terminando umas coisas. – Levanto os olhos em sua direção e vejo o seu rosto sujo de chocolate.

– Agora não é hora do almoço? Deveria estar fazendo isso, e não aqui na frente do computador.

– Cheguei mais tarde porque estava na minha consulta. Só estou compensando.

– Ah Liv! Como seu tu precisasse disso. Vem, vamos almoçar decentemente.

– Eu comi um sanduíche agora, já almocei.

– E eu um pão com Nutella. Nenhum almoçou decentemente, vamos lá.

– Não dá, já estou cheia! E tu não nega que comeu chocolate há pouco.

– Começo a rir e aponto para o seu rosto.

– Como assim... – André se vira para o espelho atrás dele, vê a bagunça no seu rosto e se limpa. – Acho que comi mais Nutella que pão.

– Não enjoa? – Uma vez experimentei, gostei, mas não para comer na proporção dele que come de colher.

– Nunca. Nutella é o doce dos deuses.

– Não, o doce dos deuses é ambrosia. – André nega com a cabeça para mim e sorri com os olhos azuis brilhantes.

– Porque naquela época não existia a Nutella. Abençoada Nutella! – Ele junta as mãos, como se fosse orar e olha para cima.

Convenço ele que não quero almoçar hoje. E então ele me faz prometer que iria jantar com ele no shopping aqui perto. Eu já estava cansada àquela hora do dia, quem diria até o final do expediente. Só que eu não consegui me livrar dele e acabei cedendo, até porque hoje é sexta e amanhã posso dormir até mais tarde um pouco.

.

– Fast-food ou outra coisa? – André me pergunta assim que entramos na praça de alimentação do shopping.

Como é uma sexta-feira quase noite, o ambiente está cheio. Adolescentes nas filas das lanchonetes, casais dos restaurantes e amigos em happy hour com os colegas de trabalho.

– Comida normal, chega de besteiras para nós hoje.

Como o movimento estava calmo, resolvemos fazer uma pequena encomenda na padaria da outra rua. Bom... Não foi nada saudável o que compramos para o café da tarde.

Escolhemos um restaurante simples e olhamos juntos no mesmo cardápio.

– O senhor é que vai pagar? – A atendente pergunta automaticamente mexendo na tela do computador touch.

André não entende a pergunta, e eu digo rápido que não. Ela deve ter pensando que nós éramos um casal. Enquanto eu puxo o meu cartão, observo as outras mesas do ambiente em que estamos. Todas as mesas enfeitadas com flores e uma toalha com tema de corações. E quando percebo, vejo o cartaz

de “sexta dos casais” bem estampado na minha frente.

Pagamos e quando vamos para a mesa, eu começo a rir da suposição da atendente.

– O que foi? Eu estou sujo de Nutella de novo? – André começa a passar a mão no rosto.

– Não! Tu não entendeu? – Ele olha para mim e nega. – Ela pensou que nós fôssemos um casal.

Vejo os olhos do André brilharem de um modo encantador antes dele começar a rir.

– Quer fingir por uma noite? – Sua voz sai tão convicta que quase acredito que ele queria fingir mesmo.

– Não, obrigada! – Digo e começamos a rir.

Quase concluo que já basta um casamento falso, isso já valeu a minha vida e mais umas cinco futuras. E o fato que o André é do mesmo time que eu, então seria uma coisa muito estranha, por assim se falar.

Ele nunca se assumiu, de colocar as cartas na mesa. Mas os boatos da faculdade, além de eu nunca ter visto ele com mulher nenhuma e, muito menos, falar sobre alguma que fosse, reforça mais essa teoria.

Não tenho, e nunca tive nenhum preconceito contra isso. Ainda mais com o André que é um amor de pessoa.

Sentamos em uma mesa afastada das de outros casais, que eram realmente casais. André olha para mim e começa a falar.

– Liv, eu sei que tu passou uma barra agora, e entendo sobre tu me responder com um não para aquela viagem, mas eu não me perdoaria se não tentasse mais uma vez te convencer.

Eu sabia que ele tocaria nesse assunto. Me mexo na cadeira desconfortável e volto a focar no André e nos seus olhos azuis.

– Isso seria importante para a loja e também para ti descansar depois de tudo que aconteceu nesses últimos meses.

– André eu...

– Eu entendo Liv. – Ele desvia o olhar e eu sinto como uma pedra tivesse se instalado no meu estômago com isso.

A nossa comida chega e começamos a comer em silêncio.

Conversamos sobre mais algumas coisas sobre a loja e assuntos diversos, o preço dos materiais, algum caso engraçado que ocorreu quando ele estava ausente e até sobre o seu trabalho da pós com as suas fotos sobre a real mulher.

Sáímos do restaurante e caminhamos por umas lojas, já que eu mencionei que precisava comprar algumas coisas para o apartamento novo, e ele resolveu me ajudar com ideias e opiniões.

Dentro da loja, fomos confundidos novamente como um jovem casal. Eu já estava começando a ficar constrangida com a situação. Comprei o que precisava e o André recusou a minha oferta sobre pegar um táxi para ir para casa, já que ultimamente os relatos de assalto à passageiros pelos próprios taxistas.

Me despedi do André com um sorriso seu não chegando aos seus olhos. E de novo, eu me senti culpada por isso.

Em casa, depois do banho e estar deitada na cama para dormir, pego o meu celular e olho as fotos do Luiz arrumando a sua mala. Se o Ac tivesse visto essa bagunça de roupas, teria tido um infarto instantâneo. A bagunça é tanto, que eu custo a enxergar o Luiz embaixo dela.

Liv: Tu está soterrado?

Luiz: Puxei um casaco e veio quilos de roupas juntos. Cheguei a enxergar a sombra no fim do túnel, quase a luz. Onde tu estava para me responder só a essa hora?

Liv: Hahahahahaha. Fui jantar com o André no shopping.

[illegible]

Liv: Mais nada. Fomos jantar, conversar e coisas assim...

Luiz: Sem graça...

Liv: Ele disse que entendia se eu não fosse viajar com ele. Mas eu estou me sentindo péssima por isso. O que eu faço?

Luiz: Deixa de ser teimosa e vai. Ou vem comigo. Vai estar frio pra caralho.

Liv: Não gosto de frio.

Luiz: Então vai, pequena coisa. Vou atirar as roupas no chão e dormir em

cima delas. Amanhã nos falamos, baby.

Liv: Beijos, e arruma essas roupas.

Luiz: Vou pensar. Acho que vou me atirar em cima da montanha e dormir por aqui, mais rápido.

Liv: Hahahahaha preguiçoso!

Luiz: Tá me achando com cara de AC? Que dobra milimetricamente as roupas?

Liv: Longe disso.

Luiz: Ok, acho bom! Fui dormir e Liv, eu confio em ti e sei que tudo vai dar certo, só depende de ti mesma.

Fico olhando as últimas cinco palavras que o Luiz me escreveu “só depende de ti mesma”, e isso me atinge em cheio.

Flashs de memória do meu antes e do meu agora me atormentam até eu sentir uma pontada no meu peito, como se alguma coisa ruim quisesse sair de dentro de mim.

Só dependo de mim mesma para conseguir me curar.

Essa revelação vem como uma epifania, daquelas que nos abrem os olhos de um breu intenso para a claridade extrema. Agora eu vejo com clareza o meu problema, entendi que se eu ficar em casa, com medo de tudo e de todos, esse meu receio de ter alguma coisa em público vai me levar de novo aos pensamentos obscuros.

E eu jurei para mim mesma que nunca mais voltaria a ter essas coisas me rondando, como uma sombra sorrateira esperando um momento de fraqueza para me atacar e me arrastar profundamente.

Sou artista e lido com cores. A escuridão é a falta de cores e de luz. Então deixar me sucumbir pela falta delas é altamente irônico de minha parte.

Pela segunda vez na noite, pego o meu celular e procuro o número na agenda. Espero alguém atender e ao invés de ouvir a sua voz, escuto um latido.

– Para Leco, sai de cima de mim! – A voz abafada do André me faz imaginar a cena. Aquele “pequeno” cachorro em cima dele. – Alô!

– Muito tarde para te ligar? – Falo com um pouco de vergonha pelo

horário. Ouço o sorriso do André escapar dos seus lábios.

– Nunca Princesa, nenhum horário é tarde para ti. Em que posso ser útil? – Um barulho estranho vem do outro lado da linha e eu estranho – Leco! Larga o controle da TV!

– Leco agitado hoje?

– Não. – Ouço o gemido do cachorro, como se alguém tivesse tirado o brinquedo dele. – Até que está calmo.

A linha fica em silêncio e eu tomo uma respiração profunda para falar, antes que eu perdesse a coragem.

– Eu vou à viagem André. – Falo de supetão sem pausa entre uma palavra e outra. Paro para respirar, vendo que já tinha profetizado as palavras e termino a frase quase como um sussurro. – Isso, se ainda tiver disponível.

Alguns segundos se passam e a linha ainda continua silenciosa. Olho para o meu celular para ver se a ligação havia caído, mas confirmo com o contador que ainda está em curso.

– André?

– Sêrio Princesa?

– Sim. Mas eu entendo se tu já convidou alguém e...

– Não! Essa vaga sempre foi tua Liv. Se tu não fosse, nem sei se eu iria, porque sem ti, não ia ter graça nenhuma.

Agora é a minha vez de sorrir para o telefone. O André, realmente faz eu me sentir especial, de um jeito muito confortável.

– Certo então, eu vou. Ou melhor, nós vamos.

– Isso não poderia ser mais perfeito, Liv. Já vou reservar com o fornecedor e amanhã eu te mando os horários certos.

– Boa noite, André. – Digo sorrindo para o nada.

– Muito boa, Princesa, ainda mais agora. Eu prometo que vamos fazer essa viagem ser inesquecível para nós.

Capítulo 5

– Nervosa, Princesa?

Olho para o André com um sorriso amarelo no rosto. Nervosa é pouco para mim.

Estamos dentro do avião com a aeromoça fazendo aqueles sinais estranhos à frente dos passageiros. Tento me acalmar, mas a gravação narrando o que fazer se o avião cair na água e como retirar o acento flutuante, não é nada relaxante.

– É um voo curto, quando menos esperarmos já chegamos.

O motor do avião é acionado e eu me encosto no banco, quase querendo entrar dentro dele. Se eu já não gosto muito de andar de ônibus, quem dirá de um avião.

Lentamente ele taxia na pista e quando fica em posição reta e acelera, o motor faz um barulho altíssimo. Quando começa a pegar velocidade, eu me agarro na mão do André e no outro apoio de braço. Escuto a sua risada, sinto ele beijar a minha mão e apertar. O avião começa a ganhar altitude e eu tenho a sensação de que os meus ouvidos vão explodir a qualquer segundo. A vertigem toma conta de mim por completo. Só consigo fechar os olhos e me concentrar em esmagar a mão do André para tirar a tensão.

– Liv? – Ouço André me chamando. – Já passou princesa, abre os olhos e veja a janela. Tudo ficando pequeno.

Lentamente, como alguém que estava na escuridão há anos e resolveu sair para o sol, abro meus olhos e encontro o André sorrindo para mim. Ainda estou nervosa, mas só o fato de não sentir mais a vertigem, já ajuda muito nesse momento. Meu companheiro de viagem aponta para a minúscula janela ao meu lado e aos poucos eu vou me virando.

Quando eu vejo a paisagem se afastando do avião, chego a abrir um sorriso bobo e infantil.

– Pronto, sobreviveu à decolagem.

– Nem quero imaginar como é a descida. – Digo por fim, com o nervosismo quase todo fora do meu corpo.

Solto a mão do André, já que eu vou precisar dela na aterrissagem e na viagem de volta, e consigo respirar mais aliviada.

Em uma semana eu estava completamente decidida a não vir com ele nessa viagem e agora estou nas nuvens, literalmente, com sua companhia ao meu lado.

Assim que recebi o e-mail com a confirmação e os horários, comecei a ficar ansiosa. Pois seria em poucos dias e eu tinha tantas coisas para deixar organizadas para a minha saída não trazer atrasos para as minhas telas e nem na loja.

Tive uma pequena crise por não saber o que vestir e muito menos o que levar na mala. Meu senso de moda nunca foi lá essas coisas. Ainda bem que pude contar com a ajuda da Elis nesse quesito. Quando mencionei isso, sexta enquanto jantávamos, cheguei a ver os seus olhos brilharem com os planos que começavam a se formar na sua mente brilhante.

Quase nem consegui ajudar o Cae a juntar os pratos sujos para levar à cozinha. Ela me arrastou por um braço para o seu quarto, me sentou na cama e começou a despencar roupas e mais roupas para o meu colo. Se não fosse a Su, sua vizinha, dizer para ela se controlar, eu ficaria mais soterrada de roupa que o Luiz naquele dia.

Nosso manequim é quase o mesmo, magro, alto, a diferença é que eu tenho mais volume de busto que ela. Claro que quando chegou o momento de começar a provar as roupas, eu fiquei morta de vergonha de ficar de calcinha e sutiã na frente delas. Enquanto elas tagarelavam, eu ficava na dúvida, e aquelas palavras do Luiz, voltavam a ecoar na minha cabeça...

Só depende de ti mesma...

E quando percebi, estava começando a tirar a roupa, e depois, passei o resto da noite experimentando roupas e vendo elas darem o veredito sobre os looks.

Não levei todas as que a Elis queria me empurrar, senão teria roupas para ficar um mês aqui. Recusei várias, alegando que ela também iria precisar de algumas roupas para ir para a fazenda com as crianças, e depois, ir para a praia. Sai de lá com meia dúzia de peças e com a ideia de que precisava parar no shopping e comprar mais algumas coisas, já que as que a Elis estava me emprestando, eram mais de praia. E dessa vez, não avisei ninguém, pois era uma coisa que eu queria fazer sozinha.

Acordei após poucas horas de sono, já que tive que terminar um quadro para entregar depois da minha volta. Fui para o shopping e comecei a catar

algumas roupas de verão mais formais para a convenção. E num acesso de consumismo extremo, me vi na seção de moda praia olhando os maiôs. Já que nunca eu iria me permitir usar um biquíni. Cai na lábia de uma vendedora altamente treinada com algumas artes psicológicas e sai de lá com mais esse item na sacola.

Me despedi das crianças do orfanato, que estavam agitadas com a viagem para a fazenda dos pais da Elis batendo à porta e voltei para casa, pronta para começar a me arrumar para hoje.

Coloquei tudo na mala, inclusive o maiô que eu já havia me arrependido de ter comprado. Passei boa parte da noite me revirando na cama com a sensação de que alguma coisa faltava. Acabei checando o meu celular diversas vezes, até receber uma foto do Luiz com a sua filha, deitados na neve da Europa. Conversamos um pouco, e depois disso, eu consegui dormir superficialmente, acordando de tempos em tempos, com medo de perder o horário.

André passou aqui com o táxi para irmos juntos para o aeroporto. Ele estava radiante, seu sorriso, iluminado pelos olhos azuis, me acalmava e mostrava a confiança que eu precisava para encarar a viagem. Às vezes, ações, como um sorriso radiante em sua direção, mostram-se mais eficaz do que palavras e anos de tratamento psicológico.

O voo passou rápido. Quando eu comecei a me acostumar a estar perto das nuvens, escutamos o comandante avisar que iríamos começar os procedimentos de pouso. Agarrei a mão do André de novo e soltei um suspiro de alívio ao estar no chão novamente.

Esperamos as malas e saímos para o sol da rua escaldante. Entramos no primeiro táxi que encontramos e demos o endereço do hotel. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para o Luiz e para Cae, avisando que havia chegado e estava bem. Nem preciso dizer que enquanto um se preocupava e me dava mil e um avisos e recomendações, o outro fez questão de me dizer para tomar um porre, cair na balada e encontrar alguém para passar a noite. Disse a mesma coisa para quem me deu essa última opinião, do que eu deveria fazer durante a viagem, mas só recebi uma série de risos.

- Estava com medo de ter turbulência no voo e eu ficar sem uma mão.
- André fala, olhando pela janela.
- Nem apertei tanto assim.

– Só quase me deixou sem circulação. – Sorrio para ele falsamente.

– Mentiroso.

– Brincadeira, Princesa. Mas falei a verdade da turbulência, até eu tinha medo quando pegava alguma. A pior que tive foi voando em cima do mar na volta para o Brasil. Pensei que o avião ia cair na água e nunca mais achariam o meu corpo.

– Que exagero, André!

Descemos em frente ao hotel e eu senti a maresia batendo no meu rosto. O André me mandou fotos dos quartos, instalações da convenção, mas esqueceu de mencionar que ele é de frente para o mar. E que a sua fachada é linda por fora. Quase me esqueço de fechar a boca, para não babar, quando entramos no saguão altamente lustrado, com uma decoração impecável e com quadros maravilhosos representando o mar para qual estamos de frente.

Damos os nossos nomes no balcão de atendimento e somos surpreendidos com uma notícia.

– Um quarto de casal, isso?

– Não, dois quartos simples. – André retruca.

– Não é o que consta no nosso sistema, senhor. O que nos foi repassado é nos nomes de André Müller e Olívia Santstevam.

Eu e o André nos entreolhamos e ele volta a falar com a atendente.

– E não tem como mudar para dois simples, ou um duplo, pelo menos?

A mulher, super bem maquiada, volta a digitar ferozmente no computador e a olhar a tela. E eu fico trocando o peso do corpo entre uma perna e outra.

– Infelizmente não. Todos os quartos do estabelecimento estão reservados e ocupados para a convenção no nosso salão de eventos.

André passa as mãos nos cabelos e olha para mim. Com um aceno simples de cabeça, caminhamos até uma ponta do balcão, isolado dos outros funcionários e começamos a conversar.

– Podemos ir em outro hotel por nossa conta. – Ele diz. – Eu disse que eram dois quartos simples, e não um casal. Não sei o que houve.

– Não tem problemas, André. E eu não me importo de dividir o quarto

contigo por esse tempo.

André pisca algumas vezes para mim e eu reforço o que eu disse.

– Não é nada demais. Essas coisas acontecem, eu não ligo.

– Sério, Princesa?

– Sim.

Ele sorri para mim e voltamos para falar com a atendente. Para quem viveu anos com o primo, casada com ele e dormindo juntos todas as noites, dividir a cama com o André por uma semana não vai ser nada. Já que estamos aqui, e de graça, vamos aproveitar o que o hotel pode nos dar.

Fazemos o nosso check-in sem problemas e subimos para o oitavo andar. Quando abrimos a porta do quarto, depois de descobrir como fazíamos isso com aqueles cartões magnéticos, soltamos um “uau” ao mesmo tempo. André caminha e tropeça em um tapete, quase caindo de cara no chão.

– Primeira coisa, tirar todos os tapetes do quarto. Nós nunca nos damos bem.

Rio dele e entro no quarto com o sol invadindo em cima da cama de casal gigante. Nem vou sentir o André ao meu lado nela. O quarto parece aqueles de cinema. Acho que eu nunca vi uma coisa tão bonita na minha frente.

Mas eu fico encantada mesmo é com as janelas. Quase dei um grito de felicidade quando vi que havia uma sacada gigante com vista para o mar. Abro o vidro e o som do mar quebrando na praia me faz sorrir. Me escoro no parapeito e fico olhando a paisagem.

Por André

Recolho todos os tapetes que encontro no quarto e coloco dentro do guarda-roupa. Seria mais fácil se eu não fosse tão desastrado assim. Coloco a minha mala ao lado da porta e vejo a Olívia escorada na sacada olhando o mar a nossa frente.

Desde que eu a vi na faculdade, anos atrás, soube que ela era diferente de todas as gurias que eu já tinha conhecido. Seu olhar vagando para todos os lados da sala, não negavam a sua fragilidade, como se alguém pudesse atacar a qualquer momento, mas a sua vontade de aprender e a inteligência sempre falaram mais alto que os seus medos. Princesa foi o apelido certo para

ela.

Sempre fui tímido. Daqueles de sentar no fundo da sala para passar despercebido. Claro que o “estilo de vida” que eu tinha, cabelos em algum tom de cor berrante, maquiagem pesada nos olhos e o piercing na sobrancelha ajudavam muito. Escutava músicas pesadas e sonhava em mostrar e fazer arte para todo mundo admirar. A faculdade me mostrou que eu poderia fazer isso sem problema nenhum, mas a vida real me mostrou outra coisa.

A opção de sair do país naquele momento foi a chave decisiva para eu não enlouquecer. Precisava juntar os meus cacos, lamber as minhas feridas, além de conhecer pessoas novas. Tudo isso porque eu me apaixonei por uma pessoa que me via como um amigo.

Os anos fora daqui foram o melhor professor que eu tive, tanto para a minha vida como para a carreira profissional. Trabalhei em diversos museus, sendo que em um deles, tive que me despedir do meu piercing na sobrancelha e colocar um mais para baixo para compensar. Aprendi mais do que em todos os anos de faculdade. Convivi com pessoas que respiravam arte o dia todo e, ainda por cima, consegui tocar a minha vida e ter alguns relacionamentos que me fizeram ver que tudo na vida passa.

Voltei para cá depois que tinha feito uma boa renda e resolvi investir. Comprei um sobrado, reformei a parte de baixo para deixar para a loja e me instalei na parte de cima para morar. Minha ideia principal era uma loja que vendesse artigo para todos os artistas, sejam plásticos, pintores, escultores e afins. Mas, ainda sentia que faltava alguma coisa.

Foi um dia, enquanto eu fazia a barba que olhei para a minha tatuagem no reflexo do espelho e tive uma ideia. Agenciar tatuadores que tinham talento, mas não possuíam dinheiro para bancar um estúdio. A princípio, isso me pareceu meio loucura, mas depois de mais alguns dias pensando, as coisas começaram a ficar mais concretas e realistas. Passei para o papel tudo o que eu precisaria e vi que se não desse certo, teria um gasto, que não seria pouco, e sem retorno.

Entrei em contato com alguns desenhistas que conheci no tempo de faculdade e fui pegando informações de quem poderia colocar para trabalhar e depois de muita procura, estudo sobre o funcionamento das coisas e acordos, conseguimos abrir o estúdio e o funcionamento dele me surpreende, positivamente, até hoje.

Aí começou a minha dor de cabeça. Eu não conseguia me desdobrar em vários para dar conta de tudo. Cheguei a desistir da minha pós-graduação em fotografia, porque cuidar da loja, estúdio e ainda me dedicar a pintar às vezes, não dava. E quando eu fico muito tempo sem mexer com as tintas sobre uma tela em branco, começo a ficar muito de mal com a vida.

Nesse meio tempo, eu já havia reencontrado a Liv, minha Princesa, que depois de anos, continuava linda. Mas eu sentia que ela estava diferente, seu sorriso e o brilho nos seus olhos já não eram mais os mesmos e ver isso me matava por dentro.

Eu soube do seu acidente, quando estava em viagem já por um dos nossos ex-colegas. Acompanhei, de longe, as notícias que chegavam. E quando descobri que ela havia se casado com o AC, eu percebi que a minha viagem foi a melhor decisão que eu tinha tomado. Naquela época, acho que não resistiria a isso.

Resolvi voltar depois de sentir saudade de casa. Achava que isso nunca poderia acontecer comigo, já que a Europa é um mar aberto de opções para a minha área, mas a falta do clima subtropical e outras “brasileirices” começaram a falar mais alto. Juntei uma boa grana, coisa que nunca conseguiria se ficasse por aqui e retornei com milhares de planos na cabeça.

Só que quando eu a reencontrei percebi que poderia passar o tempo que fosse, eu nunca conseguiria aniquilar os meus sentimentos. E ver a aliança na mão esquerda era o tapa na cara que eu recebi por ter sido tão idiota em não revelar os meus sentimentos quando tive oportunidade. Se eu não fosse tão cagão e medroso naquela época, a história poderia ter sido outra e eu não teria ficado com o peso na consciência de poder ter tido um final diferente.

Eu aprendi a minha lição com isso. E desde então, tento não ficar mais só na vontade quanto a tornar os meus sonhos realidade.

Abro a minha mala e tiro a minha câmera de dentro, conheço os serviços aéreos brasileiros e o “carinho” que eles dispensam à bagagem alheia e solto um suspiro em ver que não há um só arranhão na minha máquina. Ligo-a, levo ao meu rosto e foco a Olívia de costas para mim, com o mar a sua frente. Clico algumas vezes e me aproximo lentamente entre uma foto e outra dela assim tão descansada e com essa iluminação natural do sol, perfeita nos reflexos dos seus cabelos.

– Olha aqui, Liv. – Chamo ela por detrás da lente e quando ela se vira

para mim sorrindo, tiro mais uma foto espontânea do seu sorriso perfeito e feliz.

– Ah não! – Ela coloca as mãos na frente do rosto rapidamente. – Apaga isso André! Vai estragar a câmera com uma foto minha.

Começo a rir e tiro várias fotos dela se escondendo de mim. E tenho uma pequena amostra da Liv que eu realmente conheci na faculdade e não essa que ficou no seu lugar.

Quando a conheci ela era alegre, ria das minhas piadas sem graça sobre os professores e colegas no intervalo entre as aulas. Fazia bagunça nas turmas de pintura com as tintas e se escondeu dentro de um armário velho quando derrubamos uma escultura de um professor chato. A Olívia que conheço hoje é mais comedida, com um ar de tristeza a rodeando e no fundo, em momentos como esse, enxergo a Princesa que eu conheci.

– Para com isso e tira foto do mar André, bem melhor que eu.

– Não, gosto de fotografar pessoas e não paisagens, e como tu é a única que está aqui, é a cobaia perfeita.

Tiro mais algumas rápidas e desligo a câmera. E tenho que concordar, essa vista é magnífica a ponto de ficarmos sem fôlego.

– Acho que temos que fazer um sacrifício aqui Liv.

– Qual? – Ela me responde sem tirar os olhos da paisagem a nossa frente e, conhecendo a Liv como eu conheço, sei que deve estar memorizando o máximo de informações para quando voltarmos, isso tudo virar um belíssimo quadro.

– Descer e conferir essa paisagem de perto e dentro da água.

Ela vira para mim e eu sorrio.

Essa viagem não poderia ter vindo na melhor hora possível. Sei que ela passou por diversos problemas, desde o seu divórcio com o seu primo, que eu tenho uma leve desconfiança que não vai com a minha cara, ao falecimento do seu pai há algumas semanas.

– Ah... – fala assustada. – Acho que vou ficar aqui arrumando as coisas para amanhã e...

– E nada. A loja ganhou essa viagem pelas vendas e estamos aqui para aproveitar Liv. Tu não vai ficar aqui dentro com esse marzão na nossa frente,

vai?

Olívia desvia o olhar e encara o chão. Me aproximo dela e delicadamente inclino o seu queixo até ela voltar a olhar para mim. Vejo, no fundo dos seus olhos castanhos gigantes um medo inexplicável e daria um pedaço meu para descobrir como curar isso e ter a Liv alegre de novo na minha vida.

– Não aceito não como resposta. Vou trocar de roupa e quando eu sair do banheiro, tu vai estar com as tuas na mão e pronta para se trocar, ok?

Recebo um meio sorriso de resposta, vejo ela hesitar e soltar uma respiração cansada.

– Certo. Vamos para a praia então.

– É isso aí, Princesa. Vamos aproveitar essas férias que ganhamos.

.

– Não pode ser verdade! – Olívia me diz sentada à minha frente em um barzinho, devorando um prato de batata-frita com pequenos camarões.

– É sim! – Digo e tomo mais um gole de um drink exótico que eles serviram.

É, eles disseram que era fraco, mas eu já estou me sentindo solto demais. E o pior que eu levei a Liv comigo nessa onda.

Quando sai do banheiro de bermuda e camiseta, a Olívia estava me esperando com as roupas na mão. Sorri para ela e deixei o banheiro livre para ela se trocar. Esperei pacientemente no quarto, fuçando na TV a cabo e quando estava quase batendo na porta para saber se estava tudo bem, ela saiu do banheiro com uma bermuda até os joelhos e uma blusa comprida, quase maior que a minha. Era como se uma muçulmana estivesse indo à praia. Só faltava a burca para esconder o rosto.

Não comentei nada. Saímos para a praia, alugamos um guarda sol e cadeiras e ficamos conversando sobre a viagem e os pontos turísticos que poderíamos visitar na nossa estadia, já que havia dias em que a convenção seria apenas um turno e outros, com saída mais cedo. Olívia estava nervosa, olhando para todos os lados, como se estivesse com medo de ser observada por qualquer pessoa.

Decidi agir e tentei puxar ela para a água, sem sucesso nenhum. Nem

mesmo a roupa ela tirou para ficar mais à vontade, já que eu havia abandonado a camiseta no momento em que pisei na areia fofa. Fui para a água e a Liv disse que alguém precisava cuidar das coisas que íamos deixar e desisti de arrastar ela para lá, mas esse era o primeiro dia que estávamos aqui, até o final dessa viagem eu ia conseguir arrastar ela para a água comigo.

Caminhamos pela orla e eu tirei algumas fotos da paisagem e da Olívia de costas para mim com o pôr-do-sol de fundo. Quando a noite caiu e a fome bateu, entramos nesse barzinho e aceitamos a sugestão do garçom. Acho que ele mentiu para nós sobre o teor alcoólico, ou então, nos enganamos por ser uma bebida doce.

– Tem um cara olhando para ti. – Olívia fala com as bochechas vermelhas e um sorriso solto no rosto. E esse é o momento em que eu encerro os drinks coloridos para nós.

– Cara? – Olho para o garçom e movo os lábios dizendo água para ele que compreende.

– É. – Olívia toma o último gole da sua bebida rosa e se volta para mim. – Ele é bonitinho André, vale a pena retribuir.

– Como assim? – me viro, vejo um cara me encarando e piscando para mim.

Realmente a noite ficou interessante.

– Acho que vou recusar a oferta, Princesa. – Rio.

Não tenho nada contra gays, longe disso. Já recebi muita cantada nesse meio artístico, mas gosto de mulheres. Isso eu tenho cento e dez por cento de certeza.

– Não te acanha por mim, André. – O garçom deixa duas garrafas de água e a Olívia faz uma cara feia para ele. – Pode ficar com o quarto, eu fico na recepção olhando TV ou conversando pelo celular com o Luiz...

Ela continua falando e se serve de água. Será que ela pensa que eu sou...? Ai, droga...

– Olívia, tu acha que eu sou gay? – Pergunto, rezando para que ela diga que não, mas pelos seus olhos arregalados enquanto toma água, minha intuição não acredita muito que ela irá falar isso.

– Eu não tenho nada contra e...

– Ai, Liv... – Deixo a minha cabeça cair sobre os braços em cima da mesa. – Não, Princesa. Eu não sou gay.

Olívia quase espirra água em mim num acesso de tosse com a minha revelação, aparentemente bombástica.

– De onde tu tirou essa ideia, Princesa?

Começo a rir. Da ingenuidade da Olívia, dessa ironia do cacete e da situação. Essa é mais uma que vai para aquele caderninho de recordações embaraçosas da minha vida.

– Eu... – Ela balbucia. – Pensei que... Bom, na faculdade... eu não...

– Liv. – Chamo a sua atenção, e as bochechas vermelhas pelo álcool, tomam outra tonalidade.

– André desculpa! É que todo mundo falava isso na faculdade, eu nunca te vi com mais ninguém, nem falamos sobre isso e eu...

Ponto. Sim, admito que isso é base para essas conclusões precipitadas. Nunca dei nenhuma bandeira que pendia para um lado ou outro. Fora que eu era a única salsicha em uma classe de pão. Mas escutar isso dói. Para caralho.

Liv leva as mãos à cabeça e se apoia nos cotovelos. E, pela segunda vez, eu começo a rir novamente.

– Eu acho que vou enterrar a minha cabeça na areia depois dessa. – Paro de rir e toco no seu braço.

– Não precisa, Olívia. – Sorrio para ela quando vejo os seus olhos. – Acho que nunca conversamos sobre isso e na época da faculdade eu não era o exemplo de masculinidade. – Tento fazer uma piada, mas não sai do jeito que eu queria.

Terminamos de tomar a nossa água e comer, mas o assunto fez cair uns vinte graus e já estava começando a ficar quase glacial entre nós.

Dividimos a conta, já que a Olívia se negou a aceitar que eu pagasse por inteiro e saímos para o hotel em silêncio. Chegamos ao quarto e eu fui direto para o banho, pois estava salgado da água do mar e misturado com areia.

De baixo do chuveiro tento organizar os meus pensamentos perante essa nova realidade que se abriu na minha frente. Eu ser gay. Não. Nunca e... ah droga!

Desde a primeira vez que eu vi a Olívia, na sala de aula, eu tive uma revelação de que se eu pudesse, faria de tudo para ter ela como minha namorada. Além do fato de que ela estava namorando o AC, eu era um punk envergonhado que não sabia nem falar em público. Fazia cara de mal, mas por dentro tinha medo até da minha própria sombra.

Começamos a nos relacionar amigavelmente e eu caí de amores por ela. Seu jeito delicado e comedido bem como o olhar esperançoso por um futuro brilhante e artístico que via nas aulas. E eu ainda lá, com medo de levar uma coça do AC e de falar sobre os meus sentimentos!

Quando ela me contou que havia se separado do AC eu cheguei a sonhar com nós dois juntos. Mas faltava o principal de tudo: coragem para assumir e falar um por cento do que eu sentia pela Olívia. Fui adiando, colocando milhares de empecilhos, lista de prós e contras - sim, eu fiz isso, e achei essa maldita lista quando me mudava para cima da loja e, acreditem, eu guardei isso - e mais mil e uma desculpas que me impediram de abrir a boca e falar uma coisa tão simples.

Vivi na “friendzone” e me via num beco sem saída. De um lado, aquela remota, mínima e ínfima possibilidade da Liv corresponder aos meus sentimentos, e do outro, a esmagadora porcentagem de ficar com o coração quebrado e ainda sem a Olívia como amiga. Então o que eu fiz? Deixei isso de lado e continuei com aquela paixão platônica alimentada dia após dia, horas a fio na faculdade e nós juntos, como colegas e amigos.

E então, eu “perdi” a Olívia. Dessa vez, para o Jaime, um calouro da turma de Artes. Realmente eu deveria ter ficado feliz por ela. Mas o peso de ter sido um idiota, medroso e acima de tudo, cagão, me deixou muito mal e o pior de tudo, era quando a Olívia me perguntava por que eu estava estranho e eu dizia que não era nada de importante.

Carvalho André, não dá para não dizer que tu não parecia viado mesmo!

Mas agora tudo mudou. Eu, principalmente. Mudei e, ainda bem, que para melhor. Apreendi a ter mais confiança no meu taco e não me deixar abalar pelas outras possibilidades. Pode não ser agora, ou mês que vem, mas um dia a Olívia vai saber sobre os meus sentimentos por ela e ter o poder de escolher o nosso futuro.

Capítulo 6

“O barulho da chuva caindo na carroceria do carro é assustador. A pressão com que a água cai, com pingos grossos, parecem pedras atingindo tudo que está abaixo de si. O breu só é cortado pelos raios que riscam o céu da cidade e pelos faróis dos outros automóveis que estão na nossa contramão.

Estou apreensiva. Minhas mãos suam de nervosismo pelo temporal que cai em cima de nós e também por causa do AC com o seu jeito estranho de agir. Também não era para menos, por minha culpa, ele se distanciou de uma guria que abalou por completo as estruturas do coração do meu primo. Nunca na minha vida pensei que veria ele desse jeito por uma destinatária que conheceu em sua rota de entrega dos Correios.

Se não fosse a surra que levei do meu pai e ele ter ido me salvar, não sei nem se estaria aqui nesse carro com o meu namorado, Jaime.

Olho para ele, que dirige atentamente tentando enxergar alguns metros além da frente do carro. Sorrio para o nada e tento me acalmar. Falta pouco para ele me deixar em casa e eu vou o persuadir para ficar lá até a chuva dar uma trégua e não ter mais riscos.

Estar com ele, hoje me faz feliz. Meus sentimentos pelo Jaime são complexos a ponto de não conseguir explicar em palavras o que eles significam para mim. Acredito que nunca fui tão feliz como sou tendo ele ao meu lado. Não vejo a hora de conseguir me firmar na vida como uma artista independente e assim começarmos a nossa vida, juntos.

O céu se risca de branco novamente e o barulho ensurdecedor chega a doer em mim. Me agarro no banco do carro, fecho os olhos a esperando que termine. Alguns segundos depois, sinto os meus olhos arderem devido a uma luz e quando reabro sou engolida por ela e tudo de repente se apaga no momento em que o som alto retorna, dessa vez não de um trovão, é algo bem maior e mais destruidor...”

.

– Olívia! Acorda, Princesa! – Sinto alguém me sacudindo e começo a gritar.

Abro os olhos e não reconheço o meu quarto, nem onde estou e entro em pânico total. Uma dor aflige o meu peito como se fosse uma peça de

concreto me esmagando por dentro. Me encolho de uma maneira que nem a física pode explicar e sinto os meus pulmões começarem a entrar em colapso pela ardência que sinto para conseguir respirar novamente.

– Olívia! Olha para mim, sou eu, o André! – Vejo dois olhos azuis me encararem e braços me envolverem em um abraço reconfortante.

Me agarro nessa pessoa como se fosse um bote salva-vidas para quem está se afogando a mar aberto. Lágrimas correm livres pelo meu rosto e eu não consigo nem conter ou me preocupar em limpar, pois cada movimento do meu corpo faz ele relembrar toda a dor que eu passei após o acidente.

– Eu estou aqui, Princesa. – Sinto sua mão sobre o meu corpo em direção aos meus cabelos e eu me concentro em conseguir respirar burlando o aperto no meu peito.

O acidente. Sempre ele. Aquele que nunca se afasta de mim e nem me deixa passar um dia que seja sem me lembrar dele. Por mais que eu tente, e me esforce para isso, ele sempre volta a bater a minha porta para me fazer recordar de tudo que eu passei.

Aos poucos, vou me situando no tempo-espço em que me situo. Lembro que estou em uma viagem em um congresso com o André, na praia. Estamos em um hotel, dividindo o mesmo quarto e, inclusive a mesma cama. Consigo voltar a respirar normalmente enquanto sou embalada pelo meu amigo que me fala palavras reconfortantes.

– Princesa? – Ele me chama sussurrando. – Tudo bem?

Me solto dele e vergonha toma conta do meu corpo. Limpo o rastro de lágrimas, saio da cama em direção ao banheiro e quando me encaro no espelho do banheiro o reflexo desgrenhado e transtornado me leva as lágrimas novamente.

Por quê? Porque isso tem que me atormentar até o final da minha vida? Porque eu não morri nas ferragens e o Jaime não sobreviveu? A vida dele era mais importante que a minha naquela época. Ele tinha pais que o amavam e uma família atenciosa. E eu? O que eu tinha para me apegar nesse mundo? Um primo no qual eu acabei com a vida dele, uma mãe que me abandonou aos 13 anos com um pai que não suportava a minha sombra, o qual dizia que eu era um desperdício de tempo e dinheiro, de tão inútil que era.

Nada nesse mundo me prendia. O único que iria sofrer por mim era o

Cae, e mesmo assim, só por alguns meses, depois ele colocaria a vida dele de volta nos eixos. Teria acompanhado o nascimento do Antônio e não precisaria ter se sacrificado tanto trabalhando para cuidar do monte sem vida que eu me tornei.

– Olívia... – Escuto a batida de leve na porta do banheiro. – Não me assusta assim Princesa, eu preciso saber se está tudo bem contigo.

Me sento no chão escorada na parede e abraço as minhas pernas.

– Liv, eu vou abrir a porta de qualquer jeito se tu não me responder.

Silêncio. O rangido da porta me assusta e faz eu me encolher mais ainda. Não ousa levantar os meus olhos, mas percebo o André sentando ao meu lado, sem invadir o meu espaço.

– Sonhou com o acidente? – Sua voz baixa me faz olha para ele.

Aceno que sim, milimetricamente, com a cabeça.

– Eles veem com frequência?

Não respondo e desvio o olhar do dele, penetrante em mim.

– Eu não sei o que aconteceu, antes ou depois do acidente Liv, mas de uma coisa eu sei. – Volto a olhar para ele e espero ele concluir o seu pensamento. – Quando eu fiquei sabendo dele, estava na Europa, fiquei muito arrasado com o falecimento do Jaime, mas extremamente aliviado em saber que tu estava viva. Se tivesse acontecido o pior contigo, o mundo não seria mais tão colorido pra mim.

– Minha vida não era tão importante quanto a dele. – Falo na defensiva.

– Não, as duas vidas eram importantes e como teve gente que sofreu com a morte dele, muitas outras sofreriam por ti. E esse é o lado da história em que eu me encaixo, Liv. Tu foi a única amiga que eu tive em toda a minha vida. E eu não suportaria viver sem a minha Princesa no mesmo mundo que eu. – André se aproxima de mim, me puxa para o seu colo e eu me deixo ser embalada por ele enquanto tento me recompor.

.

Eu fico um caco de pessoa depois de um ataque grande desses. Tudo dói em mim, minha cabeça, meu corpo e principalmente, meus sentimentos.

Eu sei que vendo por fora, parece exagero em todos os sentidos. Depois que passa e eu estou estabilizada, percebo as besteiras que eu pensei. Claro

que isso eu só fui aceitar depois de muitas consultas com a psicóloga. É um duelo constante. De um lado a razão, querendo contornar a depressão e seus pensamentos pejorativos sobre mim mesma e do outro, a escuridão total colocando coisas na minha cabeça. No meio de tudo, isso eu me sinto completamente desesperada por um pouco de tranquilidade que me permita ver o lado bom das coisas, sempre.

Acordo e fico parada olhando para o teto. Desconfio plenamente de ter sido carregada para a cama pelo André, pois a última coisa que eu me lembro é de estar sentada no chão do banheiro com ele me consolando. Mais uma vez tenho um acesso de vergonha e a minha vontade é fazer as malas, voltar para casa e procurar outro emprego, porque agora ele sabe a louca que eu sou.

Minhas pernas parecem que pesam mil quilos cada uma me impossibilitando de levantar. Tento me esforçar, mas a briga interna é maior e a necessidade de ficar na cama ganha de tudo.

– Liv? – André levanta rápido e olha para mim assustado com os olhos azuis arregalados. – Tudo bem?

Respondo um sim e continuo a olhar o teto branco nessa cama gigante e macia do hotel. O barulho do ar-condicionado e o ambiente gelado me deixam com mais vontade de ficar enrolada em uma bolinha e dormir o dia todo. Só que isso não é opção.

– Vou para o banho. Pode dormir mais um pouco, Princesa. – André levanta de uma vez, só e eu fico na cama.

Pego o meu celular, respondo todas as mensagens do Cae e do Luiz, não menciono o meu episódio de loucura e me levanto com o meu corpo protestando contra isso.

Começo a arrumar a minha mala, depois de ontem, não tenho condições psicológicas e físicas para ficar aqui. Sempre soube que essa viagem não era boa ideia, meu lugar é em casa, com os meus quadros, quietinha, na minha e sem atrapalhar a vida de mais ninguém.

Fecho a minha mala, deixando apenas as roupas que eu vou usar na viagem de volta. Tenho que avisar o André para ele cancelar a minha passagem de volta, arrumar um táxi para ir até o aeroporto e de lá comprar uma passagem, pelo valor que for, para casa.

– Princesa, está arrumando a mala porquê? Hoje ainda é quinta, a

convenção é até amanhã e a nossa viagem de volta só segunda pela manhã.

André alterna o olhar entre mim e a minha mala. Ele me estende a mão, me ajudando a levantar do chão, depois de ficar em pé olho nos seus olhos azuis.

– Eu não posso mais. – Digo. – Obrigada por tudo André, a viagem, aguentar o meu surto hoje e pelo trabalho. Mas não dá mesmo. Rompi uma barreira que eu não estava pronta ainda e...

– Para! – Ele me cala com o olhar. – Tu não vai desistir, Liv. E como assim pelo trabalho? Tu está se demitindo? Não, Princesa! Eu não sou nada sem ti ao meu lado.

– Eu não posso. Tu viu... Eu sou instável e...

– Olívia, não. Eu não vou deixar tu desistir assim. – Me solto do André e caminho pelo quarto em direção à sacada de frente para o mar.

Abro a janela. Me sento em uma das espreguiçadeiras e o André vem atrás de mim.

– Por favor Princesa, não faz isso. Não me abandona, eu preciso de ti na loja, como amiga e parceira.

– Eu sempre vou ser tua amiga André...

Ele pega a minha mão e a beija.

– Eu sei que o que tu passa não deve ser fácil, eu quase entrei em desespero ontem quando acordei e te vi debatendo e gritando enquanto dormia.

– Obrigada por me acalmar. Geralmente quando me dá as crises sozinha não é tão forte. Por isso acho que estou exagerando no que ando fazendo. É como se eu tivesse regredido e o medo de enfrentar as crises mais fortes sozinhas me assustam.

– Tu não está sozinha, Princesa. Eu estou aqui.

André senta ao meu lado na espreguiçadeira e ficamos juntos olhando o movimento do mar ao nosso horizonte.

Ele me convenceu a não ir embora. Até porque aqui eu estaria com ele para ficar ao meu lado, no avião e em casa eu estaria sozinha caso me desse alguma coisa. Ele me escutou, por muito tempo. Falei de algumas coisas que ocorreram depois do acidente, mas não toquei no assunto do casamento

arranjado pelo Cae para que eu usasse o seu plano de saúde. Isso ainda é um motivo de vergonha e não parece uma coisa para ficar falando aos quatro ventos assim.

Resolvemos tirar o dia de folga da convenção. Na real, o André resolveu isso sozinho, mesmo comigo dizendo que queria ficar sozinha no quarto. Nada que eu falasse iria adiantar. Ficamos no quarto até o meio da tarde, André me convenceu a arrematar meio pote de Nutella enquanto olhávamos um filme idiota na TV. Eu não estava afim de olhar o filme em si, fiquei mais no meu mundinho particular enquanto o André fazia piada sobre o filme. Quando o sol baixou, ele me arrastou para a praia.

Sentei na areia e enterrei os meus pés como as crianças fazem. Fiquei observando o movimento do mar e as pessoas entrando nele. Estava com o meu maiô por baixo da roupa, como sempre fiz quando viemos para cá. André está sentado ao meu lado, tirando algumas fotos aleatórias das pessoas e quando dou por mim, estou tirando a minha camiseta e ficando com os shorts e o maiô. André olha para mim e antes que ele falasse alguma coisa eu começo a caminhar em direção ao mar.

A água bate nos meus pés e eu me arrepio com o choque térmico. Começo a caminhar e sentir a água subindo pelas minhas pernas. Avanço mais, fico submersa até a minha cintura e mergulho por completo. Nado um pouco, até sentir alguém me puxando para a superfície.

Bato em alguém enquanto alcanço a superfície abruptamente e, ao mesmo tempo, luto para tirar os cabelos da frente do rosto. Vejo o André olhando assustado para mim. Ele me abraça e beija o meu rosto.

– O que houve? – Pergunto assustada.

– Nada, eu só me assustei contigo caminhando em direção ao mar sem me dizer nada e...

Ahh meu Deus! Ele pensou que eu tivesse vindo para o mar me suicidar?

André fixa os olhos em mim de um jeito quase como se fosse desesperado. Suas mãos retiram os meus cabelos que estão grudados no meu rosto. O sal arde nos meus olhos e, misturado com a situação, eu sinto uma vontade imensa de chorar. Me seguro a ponto de morder a minha boca internamente para não fazer isso. Ele já tinha visto o pior de mim e não seria agora que eu completaria o quadro.

Por instinto, eu me abraço nele e seus braços caem para a minha cintura. Me sinto protegida nos seus braços, estranhamente mais do que ultimamente nos do Cae.

– Oh princesa, não me assusta assim. – Ele sussurra no meu pescoço e eu sinto uma lágrima teimosa escapar.

– Eu nunca faria isso. – Respondo no mesmo tom. – Eu só queria...

Queria que tudo passasse. Que eu pudesse conviver com isso tudo nas minhas costas sem me abalar tanto. Queria que a água salgada do mar me purificasse e levasse tudo de ruim que tenho comigo.

– Eu sei. Me assustei com a cena toda e não sabia se devia te deixar sozinha ou vir atrás, optei pela última escolha por medo que tu te machucasse.

– Desculpa. – Digo saindo do seu abraço. – Eu deveria ter te avisado que ia entrar no mar. Foi um erro meu.

– Não. Uma precipitação minha, preocupação extra. Atrapalhei o teu mergulho. – Ele abaixa os olhos como se estivesse envergonhado. Sorrio para a cena e me sentindo um pouco feliz em saber que ele veio para me salvar.

– Não foi nada. Vem, vamos nadar juntos um pouco.

Puxo o André pela mão e me atiro na água novamente, e espero, que dessa vez, minha alma saia purificada daqui e que todos os meus medos fiquem no mar.

Ficamos na água, até nossos dedos pedirem arrego de tão murchos. Tivemos um quase acesso de hipotermia ao retornarmos para o hotel. Brigamos por quem entraria no banheiro primeiro, e eu fui a vencedora. Tomei um banho quente e rápido, André foi logo após de mim e quando estávamos livres do sal, areia e do frio, resolvemos pedir uma pizza para o restaurante do hotel e comer no quarto.

Na cama que dividimos, juntamos todos os travesseiros e cobertores, e ficamos amontoados em cima deles esperando a pizza em silêncio. Eu estava cansada, meu corpo ainda doía do ataque daquela madrugada pela tensão do pesadelo e o tempo dentro d'água acentuou o quadro. André estava ao meu lado, olhando para o teto quase dormindo.

O som do meu celular tocando faz ele dar um pulo na cama. Cato ele em cima da mesa de cabeceira e vejo que é o Cae me ligando para o check'in

diário que ele faz comigo. Claro que eu não irei contar uma vírgula do que aconteceu essa noite que passou. De jeito nenhum irei preocupar o meu primo com mais um dos meus acessos de loucura. Ele tem outros motivos para colocar toda a sua preocupação, ainda mais que o Antônio, Elis e a Sarah estão na fazenda curtindo uns dias de férias com todas as crianças do orfanato. Se eu não estivesse nessa viagem com o André, sexta teria ido junto com ele para encontrar o povo todo.

Atendo e escuto tudo cortado. Caminho até a sacada e fico observando o movimento começando a ganhar vida noturna. Com muito sacrifício, entendo que o Cae está na fazenda com o pessoal e uma lágrima de felicidade escorre o meu rosto quando ele me conta que o pedido de adoção da Sarah tinha saído e oficialmente ele era o seu pai.

Além da liberação da adoção da Sarah, Cae me avisou que havia pedido a Elis em casamento e que ela tinha aceitado. Meu coração quase explodiu em felicidade ao saber que tudo estava dando certo para eles e que finalmente eles seriam felizes juntos.

Se bem conheço o meu ex-marido, ele deve estar nas nuvens de felicidade. Um dos nossos sonhos de infância era termos famílias grandes. Quando namorávamos, sempre falávamos sobre ter vários filhos e uma casa cheia. E ver ele conseguir realizar esse sonho, ao lado da vaca que ele ama, me deixa muito feliz por eles.

Nunca tive nenhum tipo de sentimento negativo em relação a Elis, bem pelo contrário. Me senti muito culpada por ser o principal motivo do afastamento dos três desde o início. Então, fiz tudo que estava ao meu alcance para não ser novamente um estorvo entre ele, mesmo quando eu ainda era casada com o Cae e eles nem tinham um princípio de relacionamento além de pai e mãe do Antônio.

Quando o Cae me pediu o divórcio eu não hesitei um segundo que fosse em conceder. Ele já tinha feito tanto por mim e merecia toda liberdade de minha parte. Até o advogado que cuidou dos nossos papéis estranhou a nossa relação de amizade quando assinávamos o divórcio.

Desliguei a chamada e voltei para o quarto sendo recebida com a pizza já postada na cama e o André me esperando para jantar com o pote de Nutella, que ele comprou hoje no mercado da esquina, aberto ao seu lado e sua boca suja pelo creme como uma criança pequena. Ele ama tanto o doce

que não consegue comer normalmente.

– Algum problema? – Ele tenta limpar a boca em vão.

– O Cae ligando que a adoção da Sarah saiu! – Respondo sem fazer menção de esconder o meu sorriso.

– Ah que legal! A Sarah vai ser muito feliz com a nova família.

– Sim! A Elis e o Cae são loucos por ela. Sabia que a Elis só não entrou com os papéis porque o Cae foi mais rápido? Foi questão de dias de diferença. E agora a família vai estar completa, porque eles vão se casar. – Suspiro como uma sonhadora. – Fiquei feliz em saber disso. Os dois se merecem e o Antônio e a Sarah vão ter pais incríveis.

Começamos a comer a pizza e conversarmos. Divido a pizza doce com bem menos Nutella que o André e quando estamos empanturrados volta a falar.

– Sabe o que eu acho estranho? Essa tua felicidade com as coisas do AC. Com a adoção tudo bem, é uma coisa linda e sem questionamentos, mas me refiro ao casamento e o relacionamento com a Elis. A situação toda, o fato dele ter tido um filho com outra.

Fico estática. Como colocar em palavras tudo o que passamos? As únicas pessoas que entenderam sem questionamentos e julgamentos foram a Fabi, minha psicóloga, Elis, por conhecer o lado certinho e protetor do Cae, e o Luiz pela amizade e por imaginar as circunstâncias que estávamos passando. Falar para outras pessoas pode levar a julgamentos precipitados por não entenderem os caminhos que nos levaram aquele casamento às pressas.

– Acima de tudo – tento organizar os meus pensamentos para responder ao André – nós somos primos e fomos criados juntos. Não é que o nosso relacionamento não deu certo que eu tenho que desejar mal a ele ou à Elis e o Antônio que caíram de paraquedas nessa história. Nós percebemos que a nossa relação não tinha mais futuro e decidimos acabar. Simples assim.

André me observa e me escuta com atenção. Sei que isso não explica nada, mas é o que eu posso oferecer no momento.

– Eu sei que o relacionamento de vocês nunca foi como o dos outros. Confesso que fiquei em choque quando descobri que vocês se casaram depois do... – André hesita.

– Do acidente. – Completo.

– Isso. – Ele sorri para mim.

– Naquele momento era o que parecia mais certo a se fazer. Resolvemos arriscar e ver no que dava e... Bem, se já não tinha dado certo uma vez, as chances já não eram muito a nosso favor e aqui estamos nós com ele noivo de quem realmente ama.

– Sem querer me intrometer, mais do que eu já estou... O Antônio, ele foi concebido quando vocês...

– Não! – Falo antes mesmo do André concluir o pensamento dele. – O Cae nunca teria coragem de me trair ou se envolver enquanto estivesse em um relacionamento. Tanto que só estando mais próximo da Elis ele pediu o divórcio, quem dirá fazer outras coisas.

– Ainda bem, porque eu considero o AC um cara legal, mas não iria perdoar se ele tivesse te traído, Princesa.

André olha para mim com os seus olhos azuis com uma intensidade que eu chego a ficar fascinada por alguns instantes. Só quebra o encanto porque ele voltou a falar.

– Como eu disse, eu nunca vi alguém ficar feliz pelos seus “ex”. Olha o meu exemplo, tenho uma que não quero nem ver ela pintada de ouro na minha frente.

Fico chocada com a revelação por dois motivos, primeiro o fato do André não gostar de alguém e segundo por não ter me acostumado com o fato dele não ser gay. Sim, eu fui uma precipitada e me deixei levar pelo que as pessoas falavam. Já me desculpei umas mil vezes por isso, mas sempre vou ficar com vergonha quando ele tocar nesse assunto.

– Como assim? Foi tão horrível a relação?

– Não sei se pode ser classificada como relação o que tivemos. – Não entendo e faço uma careta. – Ela só queria uma coisa de mim enquanto eu queria tudo, nunca fui fã dessas coisas de casos sem envolver sentimentos.

Pisco algumas vezes tentando entender a situação da história.

– Ela mexeu na única coisa que não deveria e isso me deixou puto a ponto de nunca mais querer ver a cara dela na minha frente e se um dia eu souber que ela ficou noiva, vou mandar uma coroa de flores, aquelas de funerais para o coitado.

– Ai credo André, o que ela fez?

– Ela bateu no Leco. Eu estava no banho e os dois na sala, o Leco é chato, eu sei, mas ele mora comigo e a casa é mais dele do que minha. O cachorro foi subir no sofá ao lado dela e ela bateu nele. Aí eu vi e enfureci. Já não estava gostando de outras atitudes dela e quando ela disse ou ela ou o Leco... – Ele dá os ombros.

– O Leco ganhou.

– Exatamente. Aquela bola de pelo grande e altamente fedida tem o meu coração.

Começo a rir.

– Agora entendo o teu ponto, André. E posso concordar, se um dia vir essa mulher, ajudo com a coroa de flores.

Continuamos no assunto até quase o início da madrugada. Mesmo estando caindo de sono e cansada, pelos fatos ocorridos, queria continuar a conversar com o André. Ele contornou de uma forma espetacular, tanto que antes de dormir, eu já nem lembrava mais do ataque da noite anterior e adormeci com um sorriso nos lábios. Coisa que há muito tempo não acontecia comigo.

Capítulo 7

Por André

A semana passou rápido. Rápido demais para o meu gosto, para a quantidade de coisas que eu queria explorar com a Olívia. Uma semana não deu nem para ter uma noção do que é ter ela ao meu lado todos os dias. E fora que ainda tivemos nosso tempo a sós reduzido muito por conta da convenção sobre produtos para artistas.

Aprendemos muitas coisas para aplicar na loja. Olívia assistia a cada palestra e apresentação com uma curiosidade acima da média. À noite, retornávamos para o quarto e conversávamos sobre o que tínhamos visto. Não eram em todos os dias que havia palestra. Em alguns era no turno da manhã, em outros à tarde e, nos momentos de folga, conseguíamos ir à praia ou a pontos turísticos da região.

E eram nessas folgas que eu mais me dedicava a ficar ao seu lado. Tipo chiclete mesmo, aqueles bem grudentos. Parecia que estávamos nos nossos tempos de faculdade novamente, em que eu andava atrás da Olívia como uma sombra. Ridículo, eu sei, mas algumas coisas nunca mudam. Para mim, ela sempre vai ser o sol e eu como Ícaro, tentando me aproximar cada vez mais sem sentir que posso me queimar.

Assustei-me na noite de quarta para quinta, quando acordei com a Olívia se debatendo ao meu lado na cama. Mesmo tendo um bom espaço entre nós, eu senti tudo. Ela estava falando coisas sem nexos e quando eu acordei, o grito desesperado que ela deu cortou o meu coração em milhares de pedaços. Tentei consolá-la em um abraço, funcionou por alguns instantes, acredito que até ela situar e ver que estava acordando de um pesadelo. Quando a sua ficha caiu e ela percebeu que estava comigo no hotel, ela saiu para o banheiro em uma velocidade que nem consegui acompanhar. Entrei em pânico quando ela não me respondia lá dentro e se eu tivesse que derrubar aquela porta, não iria pensar duas vezes.

Quando entrei, a encontrei sentada no chão e chorando. Minha vontade era de pegá-la no meu colo e espantar qualquer demônio que amedrontasse a minha Princesa. Porém, sabia que não poderia chegar nela desse jeito, tão assustada que estava. Tive que conversar com ela, dizer que, para mim, ela estar aqui era importante demais. Depois de um tempo, me aproximei e consegui fazer ela sentar no meu colo e enfim a consolei.

Com ela no meu colo, percebi como a minha Princesa era frágil. Feita do mais belo cristal, no entanto, mais propenso a quebrar do que eu imaginava. A consolei até ela dormir em meus braços no chão daquele banheiro de hotel. Esperei mais um tempo e, com cuidado, a coloquei na cama novamente. Quase não dormi mais naquela noite, fiquei zelando pelo sono da Olívia.

Acordamos juntos. Eu ainda estava muito preocupado com a Liv e com o seu estado psicológico. Sei que ela consulta uma psicóloga semanalmente, esse foi um dos pontos que ela comentou comigo quando começou a trabalhar lá na loja, por causa dos horários de atendimentos. Fiquei bem tentado de ligar para a sua psicóloga e pedir algum conselho sobre como lidar com a situação pós-crise, mas decidi esperar o dia começar para tomar qualquer decisão.

Saí para o banho, deixando ela sozinha no quarto e, para minha surpresa, a encontrei arrumando as malas e desistindo de tudo, inclusive do emprego lá na loja. Aí nesse momento, quase quem teve um surto fui eu.

Não aceitaria perder a Olívia mais uma vez na minha vida, mesmo sabendo que tudo o que eu sinto pode ser meramente platônico. Então eu apelei. Sem nenhum medo de parecer desesperado.

Apelei por não poder lidar com a loja sem a ajuda dela.

Apelei por não querer distanciar ela da minha vida novamente.

Apelei por ser egoísta e começar a alimentar sentimentos novamente.

Convenci ela a ficar após muita conversa. Olívia estava se sentindo extremamente envergonhada com relação ao que aconteceu na noite anterior. Eu tentei deixá-la à vontade, mas não é fácil falar de como eu me sinto na sua presença sem a assustar por completo. Nem eu conseguiria colocar em palavras sem me assustar da dimensão da coisa em si.

Decidi que aquele dia seria de descanso total. Não descemos para a convenção e sim para a praia, já que eu sabia que mesmo sem a Liv entrar na água, ela ficava mais à vontade sentada na areia do mar, ouvindo as ondas quebrarem.

Olívia estava quieta. De longe, via a minha Princesa reclusa em si mesma e saber que ela estava se fechando em um muro intransponível me deixava em alerta. Puxei assunto sem sucesso, brinquei com alguma situação

engraçada sobre as pessoas que passavam e nenhuma resposta. Ela até respondia momentaneamente, mas não dava continuidade ao assunto, era como se seu corpo estivesse presente, mas a sua essência, o lado Olívia de ser e que me deixava encantado, não estivesse ali.

Estava entretido, tirando algumas fotos da paisagem, quando ela levantou, tirou a camiseta, coisa que não tinha acontecido desde que viemos para cá, e começou a caminhar em direção ao mar. Meu primeiro pensamento foi dela estar reagindo bem a tudo isso e tivesse perdido a vergonha ou coisa do tipo. Mas, raciocinei mais alguns segundos e percebi que a realidade poderia ser outra. Larguei a câmera de qualquer jeito na areia, arranquei a minha camiseta e saí correndo em direção ao mar, atrás da Olívia, como nunca corri na minha vida.

Sim, eu temi pelo pior. Temi, pelo fato dela estar muito quieta e do nada ter entrado no mar, sem mais nem menos. Por isso eu fui atrás dela, para que nada de mal acontecesse com a Olívia e qualquer pensamento ruim que tivesse fosse espantado.

A agarrei no momento em que ela se atirou na água. A puxei sem pensar em dar o benefício da dúvida para a tese recém-formulada na minha cabeça. E, graças, eu estava errado.

No momento em que pus os meus olhos nela, quase que mandei tudo por água abaixo. Eu queria beijá-la. Sonho com isso desde que a conheci. Fantasiei um beijo nosso por noites a fio e, por pouco, não realizei esse meu desejo.

O que me freou foi a minha velha companheira, a hesitação. O André envergonhado e com medo da reação da Olívia voltou com força total. Droga! Será que aqueles anos fora não me serviram de nada? Ou esse meu lado, que agora até eu dou razão por me acharem gay, só aflora na presença dela?

Eu me odeio. Com todas as forças do mundo. Naquela hora, quem estava com vontade de se matar no mar era eu, isso sim.

Mas passou. Eu me recuperei dessa recaída adolescente, mesmo que ainda me xingasse por causa disso, e a Olívia melhorou. Passamos o resto da semana sem nenhum outro percalço. E agora, estamos no avião, de volta para casa.

Observo a Olívia de olho na janela, quando anunciam que vão começar

os preparativos para o pouso. Ela se vira para mim e sorri e o besta aqui se derrete todo com isso.

– Essa semana foi ótima, mas eu não vejo a hora de chegar em casa! – Ela fala.

– Eu estou com saudade do meu fedorento. Aposto que ele nem deve se lembrar que eu existo, aquele *petshop* no qual deixei ele tem de tudo. O fedorento deve estar deitado de barriga para cima no ar-condicionado.

– Aposto que ele vai te derrubar de saudade quando te ver. – Ela ri e volta a olhar a janela.

Nunca tive vontade de ter um cachorro. Desde pequeno eles nunca me chamaram a atenção. Quando eu voltei para o Brasil e estava completamente sozinho novamente na cidade, percebi que precisava de alguma coisa para viver comigo. Tentei encontrar uma companhia, mas não estava com sorte nesse ramo, e quando estava voltando de um bar para casa em uma noite, parei para atravessar a rua e escutei um latido estridente em um beco perto. Cheguei a cruzar a rua mas a mistura do latido desesperado com o álcool cabeça fizeram eu dar meia volta e ir atrás do barulho.

Caminhei mais um pouco e vi a fonte do barulho atrás de uma lata de lixo. Quando peguei o minúsculo cachorro no colo, ele me mordeu, caiu no chão e saiu correndo. Voltei ao meu caminho, em direção à minha casa que ficava na outra quadra. A noite passou e quando eu abri a loja pela manhã, achei a bola de pelo dentado, na porta.

O cachorro olhou para mim, latiu e entrou pelo meio das minhas pernas. Lá fui eu atrás do peludo, perdido em meio às caixas e prateleiras do depósito. Perdi meia manhã fazendo isso e nada do cachorro aparecer. Desisti, pensando que ele já havia ido embora e eu nem percebi. Trabalhei aquele dia como um louco e só subi para a minha casa à noite. E quem eu encontro deitado em cima da minha cama?

A bola de pelo.

Peguei ele na mão e quando estava o levando para a rua, percebi que ele estava tremendo de frio e a chuva não dava trégua. Poderia não gostar muito de cachorro, mas não significa que não tenho compaixão e um coração. Peguei uma caixa vazia e subi de novo com o pequeno na minha mão. Acomodei ele com uns panos velhos e arrumei um pote de leite com pão, morri de pena dele comendo desesperado naquele pote quase maior que ele.

O coitado deveria estar morrendo de fome.

Acordei com ele latindo para mim na cama. Levantei e vi a bagunça que ele havia feito. Um tênis meu estava babado e o banheiro dele foi o chão da sala. Não sabia se eu limpava ou corria para o banheiro e vomitava de nojo. Mas venci essa etapa.

A chuva ainda continuava e eu achei engraçado o jeito do cachorro caminhar, como se fosse uma bolinha cheia de pelo. Morria rindo quando ele espirrava e caia sentado no chão.

Resultado de tudo isso? Acabei me apaixonando perdidamente pelo cachorro.

Levei ele ao veterinário, gastei uma boa quantia com remédios e vacinas, e ainda por cima, descobri que ele era um Husky Siberiano e não ia ficar pequeno para sempre.

Hoje ele está com quase o meu tamanho e tão pesado quanto. Domina a minha casa mais que eu, ainda mais a minha cama e sofá. Cada vez que eu passo a vassoura no chão, dá para fazer um casaco de pele de tanto pelo que ele solta. Come como um condenado e parece que o seu estômago não tem fundo, e o pior de tudo, ele tem um problema sério com gases e não faz questão nenhuma de disfarçar isso.

Já perdi pares de tênis e chinelos, mais do que eu gostaria de ter comprado. Roupa em cima da máquina? Dois trabalhos, deixar ela lá e o Leco pegar para brincar e destruir. Cortina ele se engancha e puxa até desabar tudo. Comida em cima de alguma coisa, é só o trabalho de comprar e ele subir em cima das bancadas e roubar e, se eu não estiver atento, ele sobe em cima de mim e rouba o que eu estou comendo.

E isso deveria me deixar irritado? Muito! No momento em que vejo o que ele apronta eu grito com o cachorro, mas quando ele olha para mim com aqueles olhos azuis e sua cara de bobão, eu me derreto todo. Sou um afetado mesmo, para deixar que aquele fedorento me domine por completo.

Sair com ele na rua é um estresse, porque todo mundo pede para brincar com ele. E o Leco quer brincar com todo mundo, mesmo com aqueles que nem dão bola para ele. E eu sou arrastado pelo cachorro, literalmente, para onde ele quer.

Claro que tem suas vantagens. Ninguém pensa em entrar lá em casa, ou

na loja, com o latido do Leco e também, quase todas as mulheres do mundo se apaixonam por ele a primeira olhada. Menos uma, que não se rendeu aos seus encantos.

Conheci a Jéssica em uma exposição de um amigo em comum. Ela é linda e sabe disso. No início eu, como todo o homem, babei total. Cheguei nela e ela me deu bola. Juntou a fome com a vontade de comer, literalmente.

Começamos uma relação... Ou sei lá como podemos chamar o que tivemos. Saíamos e sempre acabava na casa de um ou de outro em qualquer superfície que nos desse o apoio que servisse para o que queríamos. Era bom, saciável e altamente físico. Fazíamos, terminávamos e tchau. Sem promessas, conversas ou coisas do tipo.

Mas no fundo, eu achava que faltava alguma coisa a mais entre nós. Comecei a puxar mais assunto com ela e coisas do tipo. Ela é uma pessoa inteligente e consegue o que quer de um jeito ou de outro. Falei do meu trabalho para a pós com fotos femininas e vi o brilho nos seus olhos com a possibilidade de virar uma “musa” ou algo do tipo.

Cheguei a tirar umas fotos dela em poses sensuais, mas o resultado que obtive não era o que eu procurava. Algumas fotos cruzavam a linha entre sensualidade e vulgaridade. Mas dei continuidade ao trabalho, já que era a única opção que eu tinha.

Junto com isso, eu na minha ingenuidade, acreditei que se investíssemos, poderíamos ter algum futuro juntos. E eu me enganei feio com isso.

Propus isso para ela e a resposta que tive foi humilhante. Para ela eu não passava de uma diversão, era gostoso (palavras dela), mas não era o que ela desejava para si. E além disso, ela não saía apenas comigo, mas sim com vários ao mesmo tempo.

Fiquei em choque com isso. Me senti usado e valendo menos do que um peão nas suas mãos. Me coloquei no lugar das mulheres que sofrem isso nas nossas mãos e tive nojo de mim e dos meus companheiros.

Juntei os meus cacos e comecei a tirar a Jéssica da minha vida. Ela me ligava seguido e sempre que eu atendia era para algum assunto lascivo da sua parte. Pela primeira vez, calei a minha “cabeça de baixo” e apenas segui o que a de cima falava.

Certa vez, cansada de ser dispensada pelo celular, ela foi até a minha casa. Eu estava pintando e com isso, todo sujo de tinta. Deixei ela na sala com o Leco e fui tomar um banho para conversarmos. Quando retornei, vi ela chutando o Leco de cima do sofá e o cachorro dando um uivo de dor.

Aí a coisa ficou feia. Eu posso não valer muito, ser usado como um simples objeto de prazer, mas ninguém machuca o meu cachorro.

Expulsei a Jéssica da minha casa sem dó nem piedade. Quem ela pensava que era para tratar o Leco daquela forma? Se eu, que sou o dono da porra toda, deixo o cachorro dormir até em cima da minha cama, quem ela pensa que é para chutar ele por subir em cima do sofá? Jéssica se enfureceu e quis vir para cima de mim e nesse momento o Leco rosnou, mostrou os dentes para ela e quase se avançou nela, tanto que eu tive que segurar a sua coleira.

E com isso terminou qualquer coisa que existisse entre nós. Eu desisti de usar as fotos dela no meu trabalho e voltei à estaca zero nesse quesito.

Nesse meio tempo a Olívia se divorciou e eu, achando que nunca mais iria me abalar por ela novamente, me enganei feio. Como eu já percebi, algumas coisas nunca mudam.

As rodas do avião batem com um solavanco, Olívia pega a minha mão e aperta forte me fazendo rir da situação. Descemos no aeroporto e esperamos as nossas malas na esteira. Meu tempo com ela está acabando e eu penso em algum jeito de conseguir protelar essa despedida por mais alguns minutos.

– Vamos juntos. – Digo colocando a mala dela no mesmo táxi que coloquei as minhas. – O *petshop* do Leco é na tua rota. Vamos até a loja, pegamos o meu carro e seguimos até lá.

– Não precisa André. Tu já ficou comigo essa semana toda, sei que não aguenta mais olhar para mim. – Olívia diz.

Bem pelo contrário, Princesa. Apenas sorrio para Olívia, antes que eu falasse isso em voz alta. Abro a porta do carro e faço um sinal para ela entrar. O caminho é pequeno e eu fico observando-a, conversando alegremente com o taxista que se anima todo com o assunto.

Chegamos na loja e a Sabrina é a primeira a nos receber. Descarrego as malas e escuto as duas conversarem, a Olívia animada, contando sobre a praia e o hotel em que estávamos. Sabrina grita para mim dizendo que na

próxima é ela quem vai e eu só rio das duas.

Saímos no meu carro em direção ao *petshop* do Leco. Estou morrendo de saudade do meu fedorento, peludo e cheio de gases companheiro de casa. Descemos e eu fico impaciente no saguão enquanto vão buscar o meu cachorro. Olívia fica brincando com os filhotes e eu caminhando de um lado para o outro.

Quando a porta se abre e o meu grandão sai, tenho vontade de chorar como um bebê.

– Leco? Vem aqui guri do... – Nem consigo terminar a frase, porque o cachorro puxou a atendente pela coleira, pulou em cima de mim e me derrubou no chão com tudo.

Chego a ficar com falta de ar pelo tombo e o peso do cachorro em cima de mim me lambendo desesperadamente. Um veterinário e mais a atendente tiram o Leco de cima de mim e eu consigo me sentar pelo menos para retribuir o carinho do meu filho de quatro patas.

– Quem é o bonitão do pai? – Coço as orelhas dele, ele volta a pular em mim e se mijá todo de felicidade. – Olha ali a tia Liv.

Leco vira o pescoço e corre para o lado da Olívia e faz a mesma folia, não sabendo se pulava, corria ou latia de felicidade.

Sou informado que fizeram uma tosa de verão nele, cortaram as unhas e deram um banho completo. Com certeza ele deve ter ficado numa boa aqui. Pago a conta, nada barata, e pego a coleira dele para sairmos para casa. Claro que ele me puxa para longe do carro e tenta correr atrás de alguns passarinhos que estão na rua.

Com muito trabalho, coloco o Leco no banco de trás do carro. E começo a dirigir para a casa da Olívia. Novamente o aperto no meu peito em ter que deixá-la, depois de uma semana estando na sua companhia, volta de um jeito pior, quase desesperador.

Eu preciso fazer alguma coisa. Agora é a hora da verdade. Ou a Olívia sai de uma vez da minha vida, no sentido além da amizade, ou eu invisto nisso sem medo de me arriscar. Não quero mais ser um adolescente na “friendzone” para o resto da minha vida.

Estaciono o carro na frente do seu prédio e a ajudo com a mala até o seu apartamento. Liv abre a porta e entra dentro de casa como uma criança

rodando.

– Viajar é ótimo, mas nada se compara a chegar em casa. Meu sofá, minha cozinha, meu chuveiro e a minha cama.

O sorriso dela é tão bonito e espontâneo que eu me perco nele por alguns segundos, nem prestando a atenção ao que ela fala. Olívia anda alegremente, sorrindo em minha direção, e puta merda, dessa vez eu não posso falhar.

– Obrigada pela semana ótima. Eu nunca vou poder te agradecer por ela. – Sinto suas mãos contornando o meu corpo e me prendendo num abraço.

Minhas pernas parecem ser de gelatina. Voltei a ter meus 18 anos de idade, quando eu sentia o perfume de uma mulher perto de mim meus hormônios se agitavam e o sangue saía do meu cérebro em direção a outra extremidade que acumula sangue em grandes quantidades.

O corpo da Olívia em contato com o meu me deixa louco. Caralho André, te controla cara.

Minha Princesa sai do meu abraço, mas eu a puxo de novo. Coloco as suas mãos um pouco abaixo da minha cintura e coloco as minhas no seu pescoço. Meus olhos fixam nos seus em busca de algum sinal de repúdio e quando eu não vejo nada, além da sua boca linda, eu a beijo.

Capítulo 8

A boca do André cola na minha. O que ele está fazendo...?

Ai meu Deus! Ele está me beijando. Faz tanto tempo que eu não sei o que é isso, que nem reconheço mais a ação.

Sua mão desce do meu rosto até se firmar na minha cintura. O seu cheiro de perfume, misturado com o shampoo do Leco me deixa derretida, tanto que eu ainda estou aqui prensada por ele. Eu realmente deveria fazer alguma coisa. Afastar o André ou coisa do tipo, mas o meu corpo me trai e quando dou por mim, estou participando ativamente do beijo.

No início foi bem estranho, eu parecia uma adolescente no seu primeiro beijo com um mais velho e experiente. Demorei um pouquinho para me lembrar do que deveria fazer e onde colocar as minhas mãos. Optei por deixar nas costas do André para não correr perigo de fazer alguma coisa que não deveria.

E nesse momento, eu tenho consciência do que estou fazendo...

Eu não deveria estar beijando o André desse jeito, e nem ele me beijando assim. Ele é meu amigo e patrão, isso é muito errado. Caramba Olívia, será que algum dia tu vai deixar de ser uma negação ambulante?

Tiro as minhas mãos das costas do André, coloco no seu peito a fim de conseguir afastar ele de mim, mas a minha mão esquerda fica bem em cima do seu piercing no mamilo e eu o sinto abafando um gemido fraco.

– André... – Murmuro com a brecha que ele me deu com esse suspiro e viro o meu rosto.

E isso não funciona para que ele parasse, mas sim, foi um passe livre para ele explorar o meu pescoço. Duplamente errado isso.

– Por favor... – Choramigo, mas ao mesmo tempo querendo que ele não pare.

Isso estava bom, errado, mas sem sombra de dúvidas atrativo. Afinal, faz tantos anos que eu não sei o que é ser beijada assim, que nem me recordava das sensações que isso poderia me trazer.

E fora que meu estado psicológico não é nada confiável, cada gota de atenção e afeto que eu recebo, para mim é como uma cachoeira de água para quem está há anos no deserto com sede.

André distribui beijos pelo meu pescoço e retorna para o meu rosto. Coloco a minha mão sobre a sua e seus olhos caem para os meus. O azul límpido de sua íris me deixa encantada, mas eu me freio para esse dia não ficar mais desastroso do que já está.

– Princesa... – André se inclina para me beijar novamente, mas eu viro o rosto.

E isso o desarma completamente. Seu braço cai junto ao seu corpo e eu fujo de perto do seu calor. Caminho em direção ao meu sofá e me sento. Meu coração está acelerado, de nervosismo e pelo que acabamos de fazer. Nunca nos meus sonhos mais delirantes, eu achei que o André me beijaria desse jeito um dia.

Olho para ele de costas para mim. Lentamente ele se vira, passa a mão sobre o rosto e me encara.

– Olívia eu...

– Não precisa falar nada. – O interrompo. – Eu...

André dá dois passos, se aproxima de mim e se abaixa para ficar no mesmo nível dos meus olhos. Ele pega as minhas mãos, sem nunca desviar os olhos dos meus e as beija.

– Eu sempre soube que no momento em que eu te beijasse, o mundo começaria a girar para o outro lado e ficaria no seu eixo certo.

Pisco algumas vezes para entender o que ele quer dizer. O silêncio se instala entre nós, minha cabeça procura alguma explicação lógica para isso, e também, o que falar num momento como esse.

Como eu já disse, nunca vi o André com ninguém. Até uma semana atrás ele era gay para mim e agora chega me beijando – ai meu Deus! Que beijo! – desse jeito. Acho que agora está pronto o meu atestado de loucura completa para o Luiz assinar dando veracidade a ele.

– André eu... – Tento quebrar o silêncio, mas ele me cala com outro beijo nos lábios.

– Não fala nada. Só me escuta. Certo? – Aceno que sim com a cabeça e espero a sua explicação para tudo isso.

Vejo ele se levantar e caminhar de um lado para o outro na minha sala. Inocentemente, coloco meus dedos sobre os meus lábios e os sinto sensíveis pelo ataque que recebi há pouco, e por uma razão desconhecia, me pego esboçando um pequeno sorriso.

Errado Olívia. Muito errado. Foca no André e nas suas explicações para essa situação.

Volto a olhar para ele que está parado me observando com um brilho intenso no olhar. Retiro a mão dos meus lábios como uma criança pega no flagra.

– Nós somos amigos há muito tempo, Liv. – André começa a falar baixinho. – E... – Ele volta a caminhar e se xingar baixinho, escuto alguma coisa relacionado com gay nos seus lamentos, e fico esperando tudo o que ele tem para me dizer.

Por André

– Depois não quer ser tachado de gay! – Falo para mim mesmo baixinho.

Eu a beijei. Pronto, realizei a minha fantasia adolescente. E foi bem melhor do que eu imaginava. Anos fantasiando isso, para descobrir que não fui capaz de imaginar nem a metade do que realmente é. Ter a Olívia com o corpo dela colado ao meu e tão receptiva ao meu beijo foi a minha passagem só de ida para o paraíso.

Minha intenção era ir aos poucos, começando a agir a partir da semana que vem com gestos, palavras e coisas do tipo. Mas quando eu a vi, rodando pela sala com aquele sorriso tão espontâneo não me segurei e nem quis resistir à tentação.

E agora eu estou aqui, sem conseguir falar uma palavra decente sobre esse meu ataque e vendo ela passar a mão sobre os lábios e sorrir novamente. Dá uma ajuda aí, Liv. Assim não consigo me concentrar.

Desvio o olhar antes que volte a beijá-la em cima do sofá e... Ok André, para de pensar e fala de uma vez!

– Essa semana foi melhor do que eu esperava, Princesa. Quando eu disse que essa passagem era tua e que se tu não fosse eu não iria, estava falando a verdade. Eu queria passar um tempo contigo, à sós. Sem trabalho nos atrapalhando ou coisas do tipo. Liv e André, uma semana na praia, sendo nós mesmos.

Olívia olha fixamente para mim e eu tomo outro fôlego para continuar e tentar chegar onde eu quero, sem fazer ela correr até ficar vinte quilômetros distante de mim.

– Tu sempre foi especial para mim, Olívia. Desde o tempo de faculdade. Tu era a única que conseguiu chegar perto de mim sem ficar com medo de que eu te atacasse, e a que me fez perceber que, naquela turma de mulheres, uma não era louca e nem superficial.

Observo ela piscar algumas vezes concentrada em cada palavra que eu digo.

– O que eu quero dizer é... – Me atrapalho, como sempre, no que eu quero falar e vejo que isso está saindo completamente do rumo que eu queria. – Eu sempre tive uma queda por ti, Olívia. Acho que desde que eu coloquei os meus olhos nos teus.

Agora fodeu legal. Olívia arregala os olhos para mim e eu penso que eles vão saltar da órbita. Aposto que amanhã vou receber uma intimação

policial para não chegar perto dela. Parabéns André. Nota mil para ti. De gay para assediante oculto.

– Eu era um idiota, assumido. Por isso que não dei muita importância quando tu disse que achava que eu era gay. As minhas atitudes e a falta de coragem falavam mais que qualquer coisa. A verdade era que eu tinha uma verdadeira coisa platônica por ti, medo de revelar e tu me expulsar da tua vida. Ou o AC me dar uma coça de surra.

Ela continua catatônica. Agora é oficial, surtei a Olívia. O AC vai me dar uma surra sem pensar duas vezes, o Luiz vai ajudar e de quebra, o Noah vai vir junto. É o fim da minha história. Vão esconder o meu corpo na fazenda dos pais da Elis ou então dar de ração para as galinhas.

Caminho em direção à Olívia e me agacho à sua frente, para ver se eu preciso chamar uma ambulância ou coisa do tipo, como ligar para a funerária e encontrar um caixão para mim. Coloco as minhas mãos sobre as dela e vejo ela mudar o seu foco para os meus olhos.

– Tu sempre teve uma queda por mim? – Ela sussurra incrédula e com uma cara estranha. E eu suspiro por saber que não a pirei total a ponto de ter deixado ela de fato catatônica.

– Sim, Princesa. – Admito.

Olívia balança a cabeça por alguns segundos e se levanta.

– E porque tu nunca me disse? – Porque eu era um idiota que se vestia de preto, achava que estava no mundo para sofrer e coisas do tipo. Quase respondo isso, mas deixo a parte dramática para outro dia, hoje a questão era outra.

– Porque eu tinha medo de que tu se afastasse de mim e, também, porque boa parte do tempo em que estávamos juntos na faculdade, tu era namorada do AC. Eu tinha medo do cobrador do ônibus, quem dirá do teu namorado que fazia educação física e tinha colegas que malhavam o dia todo.

Olívia desvia o olhar do meu e me faz mais uma pergunta.

– E quando eu me separei do Cae, porque tu não te aproximou de mim e me disse isso?

Agora eu sorrio para o nada. Eu tive essa intenção. Não uma, mas diversas vezes, porém, um filho da mãe de um medo tomava conta do meu corpo. Sabe aquela coisa que falam “antes amar e dar errado, do que nunca

ter amado”? Para mim seria algo como “antes amar escondido do que nunca mais ter ela ao meu lado”. Eu sei, altamente idiota, mas graças aos céus eu mudei. Por isso estou aqui hoje e beijei a Olívia. Obrigada Europa por libertar esse meu lado.

– O Jaime foi mais rápido e eu estava em outras aulas diferentes sem estar ao teu lado sempre. E eu tinha medo de te perder, Princesa.

Coloco a minha mão no seu rosto e afasto uma mecha do seu cabelo. Olívia foca os olhos em mim, mas eu presto atenção na sua boca. E pela segunda vez nessa noite eu a beijo.

Ponto!

Nos beijamos por alguns momentos, até a Olívia me afastar novamente. Encosto a minha testa na dela e tento me acalmar. Devagar, André. Muita calma nessa hora.

– Tu é linda, Olívia. – Sussurro e vejo ela fechar os olhos. – Nunca encontrei outra mulher com a mesma beleza que tu tens.

Por Olívia

Outro beijo, essa frase e tudo o que ele falou.

Alguém pode informar ao André que piadas de mau gosto tem limites?

Não consigo acreditar em tudo que eu escutei e aconteceu aqui. É surreal demais saber que o André tinha uma queda por mim desde o tempo da faculdade e que agora ele resolveu me falar.

Agora que eu sou um desastre de pessoa que não consegue ficar um tempo tranquila, porque basta alguma coisa para tudo desmoronar na minha volta. Ele sabe disso! Presenciou um ataque meu, ficou ao meu lado e agora vem me dizer isso.

Não pode ser sério! Isso é brincadeira!

O André sempre foi o meu amigo, sempre esteve comigo, até quando o Jaime começou a namorar comigo. Eu contei para ele logo após o primeiro beijo. Cada coisa que fazíamos, ele estava presente, me dando apoio para continuar.

E com isso, tudo começa a se apertar dentro de mim.

Começo a hiperventilar. Meu peito puxa o oxigênio com força exagerada, mas ele não vem. Me agarro a única coisa sólida ao meu alcance,

o André, e ele me senta no sofá.

Me encolho como uma bolinha e fico esperando o ataque vir e acabar comigo de uma vez só.

– Princesa, olha para mim. – André fala, mas já é tarde demais, eu estou sucumbindo ao pânico. – Não deixa de lutar contra isso. Eu estou aqui do teu lado.

Sinto as lágrimas saírem dos meus olhos, mas não consigo abrir a boca nem para chorar. Tudo dói, meu peito, minha cabeça, meus pulmões e eu não tenho mais forças para lutar...

Por André

CARALHO! O que eu faço agora?

Olívia olha para um ponto fixo a sua frente e não me dá nenhuma resposta de que está me escutando ou coisa do tipo. E apenas algumas lágrimas caem dos seus olhos sem expressão nenhuma.

O único barulho que escuto é a força que ela está fazendo para respirar, e isso está me matando por dentro. Porque eu tive que abrir a minha boca e contar tudo de uma vez só? Poderia ter ido mais lento, falado que nessa semana tinha descoberto uma Olívia completamente diferente da que eu conhecia e que eu gostaria de tentar um algo a mais.

Mas não... A pessoa aqui tem que despejar tudo em cima da coitada como se fosse um balde de água fria. Estava esperando o que? Que ela me abraçasse, me beijasse e dissesse que não via a hora de começar a escolher o nome do nosso filho?

Tento achar alguma utilidade para consertar o estrago que eu fiz. Me sento ao seu lado, falo algumas palavras, mas nada surte efeito. O tempo passa e nada dela reagir. Começo a entrar em pânico.

Sinto como se a Olívia tivesse sido transportada para outro plano, quem sabe Nárnia, porque nada surte efeito. Do nada ela solta um suspiro sôfrego e eu chego a dar um pulo de susto com essa reação.

A abraço forte e deixo ela chorar baixinho no meu ombro, como aquele dia no quarto do hotel em que estávamos. A embalo e beijo seus cabelos, dando todo o apoio moral que consigo nesse momento. O tempo passa e a Olívia dorme em cima mim. Com cuidado a levanto e coloco na sua cama. E

aí começa o meu impasse. Não posso deixar ela abandonada aqui e tenho o Leco dentro do meu carro me esperando. O que eu faço?

Não vi nenhum cartaz sobre a proibição de animais no prédio. Depois que eu adotei, ou o Leco me adotou, sempre que eu entro em um prédio procuro essa referência, porque disso? Sei lá, mas virou mania.

Desço até a portaria e converso com o porteiro que me diz que é de livre escolha dos moradores a presença de animais ou não. Então pego o Leco, que já estava entediado dentro do carro e levo até o apartamento da Olívia. Depois eu me entendo com ela, mas não poderia deixar o cachorro dentro do carro a noite toda, ou abandonar ela.

Deixo o Leco deitado no chão, recomendando mil e uma vezes que ele não suba no sofá ou faça alguma coisa pela casa e volto para o quarto. Olívia continua a dormir e eu me sento ao seu lado na cama observando o seu sono agitado a noite toda. Fez a merda, André, agora arruma direito.

Por Olívia

Uma coisa gosmenta, quente e repetitiva me acorda. Tento me afastar, mas a sensação molhada ainda me persegue. Abro os olhos e vejo um monstro em cima de mim e começo a gritar desesperada e o monstro sai de cima de mim latindo.

Latindo? Mas o que está acontecendo...?

– Olívia!

Escuto alguém gritar ao longe e quando a porta do quarto se abre rapidamente, o cachorro gigante sai correndo e bate na pessoa que gritou o meu nome.

– Ai caralho, Leco! – Leco?

Levanto rápido da cama e vejo o André agachado no chão com as mãos no meio das pernas e ele gemendo de dor.

– O que aconteceu? – Pergunto e chego perto dele para ver o que houve.

– Fucinhada do Leco em uma parte delicada do meu corpo. – Ele ofega e começa a levantar calmamente.

– Machucou?

– Não muito, como quando ele caminha em cima de mim pela manhã.
– Ajudo ele a se levantar e percebo uma coisa.

Que raios o André e o Leco estão fazendo no meu apartamento? E que horas são? Com certeza devo estar atrasada para o trabalho e...

Paro de caminhar.

As cenas de ontem à noite me atingem como um meteoro. O André me beijando, ele me falando que sempre teve uma queda por mim, e o pior de tudo, o meu ataque de pânico depois que eu escutei tudo isso.

Continuo parada, absorvendo as memórias e o André para a minha frente, assustado.

– Olívia? – Ele me chama, mas eu ainda estou passando todos os momentos de ontem na minha cabeça. – Princesa, não me assusta de novo, já basta o que aconteceu ontem.

Pisco algumas vezes, para voltar à realidade. Volto a caminhar em direção à cozinha e vejo a mesa posta para o café da manhã. Me sento em uma cadeira e o André vem atrás de mim e se senta a minha frente.

– Eu não sabia do que tu gosta e não achei nada para comer aqui, então descii e comprei algumas coisas. Tem croissant de Nutella ali, quase pirei.

– Nós dormimos juntos? – Essa é a primeira pergunta que faço, já que o meu corpo dói todo e eu não consigo distinguir se foi pelo ataque ou...

– Sim, eu dormi aqui. Ou tentei, porque tu estava agitada e eu preocupado, mas... – André olha para mim e deve ter percebido a minha cara de espanto com isso. – Não desse jeito, Olívia. Como estávamos lá no hotel. Cada um no seu canto. Nós nos beijamos, mas parou por aí...

Minha cabeça entra em parafuso. Realmente eu não esperava nenhuma dessas coisas ontem à noite. Só queria chegar em casa, colocar as minhas roupas para lavar, dormir e trabalhar hoje. Voltar a minha vidinha sem graça, mas que estava completamente nos eixos. Sem complicações e sem qualquer outra coisa que me deixasse novamente assim.

– Olívia, por favor. Olha para mim. – Levanto os meus olhos para os azuis do André. – Desculpa, por ontem à noite.

– André, eu não quero falar sobre isso. – Digo, saindo da mesa.

Me sinto um lixo. Em todos os sentidos da palavra. Meu corpo está precisando de um banho, porque pelo visto, eu tive uma noite agitada, suando bicas. Também o fato do papel de idiota que eu fiz na frente do André depois que ele me beijou. E o ápice de tudo foi ele ver isso e ainda ficar ao meu lado.

Qual a única pessoa que surta completo com alguns beijos? Só eu mesma. A louca que não serve para nada.

Leco está em cima do meu sofá como se fosse o rei da casa. Quando ele me vê sentando ao seu lado, coloca a cabeça no meu colo e eu faço um carinho nele. Vê se aprende Olívia, quando as pessoas te fazem um carinho, sorriem e nos lambem agradecendo e não entram em pânico.

Fico algum tempo sozinha, fazendo carinho nele até sentir o André presente na sala olhando a cena. Não consigo nem encarar ele, de tanta vergonha que eu estou.

– Eu... – Ele fala e se aproxima de nós. – O que eu te disse ontem, é verdade Olívia.

André se senta na outra extremidade do sofá e começa a acariciar o Leco no seu corpo.

– Eu juro que tentei não voltar a ter sentimentos por ti, mas foi impossível. Ainda mais vendo tudo o que tu passou, e ainda passa, mas sem perder a esperança de conseguir melhorar. Tu é uma legítima princesa, Liv. Forte e determinada. Isso sempre me encantou em ti.

Minha vontade é negar tudo isso. Não passo de uma dependente, depressiva e passiva à espetáculos de loucura em momentos que eu deveria aproveitar mais. Minha vida se define nisso, e nunca vai mudar.

– Acho que no momento tu não quer falar comigo, não é? – Não respondo e nem olho para ele.

André se levanta do sofá e recomeça a falar novamente.

– Tudo o que eu disse é real Olívia, os meus sentimentos por ti, e quem tu é. Eu sei que foi bem inesperado tudo isso e eu estou me sentindo péssimo por ter desencadeado uma crise tua assim. Mas de uma coisa eu não me arrependo, Princesa. – Nesse momento, eu olho para ele. – Não tenho nenhum sentimento de culpa por ter te beijado. E também por te falar isso tudo. Passei anos da minha vida escondendo isso, atravessei o oceano pensando que com isso conseguiria te esquecer e aceitar que nunca iríamos

ficar no mesmo patamar. Quando retornei, te encontrei casada e respeitei isso. Porém dentro de mim nunca mudou, Liv. E agora, te vendo solteira e tão feliz, como eu te vi ontem à noite por entrar em casa, não consegui me segurar e, por isso, eu não me desculpo.

Tento falar que eu não me arrependia disso também, mas não consigo. A força que me impede de dizer isso é mais forte que tudo.

– Tu sabe onde me encontrar caso queira conversar, me xingar ou fazer qualquer coisa, Olívia. E se tu me disser um não, pode ter certeza que nunca mais tocaremos nesse assunto e tudo voltará a ser o que era antes. – Ele sorri fracamente para mim, mas uma vez, com o sorriso não chegando ao seu rosto.

André sai da minha casa com o Leco de arrasto. O silêncio que as minhas paredes fazem me atormentam a ponto de eu quase entrar em desespero por tudo isso que acabou de acontecer.

Não sou digna de nenhum sentimento do André, mas pelo visto a minha sina na terra é atravancar a vida das pessoas de quem mais gosto. Primeiro com o Cae, deixando ele separado da primeira infância do seu filho e de quem ele amava de verdade, a Elis. Agora o André, um amigo perfeito que todo mundo merece ter, criando nele sentimentos por mim que eu não sou merecedora de receber.

Mais uma vez, a vontade de ter ficado no meio das ferragens do acidente me atinge em cheio.

Um urro de desespero e dor escapa da minha garganta. Lágrimas correm dos meus olhos e eu me deixo chorar por tudo.

Por ser portadora dessa maldição que não deixa as outras pessoas serem felizes.

Por tudo que ficou naquele acidente.

E por saber que a chance de ter uma vida normal, mesmo achando que eu estou perto dela, está mais longe do que eu posso suportar.

Capítulo 9

– Tia Iv!!! – Abro meus braços e me abaixo para receber um Perereco safado no meu colo.

Abraço meu afilhado do coração e beijo ele repetidamente. A miniatura do Cae sorri para mim e eu me derreto toda.

Depois de livre e espontânea pressão, o Luiz me arrastou nesse domingo para a praia onde todos estão. Ele chegou de viagem na quarta e não sossegou enquanto não me convenceu em ver todo mundo aqui.

A semana passou de um jeito estranho. O clima na loja entre mim e o André não era nada agradável. Depois que ele saiu lá de casa e eu tive uma crise de choro intensa, me permiti ficar o resto do dia na cama curtindo uma fossa. Até porque não sabia se ainda tinha emprego e estava esgotada emocionalmente perante os acontecimentos das horas anteriores.

Passei o dia enclausurada no meu quarto no escuro entre uma crise de choro, sonhos diversos e a angústia no meu peito constante. Situações de estresse me deixam desse jeito, e posso dizer que essa foi uma situação e tanta. No outro dia, levantei da cama me arrastando, como se houvesse pesos no meu corpo me impedindo de levantar e encarar a vida que me esperava lá fora.

Me olhei no espelho naquela manhã sentindo repugnância de mim mesma. As cicatrizes zombando da minha cara, as olheiras profundas e os cabelos revoltos davam o ar completo para o quadro patético em que eu estava. Minha vontade era jogar a escova de cabelos no espelho para não ter que me encarar novamente nele.

Fui trabalhar com uma ponta de arrependimento interno. Pois não sabia o que me esperava lá, mas ponderei. O máximo que pode me acontecer é ter outro ataque de pânico no meio da loja e dessa vez ser despedida por justa causa. Então, o que é uma mancha para quem já está todo sujo?

Entrei na loja e encontrei uma Sabrina toda sorridente e falante a minha volta. Tentei acompanhar o seu ritmo, mas foi em vão. Eu estava em outra dimensão e somente o meu corpo estava presente. Não perguntei pelo André, apenas fiz o meu trabalho, do melhor jeito possível, para que se ele decidisse me demitir, quem ficasse no meu lugar encontrasse tudo no devido lugar.

Trabalhei a semana toda e não vi o André até sexta à tarde, no final do

expediente. Estava caminhando, lendo um relatório e topei nele com tudo. Se não fosse ele me segurar pelos cotovelos, teria caído de bunda no depósito. Quando eu consegui me estabilizar, vi os seus olhos azuis e o sorriso no seu rosto, senti uma coisa estranha dentro de mim.

Não sei descrever o que era, mas parecia com um formigamento em todo o meu corpo e uma atração inexplicável pelos seus olhos. Minha mente foi parar naqueles momentos em que estávamos nos beijando. As mãos do André na minha cintura dando um aperto nada forçado, mas constante e me deixando bem consciente de onde estavam presentes. As palavras dele me dizendo que sempre tinha tido uma queda por mim e que eu era linda, me fizeram ficar arrepiada e o mundo um lugar mais quente a ponto de me deixar com a boca seca.

Demorei alguns segundos para perceber que o André estava me chamando. Com certeza ele percebeu o meu distanciamento momentâneo. Seu sorriso apareceu e, dessa vez, chegou aos seus olhos, os deixando brilhante. Confesso que foi um pouco presunçoso, mas bem melhor do que eu recebi quando ele saiu da minha casa naquele dia.

André conversou comigo como se aquele dia, em que me contou tudo e nos beijamos, nunca tivesse acontecido. Ele estava normal, ainda com um sorriso besta no rosto como se estivesse rindo da minha cara internamente, ou se gabando por ter me deixando transtornada. Mas, como eu disse, um pingo de atenção para mim é como se fosse o oceano inteiro. E eu ainda me pego pensando naquele beijo que trocamos, mesmo que ele fosse completamente errado e as dimensões de sentimentos que o André tem por mim, nunca serão atingidos.

Cheguei à conclusão de que eu não nasci para ficar com alguém. Meu lugar no mundo é na minha casa, quietinha, sem causar nenhum dano a sociedade por me relacionar com alguém. Como a Fabi me disse, a depressão é um processo lento para ser vencido. Não vai ser de um dia para o outro que eu vou acordar com um estalo e dizer “de hoje em diante eu não sou mais depressiva, vou ser alegre e feliz, saltitando no campo de flores”. Não, não vai ser assim.

Esse processo, longo e gradual, pode levar anos para chegar a um nível que eu me sinta confiante e segura de dizer que eu mudei as regras do jogo. Meu estado não é tão crítico a ponto de ser internada e tomar

medicamentos para controlar. Sei que quase cheguei a esse estágio, mas hoje estou amena. Comparo a depressão que eu tenho, a tristeza, o ressentimento de tudo que eu passei e o acidente como um alcoólatra. Pode parecer mórbido, mas no fundo tem fundamento.

Muitos alcoólatras não admitem que tenham esse problema, ou não aceitam ser encarados como tais. Falam para a família e amigos que podem parar quando quiserem, mas relutam até o fim para admitir que se ficar um dia sem beber pode ser a ruína. Quando a ficha cai, eles começam o tratamento, e tentam com todas as forças evitar qualquer anseio por um gole de bebida. Procuram se distrair com alguma coisa. Mas, como em um passe de mágica irônica, aparece alguma propaganda de bebida na TV ou qualquer outra coisa que possa agir como gatilho. E aí, começa uma luta constante contra o desejo de sentir o ardor do álcool na boca versus o processo de mostrar para si mesmo e a todos que consegue viver sem o vício.

Com o depressivo, a história é parecida: negação da pessoa que está passando por isso, e também dos parentes e pessoas próximas, que não conseguem reconhecer os sintomas. Depois de diagnosticado, o período inicial do tratamento é doloroso. Comparo como uma sangria, tu senta na frente de uma pessoa, até então desconhecida e ela começa a futricar todas as tuas feridas para que sangrem, te deixando desolada com lembranças, fatos e coisas que tu nem te lembrava que aconteceram. Acredito que isso seja até um pouco masoquista, primeiro sofremos, e muito para depois começarmos a nos curar. Irônico.

Quando já estamos em um processo mais adiantado, as semelhanças continuam. Desviamos os pensamentos que nos levam a tristeza e tudo que possa relembrar esse fato. É aí que começa o dilema.

Se pararmos para prestar atenção a nossa volta, quase todos os lugares que há alguma tragédia anunciada. Seja pela TV, em telejornais, novelas e até mesmo propagandas, revistas, jornais e internet. Quantas vezes eu cheguei a sair de um lugar por escutar pessoas comentando sobre acidentes de carros em que não houve sobreviventes e com a frase clássica “eram tão jovens para isso”, ou então novelas passando acidentes de personagens, filmagem de acidentes nas redes sociais compartilhadas e repetidas em loopings infinitos e tantas coisas mais.

E nós, assim como os alcoólatras, salivando por uma gota de álcool,

sofremos mais, pois temos o nosso vício dentro de nós mesmos, as lembranças. O que aprendemos nas sessões de terapia é a conviver com as memórias. Driblar os acontecimentos futuros e deixar o passado na nossa mente, como um alcoólico deixa uma garrafa de vinho na estante, de enfeite. A sede de nos enfiar no vício nunca vai passar, mas chegaremos em um ponto em que vamos administrá-la com mais força, veremos que não vale a pena se afundar na tristeza sem fim novamente e ficar sóbrio é a melhor decisão que há.

Ainda não cheguei a esse estágio. Meu objetivo ainda é esse. No momento ainda sou uma alcoólica das minhas tristezas e o meu estoque de bebida ainda é muito. Por isso me arriscar em alguma coisa é complicada. Complicada para mim, por ainda ter meus pânico, medos e afins, e mais ainda para quem ficar ao meu lado, por ter que aguentar tudo isso.

Acredito que a depressão pode ser contagiosa. De tanto a pessoa te ver afundada na própria mente, as decepções levam quem está ao nosso lado a começar a se ressentir também. Tenho como exemplo o Cae, nos anos que ficamos casados. Vi ele passar de alegre para amargurado como eu e isso me matava por dentro. Saber que era a causa de tudo isso me deixava mais triste, e conseqüentemente, mais depressiva e assim ia, sucessivamente.

Agora, vendo o sorriso dele acompanhado da Elis e a Sarah na minha direção, vejo que a sua descontaminação foi completa.

– Hey, Liv. Que saudade! – Cae me abraça tão forte que chega a me levantar do chão. Sempre gostei quando ele fazia isso comigo.

Ele beija o meu cabelo diversas vezes e ainda me faz dar uma voltinha para ver se eu não tinha deixado nenhuma parte do meu corpo na viagem.

– Oi, tia Liv! – A próxima a correr para os meus braços é a Sarah.

Essa é a primeira vez que eu a vejo como filha do Cae. A abraço forte e sou retribuída com um sorriso tão lindo e genuíno de felicidade que quero registrar na minha memória como uma das lembranças boas para uso futuro.

E com isso, que comece o domingo com todo mundo conversando alto a beira do mar, crianças gritando de felicidade rolando na areia e risos intermináveis...

.

– Não vai dormir e me deixar aqui dirigindo nesse trânsito infernal sozinho. – Luiz fala depois de vinte minutos na estrada.

O movimento está intenso com a volta do final de semana da praia para a cidade grande. Fomos avisados do trânsito descomunal, mas mesmo assim o Luiz insistiu em vir nesse horário. Por mim poderíamos ter ficado e saído de madrugada e ainda sobraria tempo para chegarmos nos nossos trabalhos. Mas se eu sou cabeça-dura, o Luiz pode ser bem mais.

– Não vou dormir. Vou ficar aqui te incomodando até chegarmos em casa. – Minto, meus olhos parecem que pesam uma tonelada cada um. Brinquei com o Antônio e a Fofinha na beira do mar até os dois estarem roxos de frio e brigando para não saírem com as suas mães.

O dia foi agitado. Noah e AC resolveram alugar uma das churrasqueiras que tem em uma parte mais familiar da praia e acampamos lá. Yago e Sarah ainda estavam cansados da ida ao parque aquático do outro dia e ficaram ajudando nos preparativos do almoço enquanto a Fofinha e o Antônio faziam as artes mais impossíveis que se pode imaginar. Uma hora a Elis teve que subir numa árvore, porque o Antônio conseguiu atirar o chinelo no meio dos galhos.

Quando fomos para a água, os dois, bem avisados que estavam e sabendo que não podiam entrar na água sem que alguém fosse junto, tiraram o meu coró correndo por entre as ondas que quebravam na areia.

Tive que tomar um banho no quarto do Cae antes de voltar para casa, pois estava uma mistura de sal com areia que nem eu mesma me aguentava. Mas não deixaria de brincar, nem impediria as crianças de me enterrar na areia por medo de ficar suja.

– Tu disse que não ia dormir! – Luiz grita ao meu lado e eu dou um pulo de susto.

– Desculpa, foi uma fechada de olhos mais demorada.

Olho para o meu amigo suando de nervosismo. Dirigir para ele, desde o acidente, sempre foi tenso. E agora percebo que, pela força que ele segura o volante, ele não está nada confortável com isso.

– Vamos parar para um café, assim eu me acordo. – Digo sorrindo.

– Não. – Rapidamente ele fala e segura o volante a ponto dos seus dedos ficarem branco. – Eu teria que ir para o acostamento e esperar o

trânsito se acalmar, cruzar a pista contrária para entrar no posto e depois fazer isso de novo.

Certo, sem café e essas milhares de coisas. Só que aí começa o meu dilema: o conversador dessa dupla sempre foi o Luiz e não eu.

– A Luiza já disse quando vem te visitar? – Meu ambiente seguro é esse. Luiz veio me falando da viagem dele o tempo todo na ida.

Ele não estava nenhum pouco nervoso nessa hora. O trânsito estava calmo e estávamos somente com o horizonte a nossa frente. Agora mil carros passam por segundo ao nosso lado e uns dois mil a nossa frente.

– Não. Ainda não disse nada. Ela depende de férias e coisas do tipo. Por mim teria trazido ela na minha mala, mas ela é uma mula manca de teimosa.

Silêncio novamente.

– Jesus Cristo! – Luiz exclama ao meu lado ao ver um carro fazendo uma ultrapassagem perigosa. – Esse povo não tem amor à vida? Será que aquele idiota tem noção do que pode acontecer fazendo isso...

Luiz começa a xingar, com todas as palavras possíveis e impossíveis o motorista irresponsável que fez essa barbeiragem. Minhas mãos começam a suar, mas dessa vez não é de calor e eu pressinto alguma coisa dentro de mim.

Não, Liv! Não vai por esse caminho, hoje não. Agora não!

Começo a recordar as coisas que aconteceram hoje. Antônio brincando com o Cae, Fofinha nos ombros do Noah ou de cabeça para baixo, rindo alto. Yago achando um caranguejo na areia e não deixando ninguém pegar o bicho porque as presas deles fazem estragos. Su rindo e contando como a Elis foi a premiada no primeiro dia deles aqui com uma água viva passando por entre as suas pernas e como ela fez um escândalo e quase chorou no colo do Cae dizendo que estava morrendo. O riso das crianças, o sorriso da Sarah para mim hoje quando cheguei e...

– Liv, não me abandona aqui. – Escuto o Luiz falar enquanto eu me concentro. – Pensa em coisas boas, me fala mais da tua viagem com o André. Como foi?

André. Me lembro dele brincando comigo em uma das feiras de artesanato que fomos em uma das noites. Ele queria que eu fizesse uma

tatuagem de Henna de uma coroa de princesa e eu disse que não. Porque se um dia fizesse uma tatuagem, seria de verdade e não de brincadeira.

André e o seu sorriso cativante e os olhos sempre brilhando.

André e os risos no quarto com os filmes de comédia pastelão comendo Nutella direto do pote na madrugada.

André e o jeito que lidou comigo quando eu entrei em pânico depois do pesadelo.

André...

Ele me beijando em casa e me falando aquelas coisas...

– O André me beijou. – Falo fracamente para o Luiz dirigindo tenso.

– Como?

– O André me beijou! – Digo mais alto e com tudo voltando ao normal dentro de mim.

Luiz continua em silêncio olhando para a estrada. Depois de alguns segundos, ele resolve falar e rir ao mesmo tempo. Pelo menos desviei a minha atenção do pânico surgindo e a dele.

– Descobriu que ele não era gay na marra?

– Não, isso foi de pileque mesmo. – Conto a história do barzinho e as bebidas coloridas que eles estavam servindo e não avisando do seu teor alcoólico.

Continuo a narrar as trágicas histórias daquela semana. Estava guardando tudo para mim, nem para a Fabi eu tinha contado quando fui ao consultório essa semana. Mas agora, perante a situação, minha alma despejou cada gota que tinha dentro desse carro. Um prato cheio para o Luiz preencher a cabeça com teorias mirabolantes e aliviar a tensão de estar dirigindo em uma estrada movimentada.

Ele me escuta com atenção, mesmo estando focado na estrada a nossa frente. Não me interrompe nem nada, acho que isso é uma arma que os médicos têm, a Fabi faz a mesma coisa comigo. Às vezes penso que estou falando com as paredes, porque ela não expressa nenhuma reação à minha narração. Mas em compensação quando começa a falar... Parece que não vai parar nunca e é a minha vez de escutar.

– Ele te beijou, te falou que arrastava uma asa gigante para ti e tu

entrou em choque e despirocou?

– Sim, sim e.... despirocou? O que é isso?

– Um colega de residência falava dos pacientes loucos. Nada pessoal.

– Ele completa rápido com um sorriso zombeteiro no rosto.

– Então acho que despiroquei mesmo. – Entro na brincadeira e me pego rindo junto com ele.

– Liv, tu sabe como brochar um cara, literalmente. Primeiro acha que ele é viado, depois ele diz que era maluco por ti, achando que ia te conquistar de fato, e tu me apronta isso? Caramba, se eu fosse o André já teria me atirado da ponte, depois dessa. Ou, virava viado de uma vez.

– Valeu pela ajuda, Luiz. – Ironizo, o fazendo rir mais alto ainda. Pelo menos esqueceu do trânsito tenso a nossa volta.

Ficamos alguns instantes em silêncio até o Luiz abrir a boca. E eu tenho até medo do que essa mente brilhante pode falar nesse momento.

– E agora? – Me viro para ele e pisco algumas vezes. Estou acostumada com as mil e uma teorias do Luiz sobre tudo, e ele me vem só com essas duas palavras?

– Agora o que? – Questiono intrigada com essa pergunta.

– Quando vocês vão se apresentar para nós? Eu preciso estar do lado do AC para colocar medo no André, se ele tentar ser sacana contigo. Talvez, eu peça ajuda ao Noah também, ele sem camiseta pode assustar bastante.

Silêncio dentro do carro enquanto eu organizo os meus pensamentos e tento entender sobre o que o Luiz está falando. Será que ele está sendo sério sobre isso? Conheço ele há um bom tempo para perceber que, quando ele quer, consegue se manter em uma piada até quase ela começar a fazer sentido.

– Não Luiz, eu e o André não vamos fazer nada. Não posso me aproximar dele como ele quer. – Digo para eliminar essa possibilidade de uma vez.

Já quase ferrei a vida do meu primo a ponto de não ter conserto. Ele ficou amarrado a mim por mais tempo que merecia e eu vi o quão desastroso foi tudo isso. Não quero mais ninguém sendo alvo da minha predisposição a estragar a vida dos outros.

O André é um anjo de pessoa e merece coisa bem melhor do que eu toda quebrada e sem garantia para troca. Isso é fato indiscutível.

– Porque não, Liv? – Luiz me questiona sério.

– Porque sim, oras. – Cruzo os braços sobre o meu peito e fixo os meus olhos na estrada. – Não quero estragar a vida dele andando comigo. Já quase estraguei a vida de um, não vai ser com o meu amigo que eu vou fazer a mesma coisa.

Luiz balança a cabeça, sempre olhando para a estrada a nossa frente, em um tom de reprovação com a minha resposta. Azar o dele...

– Tu não pode comparar o que aconteceu contigo e com o AC com essa situação, Olívia. Dois extremos completamente diferentes.

– Não é não. Deixar uma pessoa que eu gosto depressiva por viver comigo, parece até um reality show de quinta categoria. Não quero ver o André ficando depressivo por minha culpa.

– Não acho que o AC estivesse depressivo contigo. É o jeito dele, preocupado e metódico que expressa isso, mas nunca ele esteve em depressão, não como o teu caso. Se fosse assim, hoje nós não teríamos passado o dia todo vendo ele e a Elis colados um no outro e fazendo planos de casamento. Não confunda isso, Liv. Se o AC fosse depressivo, ainda estaria casado contigo e não deixaria o sentimento que ele sente pela Elis aparecer. Ele se arriscou seguindo o seu instinto e teve sorte, e se não tivesse, ele estaria separado de ti da mesma forma.

Fico em silêncio como se eu estivesse em uma consulta com a Fabi e o Luiz continua a falar.

– Eu, particularmente, não vejo nenhum problema em tu ter alguma coisa com o André. As poucas vezes que convivi com ele, percebi que ele é um cara legal e que estava caidinho por ti. Todos nós te falamos isso, eu, AC e até a Su e a Elis, mas tu nunca acreditou. E eu me pergunto, porque Olívia? Porque esse medo?

– Já disse que pensava que ele era gay. – Digo antes que ele emendasse um assunto no outro.

– Que seja, agora tu sabe que ele não é. – Reviro os olhos, não para o Luiz, mas para mim mesma que levou a minha mente para aquela lembrança nossa se beijando.

Porque isso tem que me atormentar? Já não basta as outras coisas que me tiram o sono? Porque isso me abalou tanto assim?

– Olívia, o que tu vai fazer agora?

– Só quero ir para casa e dormir, Luiz. Estou cansada e...

– Não. – Ele me corta. – Estou falando sobre o André.

– Nada. – Dou os ombros. – Não posso fazer nada se eu não...

– Não termina essa frase dizendo que tu não vai poder corresponder os sentimentos dele, por favor. Isso é mentira Olívia. Com todas as letras e palavras.

– Tu não pode falar isso Luiz, – explodo dentro do carro – você não sabe...

– Sei. – Ele grita comigo do mesmo jeito que eu fiz com ele. – Sei sim Olívia, e sei mais ainda sobre o que é sentir isso. Achar que se relacionar com outra pessoa é uma ofensa a quem já morreu. Acredita em mim, Olívia, eu sei muito bem o que tu sente. E sabe o que é pior ainda? Eu admito completamente que eu faço isso. Não me relacionei com ninguém porque eu penso diariamente na Joana. Eu amava ela e acho uma afronta colocar outra mulher na minha vida, para ocupar o lugar que seria dela.

Uma lágrima teimosa sai do meu olho e eu a limpo para servir de exemplo a outras que querem vir à tona.

– Eu me martirizo todos os dias sobre isso tudo Olívia. Perco horas pensando em todos os “e se” daquele dia. E se eu não tivesse saído àquela hora, ou não tivesse conseguido folga do plantão daquele final de semana para sair com as duas. Depois de tanto tempo eu cheguei à conclusão de que isso não iria adiantar em nada, era para ter acontecido e ponto. E nem por isso foi justo. Para nenhum de nós, eu, Joana e a Luiza. Ninguém merecia esse final infeliz, mas aconteceu e nada vai mudar isso. Sei que tu deve pensar, assim como eu pensei, porque eu não morri junto, seria mais fácil. Mais fácil para quem? Minha filha que tinha dez anos apenas, para a Joana passar o que eu passei? Não Liv, foi melhor eu passar por tudo isso do que ver elas sofrendo. Entende esse meu lado?

– Eu já me perguntei mil e uma vezes porque eu não morri junto, ou no lugar do Jaime... – Digo baixinho.

– E isso dá uma raiva no início, não é? – Ele ri ironicamente. – Mais

fácil matar todo mundo do que ficar aqui vagando como uma pessoa sem alma. Mas agora, depois de muito tempo, eu já mudei a minha concepção sobre isso. Vi a minha filha crescer, ajudei meus pacientes, tive as minhas cunhadas ao meu lado quando eu precisava de alguma coisa. Vi os meus sobrinhos crescerem. E fiz amigos. Sabia que eu nunca confiei nem à minha família coisas que eu falo para ti e o AC?

– Nem às tuas cunhadas? Sempre pensei que vocês fossem bem próximos.

– Sim, sou mais próximo das duas, mais do que dos meus irmãos. Eles não merecem as esposas que tem. Ou que tiveram, no caso da Vivi. Mas enfim – Ele toma uma respiração longa e recomeça a falar. – Me isolei do mundo, porque só tinha gente me olhando com aquele olhar de coitado, isso me dava raiva, ou então, depois de um tempo, as pessoas se aproximando de mim pelo meu dinheiro e essas coisas. O AC foi o primeiro que não deu bola se eu vestia Armani e tinha uma BMW, ou roupa rasgada e um fusca 70 com o capô de cor diferente do resto do carro. Ele entrava em quadra, arrancava o meu couro no squash e eu ainda pagava por isso. Nunca tive um tratamento especial cheio de “não-me-toque”, senhor isso, doutor aquilo. Essas coisas que as pessoas que têm dinheiro esperam receber porque acreditam que têm um DNA diferente das pessoas comuns.

Luiz começa a rir do nada.

– Meu irmão do meio é assim. Quer chegar e espera que todos ajoelhem perante sua divindade, o meu mais velho já é mais centrado, muito parecido com o meu pai. E eu... Bom, ainda nem eu sei o que eu sou. Acho que um dia eu me descubro, mas o enfoque não sou eu aqui, Olívia...

Luiz olha para mim rapidamente, e volta a observar o trânsito a nossa frente. Suspiro e começo a falar baixo.

– Eu fiquei abalada com tudo isso, confesso. Mas não sei até onde o fio da minha zona de segurança aguenta. Tenho medo de arrebentar e nunca mais conseguir remendar.

– Remendar não vai deixar a coisa exatamente como é, impossível isso, Olívia, mas pode ser consertado com nós. Vai ficar aparecendo, como cicatrizes.

– Já tenho demais. – Digo por fim.

– E o que custa uma a mais, ou uma a menos? Qual a diferença?

– Perder o amigo, quem sabe?

Luiz ri para mim.

– Liv, a verdade foi revelada. Pelo o que eu entendi nas entrelinhas, o André deve ter pensado em tudo isso muito bem antes de te contar. Se para ti ouvir foi avassalador, imagina para ele que teve isso guardado dentro dele por tanto tempo. E ainda sobrevivido anos. Com certeza para ele está sendo mais difícil.

Maldito Luiz e as suas frases que atingem no meio da minha alma. Acabei de ficar numa encruzilhada.

– Arrisca Olívia. Se não der certo, pelo menos tu não vai ficar com mais um “e se” na tua vida. Pode ser que dê errado, mas pelo menos tu e ele vão poder estar com a consciência limpa em dizer que tentaram. Vive o momento, não pensa no amanhã e, muito menos, no que aconteceu ontem. Foca no que está vivendo hoje e esquece o resto. E outra coisa...

– O que? – Pergunto.

– Vamos encomendar pizza ou hambúrguer para jantar? Estou morrendo de fome e sem comida em casa.

Capítulo 10

Por André

Estou de mau-humor. Completamente intragável e sem querer papo com ninguém. Já xinguei até um entregador que estava descarregando umas encomendas para o estoque, e a culpa nem era do coitado. Se não fosse a Olívia chegar a tempo, eu teria feito a merda completa.

Ahh, Olívia!

Cada vez que eu a vejo, escorada no balcão, atendendo alguém ou então nem que seja na frente do computador rindo de alguma coisa besta que a Sabrina está mostrando para ela, me dá vontade de puxar ela para mim e arrastar ela até o meu apartamento e fazer coisas impróprias para falar nesse momento.

Mas se eu fizer isso, com toda a certeza do mundo, ela nunca mais olharia na minha cara. Por isso eu estou aqui, comendo Nutella direto no pote, no meio da tarde, para ver se tenho uma crise de diabetes e caio duro aqui no chão. Vai que adiante...

Até o doce, que antes me levava às nuvens, não tem mais o mesmo gosto de sempre. Nenhum sabor se compara aos dos lábios da Olívia. O gosto dela bate qualquer coisa. Daria o meu rim esquerdo, ou então, nunca mais comeria Nutella se ela ficasse comigo por apenas uma noite, sem amarras, sem crises de pânico ou arrependimentos.

Meu Deus, André. Te controla cara! Quem te vê mendigando desse jeito, pensa que não vai mais ter outra pessoa na tua vida. Tu jogou e agora é a vez da Olívia jogar, ou abandonar o tabuleiro por completo.

Nada está perdido ainda, sexta mesmo, eu vi a reação dela quando me viu novamente, desde aquele dia fatídico. Ela estava diferente, me encarou com uma coisa no olhar que chegou a me aquecer por dentro de um jeito diferente. Isso me acendeu uma enorme ponta de esperança.

E por isso, hoje, novamente sexta, eu resolvi descer para ajudar na loja. Se eu precisava ficar aqui? Claro que não, poderia estar em casa vendo o Leco e a sua nova namorada, a minha almofada do sofá, num amasso enquanto eu termino uma tela ou o desenho que o Tony me pediu para mostrar para um cliente. Porém, eu não poderia perder a oportunidade de esbarrar na Olívia a toda hora e ficar procurando algum sinal de transtorno de

sua parte quando ela me vê.

Vendo por esse lado, eu pareço uma criança. Não sei o que é pior. Eu alimentar a minha esperança, ou ficar na “friendzone” por mais algum tempo.

Termino de raspar o meu pote de Nutella, deixo a embalagem na escada para levar para a casa depois, já que eles dão ótimos recipientes de tinta e volto para a loja, onde eu encontro o meu alvo em cima da escada olhando alguma coisa.

– Quer ajuda, Princesa? – Digo olhando para ela, que quase se desequilibra na escada.

Olha o poder da minha voz fazendo isso com ela. Mando o meu subconsciente calar a boca e parar de colocar gasolina no fogo da minha esperança.

Olívia desce de costas para mim, e quando chega a minha altura, coloco as minhas mãos na cintura dela, amigavelmente, que isso fique bem claro, para ajudar ela a descer sem cair. Já pensou se ela cai e quebra o tornozelo? Onde estaria o meu cavalheirismo nesse momento? Com certeza, abaixo da namorada de algodão do Leco.

Deixo a Liv se firmar sobre os dois pés no chão e solto a sua cintura, lentamente, porque eu sou um masoquista e gosto de sofrer. Os dois caras que colocaram os meus piercings já tinham me falado isso, mas eu apenas aceitei o adjetivo, porque só uma pessoa que gosta de sofrer, como eu, para ficar perto da Olívia assim, ainda mais sentindo o seu cheiro.

– Tudo bem, André? – Agora foi a minha vez de viajar na maionese pensando no cheiro da Olívia. Cada vez eu me supero mais.

Orgulho de mim que não cabe mais no meu peito. Só que não.

– Tudo sim, Princesa. – Emendo rápido para não deixar a minha gafe tão na cara assim. – E aí, como foi na praia domingo passado? Vi as fotos.

E quase morri de inveja em ver ela e o Luiz, que estão juntos desde aquele sábado, postando fotos de todos eles na praia, enquanto eu estava deitado, no ar-condicionado, olhando filmes piegas na TV.

– Foi ótimo. Estava com saudade das crianças. E o teu final de semana, como foi?

– Ótimo. – Minto, descaradamente.

Começamos a caminhar, e eu, como um filhote, louco por um carinho, sigo atrás da Olívia. Ela vai até o balcão e eu junto.

Meu final de semana foi péssimo. Sábado bateu a depressão e eu ressuscitei os meus cd's emo da minha adolescência e estava cantando junto. Até o Leco entrou nisso e uivava tentando entrar na brincadeira. Ainda bem que não tenho vizinhos, ou alguém ia nos denunciar para a polícia pela gritaria, ou maus tratos a animais. No domingo, os filmes velhos. Só faltava a faca para cortar os pulsos.

E sem mencionar a ligação inesperada da Jéssica, a minha ex sei lá o que, que tentou bater no meu cachorro. Ela estava um pouco bêbada e me questionando como eu tive coragem de largar ela assim daquele jeito e que estava com saudades. Por um meio segundo que foi, quase deixei o meu lado lascivo vir à tona e aceitei uma noitada com a Jéssica, mas descartei antes mesmo do pensamento me consumir. Não valia mais o investimento, e a minha cabeça estava em outra pessoa. Não que a Jéssica fosse se importar onde a minha cabeça estava e em quem eu estava pesando no momento, mas eu me importaria e ficaria me xingando depois do ato feito.

Dispensei ela e fui mexer na internet. E aí eu vi a foto do Luiz e a Liv no apartamento dela, comendo pizza. Bateu o ciúme, aquele que me deu vontade de bater na casa da Olívia e ficar junto para saber o que os dois estavam fazendo sozinhos na casa dela àquela hora da noite.

Alimentando o meu lado curioso, fui ver os comentários. Nesse momento eu quis me sufocar na almofada do Leco. Se eu não conhecesse a Olívia, e nem o Luiz, poderia dizer que ambos estavam começando um relacionamento. Mas a Olívia não faria isso, não é?

Claro que não. Os dois são amigos há anos, passaram por um acidente, perderam pessoas que amavam e sentem a mesma coisa. Pelo que a Olívia já me disse, eles conversam muito sobre isso, o Luiz chega a dormir na casa dela seguidamente e...

Olívia do céu, tu não faria isso comigo! Ou será que faria?

Ai caramba. Será que eu me deixei levar pela emoção do momento e não percebi uma coisa tão ridiculamente presente embaixo do meu próprio nariz? Luiz e Olívia juntos. Os dois compartilhando as suas dores e dilemas vividos após os acidentes, experiências e afins...

– Tem certeza de que está tudo bem, André?

– Como? – Acordo do meu devaneio momentâneo aqui e encontro uma Olívia fazendo uma cara estranha para mim.

– Contigo. Está tudo bem? Tua cara está como se tu estivesse com dor, ou algo do tipo.

Dor. Sim, um tipo de dor que me machuca lá dentro, Princesa. Nem queira saber como ela dói.

– Acho que comi Nutella demais e não me caiu bem. – Invento uma desculpa rápida, antes que eu pergunte algo do tipo, “então Liv, teu escancarei meu coração e tu está com o Luiz, conte mais sobre isso para mim”.

Mas fico em silêncio, como sempre. Será que algum dia eu vou aprender a não ser tão idiota assim?

Olívia fala alguma coisa sobre eu ter que parar de comer tanta Nutella, mas eu nem dou bola. Porque eu estou morrendo por dentro nesse momento e me sentindo o cara mais ridículo do universo.

Novamente, fui feito de trouxa. Ou melhor, fiz o papel de trouxa, já que a Olívia não tem culpa nenhuma no cartório e quem resolveu investir nessa coisa que me incomoda por dentro, fui eu mesmo.

Deixo a Olívia falando sozinha e caminho em direção à escada que dá para a minha casa e me tranco e resolvo trabalhar nos meus desenhos e ver o Leco transando loucamente com a sua almofada. Pelo menos alguém se diverte nesse andar.

Por Olívia

Olho para o balcão de novo e nem sinal do André ali. Será que ele está bem?

Ele estava com aquele sorriso presunçoso novamente quando me ajudou a descer a escada com as mãos na minha cintura.

Nem eu me reconheci quando o meu corpo se arrepiou todo com esse gesto, e quando eu senti o seu perfume, quase derreti toda e me segurei para não ir direto à fonte daquele cheiro. Sempre gostei de perfumes, fiz o Cae começar a usar só porque achava isso um charme à parte e quando disse isso para a noiva dele, a Elis só faltou me levantar para o céu de tão agradecida que estava. Homens e perfumes combinantes, não dá para resistir quando

juntos.

Levei em consideração tudo o que o Luiz me disse durante a viagem. Os medos de preencher o lugar de alguém que está morto, de como lidar com essa “traição”, por assim dizer, e o fato de que se eu tivesse morrido, ao invés do Jaime, como seria a dor dele em suportar tudo isso.

Como o Luiz disse, mil vezes eu passar por tudo isso, do que ver quem eu amava na época sofrer no meu lugar.

Se caso isso acontecesse mesmo, uma das primeiras coisas que eu pediria ao Jaime, é que ele tocasse a sua vida e não pensasse tanto em mim, como eu faço com ele. Porém, falar sempre é mais fácil do que agir. Assim como o Luiz fala diversas vezes para eu ir em frente e ele mesmo não faz isso.

Mas alguma coisa mudou dentro de mim. Uma ponta de luz entrou no meu peito e aqueceu os meus sentimentos referentes a tudo que aconteceu comigo e com o André.

Sei que se o Jaime estivesse aqui, ele aprovaria uma relação com o André. Os dois chegaram a ser amigos quando estávamos na faculdade ainda. E saber que isso seria possível, me dá mais impulso para fazer alguma coisa.

Trabalho o resto do dia pensando em tudo e tomo uma atitude. Ainda não sei se ela é a certa, mas é a que no momento me apetece mais e faz o meu coração vibrar. Me despeço da Sabrina e Tony, e digo que vou ficar mais um pouco para fazer alguns relatórios.

Paro na escada que dá acesso a casa do André. Minhas mãos começam a suar frio e eu espanto todos os pensamentos negativos que podem me atingir agora. Subo os degraus e bato na porta. Fico trocando de peso entre uma perna e a outra, mordo o lado de dentro da minha bochecha e espero.

O tempo passa e eu aceito a hipótese de que o André deve ter saído com o Leco pela outra porta e começo a descer a escada.

– Liv? – Paro. – Aconteceu alguma coisa, Princesa?

André desce a escada e fica atrás de mim. Sua voz e o tom de preocupação me congelaram por alguns segundos. Me viro e dou de cara com ele todo sujo de tinta, tremo por dentro e fico encarando o André abestalhadamente.

– Eu queria saber se tu estava bem. – Digo depois de alguns segundos.

André sorri para mim e pega a minha mão e puxa em direção ao seu apartamento.

Nunca estive dentro dele. Já que o André mora sobre a loja, sempre conversamos no andar de baixo. É um espaço amplo, bem arrumado, não metodicamente como o Cae, mas aceitável para um homem e um cachorro. A cama em um canto, sofá e cozinha nos outros e duas portas, uma deve ser a de saída e a outra do banheiro.

Mas o que me encanta são as paredes cobertas por fotos, desenhos e pinturas. Me aproximo de uma e começo a olhar as fotos. André em diversos pontos turísticos da Europa, ele e um Leco pequeno e uma nossa da faculdade.

– Essa aqui é no nosso trote? – Questiono sorrindo para a foto.

André se aproxima de mim e juntos admiramos a foto. Eu, bom, sempre sendo eu, afastada de todos e com um sorriso tímido no rosto todo pintado com frases de “bixo” e “artes comanda”. Já o André, todo de preto se destaca no meio de um monte de mulheres sorrindo como loucas.

– Sim, eu era o mais bonito de todos. Ainda mais com esses cabelos parecendo um arco-íris. Como vocês me deixavam pintar o cabelo a cada semana?

– Era engraçado. E tu sabia que algumas gurias faziam apostas para saber qual seria a cor da semana? Nunca te disse isso para não te chatear, elas me perguntavam se eu sabia de alguma coisa.

– Sério? Ah não, Princesa! Eu era o alvo das piadas e achava que estava abalando as estruturas da sala.

Começamos a rir, até o Leco veio latindo feliz abanando o rabo freneticamente para o meu lado.

André, pega de novo a minha mão e me leva a outra parede com mais milhares de fotos. Ele me aponta uma e eu engulo o choro que se instala na minha garganta.

– Eu guardei essa aqui sempre perto de mim.

Coloco a minha mão na foto e me recordo do dia que foi tirada.

Eu, André e o Jaime, sorrindo. Eu no meio dos dois em um seminário que a minha turma apresentou para as outras turmas de artes, incluindo a do

Jaime.

– Nós éramos tão felizes naquela época. – Digo baixinho.

– Éramos sim, Princesa.

Fico observando a foto e o meu transe, com memórias felizes sobre aquele tempo é cortado com o barulho de alguma coisa arranhando a porta.

– Ah seu fedorento, acabei de te colocar para dentro e tu já quer ir para a rua de novo?

André solta a minha mão e caminha até uma pequena porta, que eu nem tinha notado ao lado do fogão. Leco late novamente até o André abrir a porta para ele.

– O banheiro dele é lá em cima, quer conhecer? É um dos lugares que eu mais gosto daqui.

Estranho o pedido e tento entender porque o André acha o banheiro do Leco interessante assim. Vejo ele estender a mão na minha direção e quando dou por mim, estou subindo uma escada em um corredor pequeno.

O ar fresco da noite nos chega após alguns segundos. E quando chegamos ao topo da escada, eu abro a minha boca e fico encantada com a vista.

Estamos no topo da cidade. Uma imagem linda se põe na nossa frente. Milhares de pontos de luz acendem no nosso horizonte, as casas iluminadas, carros passando lá embaixo e os postes. A cidade toda aos nossos pés.

– Isso é lindo. – Digo sorrindo.

– No final de ano, na virada, é como se os fogos estivessem caindo em cima de mim. Foi um dos pontos que me fez comprar esse prédio. De dia a vista é tão bonita como a noite. Tenho uma foto dos fogos lá na parede, quando descermos te mostro ela.

– Deve ser lindo ver daqui. Só a imagem da cidade aos nossos pés já é incrível.

– Sim, Princesa. E isso me deixa com um baita pé atrás com o que fazer com isso tudo aqui.

Me viro para o André e encaro o seu rosto cheio de dúvidas.

– Morar em cima da loja nunca foi o meu projeto de vida. Até porque

aquilo – ele aponta para baixo – não é casa. É uma sala grande com banheiro, e aqui em cima essa vista maravilhosa e um banheiro para o Leco. Minha ideia era de construir uma casa de verdade aqui em cima, mas depois que eu vi essa vista... Uau, eu sabia que não poderia me desfazer dela com tanta facilidade.

– E fazer mais um andar e deixar a laje? – Questiono caminhando em direção ao parapeito e observando o movimento de carros lá em baixo.

– Não é tão simples, Liv. Conversei com um empreiteiro e ele me disse que o prédio é velho demais para suportar mais um andar e a laje. Teria que derrubar ele e começar novas estruturas, e isso sai um pouco da minha realidade. Quem sabe daqui alguns anos.

André sorri tristemente para mim.

– Na verdade, o meu sonho é de morar em uma casa. Com gramado na frente, um pátio para o Leco correr atrás dos passarinhos e deixar de uivar dentro de casa às quatro da manhã. Dois andares, um estúdio de fotografia e das minhas coisas, parecido com o teu e uma vista de tirar o fôlego da cozinha quando o sol estivesse nascendo e outra na sala quando o sol tivesse se pondo. O problema é que ou eu investia na casa ou na loja. E investindo na loja, futuramente, eu poderia comprar essa tal casa, nem que isso me leve uns cinquenta anos.

– Seria uma ótima casa para se viver. – Imagino a cena e ainda completo com o cheiro da grama recém cortada e noites frias em frente a lareira.

– E vai ser, Olívia. Não sei quando, mas vai.

Ficamos em silêncio olhando o horizonte com as luzes da cidade à nossa frente e descemos para o apartamento do André quando o Leco começou a latir para nós.

– Diz um nome, feminino, de preferência. – André fala para mim que faço uma cara estranha.

– Genoveva. – Digo sem pensar muito.

– Como?

– Genoveva. Era o nome de um peixe que eu tinha quando criança, o Cae que colocou.

– Ok. – André sorri maliciosamente para mim e se vira para o Leco. – Genoveva é o nome da tua namorada. – O cachorro chega a virar a cabeça para um lado olhando para o dono.

– Leco tem namorada?

– Sim, a minha almofada, que ele anda tentando engravidar desde ontem. Precisava colocar um nome nela. Agora ela tem. Obrigada, Princesa.

– Tu não vai colocar o nome do meu peixe na almofada do Leco.

– Já coloquei. Olha – André me aponta para um canto. – O Leco até já gostou.

Vejo o cachorro cheirando a almofada, deita em cima dela e olha sorrindo para nós.

– Genoveva está batizada.

Começamos a rir, até meus olhos se encherem de lágrimas com a situação hilária. Quando começo a me controlar, vejo o André na mesma condição que a minha. Olhos azuis brilhantes, um cabelo despenteado, roupa manchada de tintas e uma pequena no seu rosto.

Me aproximo dele com um passo, e estico a minha mão para limpar a mancha verde na sua bochecha. Quando a ponta dos meus dedos encosta na sua pele quente, meu corpo se reseta. Minha boca fica seca a ponto de eu ter que umedecer os meus lábios um pouco.

Volto ao dia que nos beijamos. A recordação das mãos do André na minha cintura, não forçando a barra, mas sim deixando bem consciente da sua presença ali, o seu perfume e o jeito que ele comandou o beijo me faz me aproximar mais dele.

Fico a milímetros de distância dele. Minha mente manda um alerta total para os meus músculos me afastarem do André, mas dessa vez quem comanda o meu corpo sou eu. E não terá arrependimento posterior.

Fico na ponta dos pés para chegar ao meu alvo. Eu vou te beijar André, e espero que chegue a um nível aceitável que te faça gostar. Não sou boa nisso, mas quero repetir a dose.

Encosto a minha boca na dele e coloco a minha mão no seu pescoço para ter mais apoio e continuar o que eu quero. André não perde tempo em participar ativamente do beijo e colar o corpo dele no meu. Fui pega de

surpresa com a intensidade e acabei escorada na parede e com as mãos do André agarrando firmemente a minha cintura.

Me entrego a esse beijo, completamente.

Diferente do outro, nesse eu tenho plena consciência do que ele pode significar e, por uma decisão consciente, quero arriscar um pouco.

André diminui a intensidade do beijo e lentamente meus pés voltam à terra firme. Ele se afasta de mim e seus olhos azuis estão vidrados nos meus. Por alguns segundos, penso que essa foi uma péssima decisão, mas quando ele sorri para mim, eu me pego retribuindo.

– Isso tudo é porque tu veio ver se eu estava melhor da minha dor de barriga por ter comido Nutella demais, Princesa? Caso tu queira saber, vou comer outro pote inteiro amanhã.

– Deixa de ser bobo, André. Eu... – De repente fico sem palavras.

Como explicar para alguém que sempre teve uma queda por mim que eu queria arriscar um pouco. Que eu passei a noite inteira, e boa parte da semana passada, não que eu admita isso, pensando muito e fantasiando alguns pontos.

Claro que eu sei, e estou bem ciente, que isso pode dar muito errado. Muito mesmo, a ponto de ser uma catástrofe de tamanho inigualável na minha vida. Misturar, amizade, sentimentos e trabalho, normalmente é sinônimo de uma relação fadada ao fracasso imediato. Mas aqui, dentro de mim, algo mais forte bateu desde que eu vi o André saindo da minha casa naquele dia pela manhã com o Leco ao seu lado.

A minha vontade, era de ter ido atrás dele e pedido para ficar. Só que eu entrei em pânico, não no modo lunática e maluca de sempre, mas um pânico mais real do que os outros. O pânico de estar perdendo alguém novamente, e de alguma coisa ter rachado dentro de mim.

Nunca pensei no André mais do que como amigo. Não até aquele dia e no final de semana que o Luiz me falou aquelas coisas. Eu pensei, repensei e mais uma vez pensei em tudo. Na vergonha do dia do hotel com o meu ataque, no fiasco com o beijo que o André me deu, e mesmo assim, ele ainda me falou tudo aquilo. Se ele não quisesse mais nada comigo, por saber esse meu lado louca, não teria me contado, não é? Ele conhece os meus defeitos, que não são poucos, e mesmo assim não fugiu para o outro lado.

Pelo menos assim eu espero, e é por isso que eu estou aqui.

De corpo e mente aberta. Pronta para ser recebida ou esfaqueada a ponto de ficar sangrando mais um pouco. O que é uma ferida para quem já tem tantas para cuidar? É apenas mais uma na minha coleção. Pelo menos dessa vez eu posso dizer que não fiquei de braços cruzados olhando tudo desmoronar ao meu redor.

Não sei o que vai ser de tudo isso, mas dessa vez eu agi e sei todos os riscos que estou correndo com isso. E estou mais assustada do que o normal. Uma parte de mim quer se libertar, correr para a luz e a normalidade que o André pode me oferecer, e a outra, quer ficar no escuro, no frio e úmido canto da minha alma sem incômodos, apenas sobrevivendo um dia após o outro.

– Eu pensei que tu estava com o Luiz. – André fala baixinho me tirando dos meus devaneios.

– Com o Luiz? – Faço uma cara de nojo. – Não! Por mais que eu já tenha visto ele pelado, nunca. Nós somos amigos, nada mais.

André abre um sorriso para mim, perfeitamente lindo. Coloca as mãos no meu rosto e me beija novamente rapidamente.

– Nós precisamos conversar. – Digo olhando nos olhos dele que gritam de alegria.

– Claro Princesa, seja o que for, eu estou pronto para te escutar.

Eu também, André.

Eu também espero estar pronta para tudo. Ou pelo menos, uma parte de tudo e aos poucos ir me acostumando com o que pode acontecer daqui para a frente com a gente.

Por André

– Antes de tudo. – Olívia fala depois de tomar uma respiração encorajadora. – Quero te dizer que eu sinto muito por tudo que eu fiz. O ataque no hotel e como fiquei depois do nosso beijo no meu apartamento.

– Princesa, eu...

– Não, André. É sério. Eu preciso me desculpar por tudo, porque não é uma coisa que esteja ao meu domínio ainda, mas eu estou trabalhando nisso

para melhorar. Então antes de tudo, tu precisa estar ciente disso.

Aceno com a cabeça como fazia quando a minha mãe me passava um sermão por alguma coisa de errado que eu tinha feito e depois perguntava se eu tinha entendido tudo.

Alguém me ajuda porque o mundo parou de girar aqui por alguns minutos. A Olívia me beijou! Sabe quando eu esperava isso? Por mais otimista que eu fosse? Nunca. Simples assim. Nunca! Se isso me pegou de surpresa? Completamente! Se eu soubesse que ela teria essa intenção, pelo menos teria tomado um banho e colocado uma roupa melhor do que essa que eu estou para trabalhar.

Mas convenhamos que as melhores coisas da vida acontecem em momentos como esse. Totalmente inesperados e mudando a ordem das coisas à nossa volta.

Olívia volta a falar sobre como se sentiu depois que eu saí da sua casa e a sua luta interna em não saber como reagir a tudo isso. Fico um pouco sentido por ter deixado ela nesse estado, mas naquele momento, eu precisava falar. Aquilo já estava entalado na minha garganta há muito tempo e precisava sair de qualquer jeito, ou quem iria surtar com tudo isso era eu.

Ela me conta de como pensou em tudo o que eu disse naqueles dias e quando estava voltando do final de domingo com o Luiz, o que ambos conversaram. O medo de estar “traindo” quem já tinha morrido com uma substituição. Meu coração sangrou junto com o da Olívia quando ela me disse que se a situação fosse ao contrário e fosse ela que não estivesse mais aqui e sim o Jaime, iria querer que ele não sofresse por ela e encontrasse uma guria que ela fosse aprovasse para ser o seu par.

Ah, minha Liv. A princesa de cristal com um castelo de aço dentro de si.

Vendo ela falar e colocar tudo isso para mim, pude ver como a cabecinha dela não para de funcionar com questionamentos infinitos e possibilidades maiores ainda, desde as mais simples até as mais complexas.

Mas a pergunta que não quer calar é: e nós? O que faremos a partir desse momento?

– Eu não sei André. – Ela me fala como um sussurro. – Uma parte de mim quer arriscar tudo, mas tem outras que me ficam mostrando mil e uma

falhas nisso. Nós somos amigos e eu não quero destruir isso. Gosto de trabalhar na loja e tenho medo de não conseguir corresponder a tudo.

– Liv, não é assim. – Digo para ela, tirando uma mecha do seu rosto. – Vamos com calma. Prometo não forçar a barra para o teu lado. – Por mais que eu queira romper toda essa barra hoje, sem direito a remendos. – Vamos aos poucos, ok?

– E se não der certo? – Vejo a dúvida no seu olhar. E isso me mata por dentro.

– Eu sempre vou ser o teu amigo e tu a minha princesa. E isso não há sentimento no mundo que vai mudar.

Capítulo 11

Ir aos poucos. Isso é uma coisa que eu não estou muito acostumado. Sempre fui reservado, quietão e coisa do tipo, mas quando eu não tinha nada que me freasse, ia sem medir esforços. Principalmente se a coisa era para mim mesmo.

Coloquei um piercing na sobrancelha, a cada semana pintava o cabelo de uma cor diferente. Cheguei a usar maquiagem escura e pintar as unhas de preto e principalmente, ter apenas uma cor de roupa no meu guarda roupa: preto. Claro que dependendo da roupa tinha a sua escala de preto. Preto novo, preto já usado, preto desbotado de tanto lavar, as minhas favoritas. Um dia fui preto e agora estou mais para o cinza.

Mas quando se tratava de sair com uma pessoa, eu me doava ao máximo. Foi assim no tempo que eu vivi na Europa, depois que eu percebi que a minha timidez não ia me levar a lugar nenhum, já que aqui não tinha dado certo com a Olívia. Aprendi a ser mais confiante, acreditava em mim mesmo e via como as coisas funcionavam nesse ramo de verdade.

Vivia sem medo de ser feliz e estando ao lado de pessoas que eram assim comigo. Me entregava e recebia as mulheres como se elas fossem únicas para mim. E isso, às vezes me colocava em muitos maus lençóis. Principalmente porque eu sempre esperei mais das pessoas do que elas estavam dispostas a me dar.

Cai muitos tombos, tomei muitos porres para curar as feridas. E sempre encontrava outra pessoa para ocupar o lugar, ou apenas, levar a tristeza embora por algumas horas.

Agora a situação é outra e completamente diferente.

Ter a possibilidade de alguma coisa além com a Olívia me põe no mesmo patamar daqueles caras que ficam oferecendo cartão de crédito para quem está caminhando no shopping. Eles perguntam até para os cachorros-guias que passam por eles e nunca recebem uma resposta positiva para fazer o tal cartão de crédito. E quando recebem, ficam se perguntando, e agora, o que eu faço?

E eu me encontro exatamente nesse lugar agora. O que eu faço?

Aparentemente venci a *friendzone*, ou pelo menos uma parte dela e me encontro em uma encruzilhada. Eu não sou uma pessoa que se entrega pouco

e quando faço isso, muitas vezes machuco as pessoas.

E agora tenho que encontrar um meio termo para chegar a poder me entregar por completo para a Olívia.

Como dosar isso? Não tenho a mínima ideia. A minha vontade é falar de peito aberto que sou apaixonado por ela e que por mim, já estaria até com uma tatuagem das iniciais dela no meu corpo. Mesmo nós tendo uma política de não fazer isso aqui no estúdio, porque depois terminam o namoro e eles veem aqui cobrir a tatuagem e fica horrível, e quem leva culpa é o tatuador e não o dono sem noção do que está fazendo.

Pensei em convidar a Olívia para jantar aqui em casa, mas fiquei com medo que ela achasse que isso fosse um convite para passar a noite comigo, não que isso não pudesse (eu falei pudesse, não que vai ser, deixei a palavra suspensa) estar incluso no pacote. Iria deixar a opção em aberto e se caso ela quisesse utilizar deste recurso eu estaria de prontidão para atender. Mas aí desisti. A Olívia pensa demais e iria focar mais nisso do que no jantar em si e ficando nervosa e acabar desistindo.

Então pensei no cinema. Um filme de comédia, sem grandes dramas. Mas me lembrei do escuro do cinema, o fundão dele, e os casais mais fazendo outra coisa do que assistir um filme. Risquei da lista.

Queria ser menos compulsivo para não dar margem para a Olívia pensar em tudo que pode acontecer e com isso a deixar nervosa por alguma coisa, a assustando e a perdendo.

Sim, eu pensei em tudo isso. Sabe por quê? Porque eu assisti dois episódios de ansiedade e pânico da Olívia e não quero que ela passe por isso novamente. Então, eu tento colocar a minha cabeça para pensar do mesmo modo que a dela. Vendo os mil e um lados das possibilidades e pensando no melhor para ela, sempre.

Depois que ela saiu lá de casa naquela sexta, eu subi para a laje e fiquei observando o horizonte e absorvendo tudo o que ela me disse. Sei que ela está em uma encruzilhada onde os lados que pendem para a ruína sempre vão falar mais alto dos que os a que trazem para a vida. Meu papel nisso tudo é sempre puxar ela para esse outro lado, por mais que ela se incline para o outro.

Não sou leigo em depressão. Todo mundo tem um conhecido, parente ou amigo nessa situação. Há diversos programas de televisão discutindo esse

mal do século e milhares de artigos diários na internet sobre o assunto.

A tristeza, briga internas e nunca enxergar a luz no final do túnel...

Calma Princesa, eu vou fazer isso ser mais fácil para ti, e quando tu menos esperar vai estar completamente comigo.

Por isso eu estou aqui na frente do orfanato, uma semana depois que nos beijamos novamente, para fazermos algo juntos pela primeira vez. Pode parecer um exagero de tempo, uma semana depois, mas ela precisava de espaço para assimilar tudo e eu, mesmo afastado, estava presente todo esse tempo por mensagens e telefonemas.

E também, quando conseguimos, nos encontramos no depósito da loja e eu consigo arrancar um beijo escondido dela. Mesmo que ela me xingue depois, mas acaba nos meus braços novamente. Todos os dias eu a acompanhei para a sua casa com a desculpa de levar o Leco para passear e correr um pouco. Exercícios e mais beijos roubados e até andar de mãos dadas pela rua.

Estou me sentindo um adolescente namorando escondido dos pais. E sabe o que é mais engraçado nisso tudo? Os namoros escondidos, com gestos pequenos e que somente os dois sabem o significado, são os que mais nos marcam e os melhores.

Vejo um carrão estacionar na frente do orfanato e a Olívia descer do lado do carona. Caminho até onde ela está e sou recebido com um sorriso alegre e outro, do motorista, não tão amigável. Luiz sai do carro e cruza os braços em cima do peito com uma cara de poucos amigos para mim.

– Olá, Princesa. – Digo, não dando bola para o Luiz e beijando a bochecha da Liv, respeitosamente. – Tudo bem?

– Oi. – Ela me responde e olha para o amigo. – Desmancha essa cara de dor de barriga, Luiz!

– Shiu Liv, tenho que fazer o papel de quem não aprova nada disso.

– Mas tu foi o que me deu mais apoio. – Liv comenta rindo.

– Ele não precisava saber, Olívia. Agora estragou o meu disfarce!

– Menos Luiz, bem menos. – Liv bate o peito do Luiz rindo da sua cara.

Ele vai embora depois de conversarmos um pouco. Além da sua

chegada, Luiz não me falou nada sobre a minha relação com a Olívia. Sei que os dois têm uma relação de amizade intensa. E que ontem estavam juntos na casa da Olívia, ele, AC, Noah e as crianças chegaram enquanto eu e a Olívia estávamos conversando pelo telefone, já que Su e Elis estavam em um evento. Ao que parece, nenhum deles gosta de avisar quando vai chegar e vão entrando como se a casa fosse deles também. Até fui convidado para me juntar à reunião, mas preferi ficar em casa arrumando umas fotos e apanhando do *Photoshop*, em um trabalho de pós da faculdade.

Ainda é cedo para apresentações desse tipo e, estando todos presentes, é um prato feito para eu e a Olívia ficarmos expostos a alvos.

Entramos dentro do orfanato e já encontramos algumas crianças esperando no banco do pátio. Eu já estive algumas vezes aqui, fui a todos os eventos de arrecadação que a Su e a Elis organizaram e dei contribuições. Essa sala de arte mesmo que a Olívia usa com as crianças, boa parte dos materiais é lá da loja.

O trabalho que eles fazem aqui é incrível. E dá gosto de participar. Hoje é a minha primeira vez como voluntário aqui e mal posso esperar para começar a ver o que essas crianças podem fazer com cores a sua frente.

– É por aqui, André. – Olívia me puxa pela mão e entramos orfanato a dentro.

Ela me guia e, mesmo de costas, posso sentir o sorriso dela estampando o seu rosto. Olívia cumprimenta cada criança que passa por nós, pede para algumas irem chamar os outros à sala de pintura.

– Oi, tia Liv! – Uma menina fala sorridente para ela, quando chegamos na sala. – Pensamos que não ia vir hoje, o tio AC já está jogando com os meninos.

– Oi minha linda. Eu não vim com ele hoje, por isso, mas não deixaria de ficar um pouco com vocês. – Olívia diz e se vira para mim e pisca.

Ahh Liv, não faz isso que o momento não é propício para me atihar desse jeito, Princesa.

– Oi. – A menina olha para mim esperando que eu me apresente.

– E aí, tudo bem? – Digo, meio sem jeito.

– Tu é amigo da tia Liv?

– Sim, e vou ficar na aula de vocês hoje.

– Legal! Tu vai adorar, a tia Liv ensina tudo direitinho para nós. Esses dias na sala de aula eu fui premiada com o melhor desenho, e disse que foi a Tia Liv que me ensinou aqui. Ganhei uma estrela e tudo. Vem aqui que eu vou te mostrar.

E com isso eu ganhei uma amiga.

Fico nos bastidores observando a Olívia interagir com as crianças. Me arrependo de não ter trazido a minha câmera para registrar esses sorrisos lindos que ela distribui aqui.

Ontem à noite escolhi algumas fotos que eu fiz dela na viagem para o trabalho da pós. Ajeitei brilho, intensidade de cor e nitidez no programa e mais algumas coisas que achava que poderia melhorar. E em nenhum momento apliquei nada na Olívia. Deixei o seu rosto e sorriso ao natural e caramba... As fotos ficaram lindas. Imprimi algumas e quando tiver a oportunidade vou dar de presente para a Olívia e quero ver a sua reação quando olhar cada uma delas.

A aula passa rápido demais. Até eu soltei um “ahhhh” de tristeza junto com a turma quando a Liv encerrava a aula. Ajudei as crianças a guardarem os materiais e a pendurarem os desenhos na parede, que já está ficando sem espaço para mais.

Nos despedimos das crianças e saímos juntos do orfanato. Minha mão colada na da Olívia, fazendo o meu estômago gelar. Olho para os lados como quem esperasse alguém que pudesse ver o nosso ato de rebeldia e contar para os nossos pais, que não aprovam a relação. Doideira isso, mas como eu disse, altamente excitante pelo momento em que estamos.

Chegamos ao carro e a Olívia olha para mim daquele jeito que faz as minhas pernas parecerem gelatina. Me aproximo dela, coloco a minha mão na sua cintura e a beijo. Começo lentamente e, para o meu delírio, sou recompensando com uma Olívia receptiva e cada vez mais ativa nas minhas investidas.

Assim tu me mata, Princesa.

Terminamos o beijo com ela sorrindo com as bochechas vermelhas. Distribuo mais alguns beijos pelo o seu rosto, e cócegas, a fazendo rir alto. Entramos no carro e seguimos viagem até o seu apartamento conversando

sobre a aula com as crianças.

Quando chegamos, percebo que a Olívia está olhando para as mãos e mexendo a perna rapidamente.

– Algum problema, Princesa? – Pergunto quando desligo o motor do carro na frente do seu prédio.

– Quer entrar um pouco? – Sua voz baixa quase não me deixa escutar. E espero que tenha escutado certo, porque já estou desafivelando cinto e quase abrindo a porta.

– Claro, Liv. – Vou para onde tu quiser que eu vá Princesa, desde que tu esteja junto.

Por Olívia

– Meu apartamento não está bem arrumado, depois do furacão de ontem.

– Princesa, eu moro com um cachorro gigante nada educado e higiênico. Pode ter certeza que o teu está bem mais limpo que o meu. Com toda a certeza do mundo. – Abro a porta e entramos.

Desde aquele dia em que eu apareci no apartamento do André com mil e uma ideias na cabeça, tudo ficou diferente.

Deixei o meu medo, mesmo com ele gritando dentro de mim, de lado e fui por outro caminho. Aquele cheio de dúvidas e um futuro incerto. Claro que ainda estou morrendo de medo do que isso pode me acarretar.

Cheguei a ligar para o André várias vezes para colocar um ponto final nisso tudo durante essa semana, mas quando eu escutava a voz dele do outro lado da linha, me chamando de Princesa e dizendo que tinha ficado feliz com a minha ligação, eu me esquecia do porquê daquela chamada e ficava conversando com ele.

Ele é um querido. Atencioso, sempre perguntando como eu estou. Acordo todos os dias com um “bom dia, Princesa” piscando nas notificações do meu celular e vou dormir com uma ligação de boa noite. Nunca tive tanta atenção voltada para mim e, do pouco que tive, nem me lembrava de como era bom.

Falei para a Fabi tudo o que aconteceu desde a nossa viagem, o jeito trágico do nosso beijo, a semana pós e o estágio que estamos agora. Ela me

deu os parabéns. Um voto de confiança dizendo que eu estava pronta para enfrentar isso e torcendo que eu fizesse a coisa certa.

Porém até agora eu quero saber o que é essa tal de coisa certa.

Gosto de ficar com o André. Ele é uma pessoa alegre, alto astral e me faz rir das coisas mais idiotas do mundo. Sempre nos demos bem, desde o tempo da faculdade, só que agora nos beijamos sempre que podemos.

Gosto quando ele me beija, faz com que o meu corpo se sinta vivo e com um pouco mais de cor do que eu estou acostumada. Ter o André tão perto de mim me leva a lembranças há tanto tempo esquecidas.

Entramos dentro do meu apartamento e ele se senta no sofá, me puxando pela mão. André me posiciona no seu colo e a sua mão fica na minha perna e a outra sobe as minhas costas. Encosto a minha testa na dele e foco nos seus olhos azuis brilhantes. E começamos a nos beijar lentamente.

Carinho, atenção e afeto. Sinto tudo nesse beijo tão simples que recebo do André.

– Isso parece um sonho, Princesa. – André fala baixinho no meu ouvido me arrepiando toda, de um jeito muito bom.

Puxo a cabeça dele para beijá-lo de novo.

Ficamos no sofá até o mundo parar de rodar. Continuamos a nos beijar cada vez mais rápido e em nenhum momento o André avançou o sinal comigo, mesmo eu sentindo ele todo tenso embaixo de mim.

Paro de beijá-lo e encaro os seus olhos por alguns segundos.

– O que houve? – Ele me pergunta beijando o meu pescoço.

– Nada. – Saio do seu colo e vou para a cozinha com a desculpa de que estou com fome.

Abro a geladeira e pego o que sobrou da janta de ontem. Sarah fez a janta com a minha ajuda nas panelas, não que ela precisasse, mas só supervisionei para ela não se queimar e nem cortar as coisas com as facas aqui de casa.

Me escoro no balcão da pia e pelo vidro da janela acima, enxergo o meu reflexo. Cabelos desgrehados pelas mãos do André que explorou cada parte do meu pescoço e até onde a minha blusa começava, lábios e bochechas vermelhas pelos beijos trocados.

Uma voz interna me zomba dizendo que eu nunca vou ser nada do que o André precisa. Minha alma rasgada e o meu corpo retalhado não é nada atrativo para ninguém, a não ser a escuridão.

Mas dessa vez, eu revido. Digo para mim mesma que só quem pode dizer isso para mim é o André.

– Liv? – Perco a noção do tempo que fiquei parada me observando.

Viro e o encontro me observando da porta.

– Aconteceu alguma coisa? – Ele me pergunta novamente e eu balanço a cabeça em negação.

Só o de sempre, André. Só eu mesma inventando desculpas para acabar com tudo, como sempre.

André vem em minha direção e me abraça. Tenho vontade de chorar, por saber que não deve ser nada fácil viver comigo e essas oscilações que tenho. Mas ainda não está ao meu alcance burlar isso, ainda tenho muito que cair e levantar para aprender a conviver com isso.

Jantamos conversando um pouco. E na hora do André ir embora, eu pedi para ele ficar.

– Liv, eu deixei o Leco em casa sozinho. E se eu passar a noite fora, capaz de chegar em casa e não encontrar mais nada no lugar.

Paro e absorvo as palavras dele. Aquela parte de mim que sempre me coloca para baixo, começa a zombar de mim dizendo que era claro que o André não dormiria, em todos os sentidos da palavra, comigo. A calo de novo contradizendo isso e que o fato do Leco ficar sozinho em casa é um perigo.

– Olívia, olha para mim. – Ele ergue o meu queixo, delicadamente até ficarmos olhando nos olhos um do outro. – Eu estou falando sério sobre o Leco e não inventando desculpas para não ficar. Tu sabe que eu não faria isso, não é?

– Sim. – Não hesito em responder e com isso eu calo a essa parte de mim com uma fita isolante de alta colagem.

– Ótimo. – Ele sorri. – Agora eu tenho uma contraproposta. Pega umas roupas e vem para casa comigo. Assim eu te tenho e o Leco embaixo dos meus olhos.

André faz uma carinha de cachorro sem dono. Me pego sorrindo para

ele de um jeito que não consegui segurar. E por alguns segundos de distração, André me abraça e começa a beijar o meu pescoço.

– Vamos lá, Princesa. Eu já dormi aqui uma vez, mesmo que não tenha sido como eu gostaria. E agora está na hora de tu ir lá dormir comigo.

Suspiro com as mãos dele subindo pela minha cintura. E com isso eu não resisto.

– Preciso tomar um banho primeiro. – Me solto do André e vejo ele sorrindo para mim.

– Acho bom tomar lá em casa.

– Por quê?

– Leco gosta de recepcionar bem as pessoas.

– Então vou arrumar uma bolsa.

– Sem pressa Liv, eu te espero aqui na sala.

Coloco dentro de uma bolsa um pijama e algumas roupas para trocar amanhã. Não sei o que a noite me espera, mas sei que não vai ser nada que eu não queira fazer. O André nunca faria nada que eu não quisesse.

Entramos no apartamento dele, pela porta dos fundos. O barulho que fazemos é o que basta para o Leco começar a latir de um jeito forte e protetor, causando até medo por quem escuta de fora.

– Sou eu Leco! – André grita enquanto sobe as escadas e o barulho de alguém querendo arrancar uma porta toma conta do ambiente. – Tu ainda vai quebrar essa porta, calma que eu já estou chegando.

André abre a porta do seu apartamento e um Leco totalmente agitado e pulando em nós, nos recebe alegremente. Entramos na sala e vemos uma pequena bagunça generalizada.

– Ah não, seu fedido. Quem foi o alvo da vez? – André fala para o cachorro que está muito mais interessado em receber os meus carinhos na sua cabeça.

Largo a minha mochila no sofá e me sento, Leco vem junto e quase se senta em cima de mim com aquela cara de bobão dele para o meu lado. Se o cachorro tivesse alguma noção do seu tamanho e peso, não estaria em cima de mim desse jeito.

– Leco, tu matou a Genoveva? – André fala de algum lugar distante, estou soterrada embaixo do cachorro que está me lambendo toda.

Agora entendo porque o André não deixou eu tomar banho antes de sair de casa.

– Meu Deus, Leco, agora tu quer matar a Liv? Sai daí, seu fedorento gigante.

André puxa o cachorro pela coleira e eu surjo do meio do sofá em busca de oxigênio.

– Desculpa, Liv. Ele deve ter sentido o meu cheiro em ti. – Vejo um sorriso sacana nos seus lábios.

Dou os ombros e vejo os destroços da Genoveva, a almofada namorada do Leco por toda a casa.

– Vai ver a Genoveva estava de olho em outra almofada e o Leco não curtiu isso. – Digo quando o André solta o cachorro que caminha até o outro sofá, se senta e olha para nós.

– Provável. Ele sempre foi ciumento. Ainda mais contigo assim Liv, tu deve estar... – André se aproxima de mim a ponto de deixar o nariz dele colado ao meu. – cheirando a baba de cachorro.

Ele se afasta de mim e começamos a rir. Minha barriga chegou a doer quando o Leco veio para cima de nós, para procurar a graça que tanto achávamos e depois disso eu opto por tomar um banho.

Volto para a sala com o meu pijama comprido, mesmo estando razoavelmente calor. Se o André notou isso, foi delicado demais ao não comentar. Ele sai para o banho. Eu fico sozinha, com o Leco roncando no sofá, observando as fotos grudadas nas paredes.

Nem vejo quando o André volta para o meu lado e me abraça por trás. Ele me conta o significado de cada uma e quando as tirou. Seu lado artístico é notável e tem uma veia quase que poética, me fazendo viajar junto com ele em cada história.

Quando eu bocejo, André encerra a expedição. Ajudo a arrumar a cama e quando deitamos, ficamos nos observando à sombra das luzes que entram pela janela da rua, até que dormimos.

Capítulo 12

A depressão é um quadro emocional onde a alma da pessoa atingida fica encoberta por nuvens.

Assim como o tempo, nem sempre todos os dias são nublados. Algumas vezes, alguns raios de sol conseguem burlar a camada quase que impenetrável, trazendo cores para tudo a nossa volta.

E em dias como esses, cabe a nós, tirar tudo para fora e deixar que absorvam a luz do sol para assim conseguir sobreviver quando o tempo se fechar novamente.

Estou em uma fase em que cada dia que passa, os raios de sol atravessam as nuvens, me aquecem e iluminam. Estou há um mês com o André, nessa espécie de relacionamento e a cada dia que se passa, ele consegue fazer os meus dias mais coloridos.

Claro que ainda tenho as minhas barreiras, os meus fios de segurança ainda me prendem e eu custo a arrebatá-los. Porém hoje, pretendo estourar um dos importantes.

Estava em casa, no meu estúdio acabando mais uma tela. Leco dormia aos meus pés enquanto esperávamos o André da sua pós.

A porta se abre e eu o vi chegando e sorrindo para nós. Deixei o territorial dar as boas vindas primeiro e esperei a minha vez chegar. No momento em que fui para os braços do André, eu percebi que essa noite tudo poderia mudar.

Jantamos o resto de ontem que nós fizemos ontem com o Luiz aqui em casa. Ele ainda vem seguido aqui e ainda dorme no quarto de hóspedes depois de cada janta que fazemos.

Terminamos de arrumar a cozinha e fomos para a sala. No sofá, depois de correr o Leco dele, eu me sentei no seu colo e deixei o André começar a explorar o meu pescoço com beijos.

Me permiti deixar ser explorada por ele e me transporte para onde tudo que eu sentia era prazer. Mudei de posição e fiquei quase que montada em cima dele. André colocou as mãos em cima das minhas coxas enquanto eu o beijava, ele deu um aperto, me puxando mais para perto dele e com isso, eu me senti a mulher mais poderosa da face da Terra por deixar ele tenso desse

jeito.

A cada dia que passo ao seu lado adquiero mais confiança no que eu posso e consigo fazer. Sei que ainda tenho muito que aprender, mas hoje eu sei que alguma coisa dentro de mim, implorava por mais do que simples beijos.

– Me leva para a cama. – Sussurrei no ouvido do André, depois que arranquei a sua camiseta o deixando mais tenso ainda.

Ele se volta para mim e eu vejo os seus olhos azuis mudarem de expressão, trazendo com isso, um arrepio em todo o meu corpo.

Com um impulso, André me carrega no colo em direção ao meu quarto. Ele me posiciona no meio da cama e observa o meu corpo todo.

– Tem certeza? – Questiona.

Balanço a minha cabeça com um simples aceno de cabeça e fecho os olhos para me concentrar em tudo que vai acontecer nesse quarto. Meu coração bate desesperadamente dentro do meu peito em sinal de ansiedade e um pouco de medo.

Dando um passo de cada vez, estou vencendo uma barreira que eu achei que nunca fosse vencer. Eu estou feliz, de um modo tão perfeito que, às vezes, penso que estou sonhando e no momento em que acordar, vou estar de volta ao meu quarto escuro e sem cores.

Descobri nesse tempo, que, apesar de tudo, meu coração ainda tinha espaço para se abrir novamente. E a cada dia que eu passo ao lado do André e o seu jeito atrapalhado de ser, meu coração se abre mais.

– Sim. – Digo com a convicção que nunca tive na minha vida.

André sorri para mim e sai da cama em direção à sala me deixando no quarto sozinha. Fecho os olhos e aguardo o seu retorno.

Ele volta para o quarto e para onde eu estou, no meio da cama e se coloca em cima de mim. Sinto o seu corpo, aquele que aos poucos eu estou conhecendo cada traço das suas tatuagens, cada ponto que ele gosta de ser beijado no seu pescoço.

Vejo o pacote com o preservativo na sua mão, que está ao lado do meu rosto e fecho os olhos. Vamos lá, Olívia. Isso é uma coisa que desde que vocês se beijaram pela primeira vez que o teu corpo está pedindo. E ao

mesmo tempo uma prova de fogo no relacionamento de vocês dois.

– Liv? – Abro os olhos lentamente e vendo a aproximação dele.

– Elas são horríveis... – Sussurro.

– Elas o que, Princesa?

– As cicatrizes. – Digo quase sem emitir som.

Sinto o primeiro botão da minha blusa ser desabotoado e o sorriso do André se formando quando ele desce para beijar a pele que apareceu.

– Eu já vi e não achei tão horrível assim. Aliás, – ele volta a me observar – não achei nada demais.

– Viu quando? – Me apoio nos cotovelos enquanto o André senta e sorri para mim.

– Naquela noite do teu pesadelo, lá no hotel. Tu estava deitada no meu colo e quando eu fui te colocar na cama, tua blusa se enrolou um pouco e eu vi boa parte da tua barriga.

Pisco algumas vezes assimilando.

– Por que tu não me disse?

– Porque seria muito indelicado da minha parte. – André faz uma cara estranha para mim e eu volto a me deitar.

– Tu não existe, sabia? – Digo rindo.

– Ah existo, Liv. E quero te mostrar agora que eu existo em todas as formas.

.

Sinto alguém me abraçando por trás e beijando a minha nuca. Conheço essas mãos que sobem o meu corpo por baixo da minha blusa.

– Isso é assédio no local de trabalho. – Digo tentando me esquivar do André.

– Sim, estou sendo assediado por ti vindo trabalhar com essa roupa aqui. Isso não se faz Olívia.

– Minhas roupas não têm nada demais.

– Têm sim, Princesa. Tudo o que tu veste ou não, tem tudo.

Viro e sou abraçada por um André carente. Desde sábado, a nossa fatídica primeira vez, ele está mais saidinho comigo.

Fiquei tão nervosa, mais do que a minha primeira vez de fato. Eu estava pior que uma virgem, mas graças que ele soube burlar todos os meus medos e nervosismo.

Com muita paciência e carinho, vencemos mais esse passo. André não se incomodou nenhum pouco pelo fato de que quase todo o meu abdome ser tomado de cicatrizes e ainda fez questão de beijar cada uma delas, para o meu delírio em suas mãos.

E agora estamos nesse patamar. Nossos beijos passaram de quase castos para uma coisa mais urgente e sem medo de nos entregarmos um ao outro. Como agora que estamos nos agarrando no estoque de tintas, no meio da tarde.

– Olívia, tu sabe onde está o acrílico... Ai, caralho! – Sabrina aparece e nos pega no flagra.

Me agarro no André e me escondo no seu pescoço com as minhas bochechas queimando de vergonha por ter sido pega no flagra, no meio das tintas. Tudo que eu sempre sonhei foi isso, ser pega no flagra assim. Ainda mais na posição que nos encontramos, as mãos do André na minha bunda e a minha dentro da sua camiseta.

– E aí Sabrina, tudo bem? – André fala como se não tivesse acontecido nada. Mas a mão dele ainda continua na minha bunda.

– Hmmm, acho que tudo. E com vocês aí.

– Melhor impossível. – Tenho vontade de chutar o André por essa frase de múltiplos sentidos, mas me contento com um beliscão na barriga dele.

– Acho que eu procuro a Olívia outra hora. – Escuto os passos se afastando, mas não a tempo dele arrematar.

– Ela vai estar ocupada por algum tempo. – Ele grita.

Sinto André me abraçando mais forte e beijando o topo da minha cabeça. Saio do seu ombro e olho para ele.

– Que foi? Tu fica bonitinha envergonhada, Princesa. – Ele aperta uma das minhas bochechas.

– Poderíamos ser mais discretos. – Tiro a mão dele do meu rosto. –

Agora a Sabrina sabe de nós dois. – Me escoro em uma prateleira. – Ela deve estar pensando mil e uma coisas de mim, que estou fazendo isso para conseguir ser promovida no emprego ou que...

– Liv, para! – André chega na minha frente. – A Sabrina nunca iria pensar isso de ti, ninguém no mundo faria isso.

Começo a caminhar na volta do estoque pensando em tudo o que pode acontecer agora. Tudo estava bom demais para ser verdade. Eu disse para o André não fazer isso no meio do trabalho. Aqui eu sou apenas uma empregada, tenho as minhas obrigações, assim como a Sabrina. Não quero ser vista como a “amante do chefe” aquela que faz de tudo para conseguir ganhar a mais, até ir para cama com ele.

Não é assim no meu caso. Gosto de ficar com o André, sinto que os meus medos e aflições parecem menores quando estou ao seu lado. Nos momentos em que ele me beija, sinto como se o meu corpo fosse vivo novamente.

– Liv, nós estamos há mais de um mês juntos. Acho que já está na hora de começar a espalhar isso aos sete ventos. Por mim, eu teria feito isso desde o início.

Observo o André sorrindo para mim e hesito.

Eu sei que estamos juntos por todo esse tempo, mas alguma coisa dentro de mim ainda fala que não passa de uma ilusão. Meu medo é deixar a história se tornar real e com isso, a decepção vir junto. Sempre é assim. Felicidade primeiro, decepção depois.

É quase que uma regra universal que rege todo mundo. E comigo sempre as coisas são mais fortes do que com os outros.

No mundo real as coisas dão erradas. Pessoas se machucam e nos machucam, muitas vezes sem querer, mas nem por isso deixa de doer. Viver às escondidas é melhor. Nos sonhos, tudo e todos são sempre alegres e os finais felizes. Trazer as coisas para a realidade muda tudo de lugar dentro de nós e pode acabar deixando o lado feio aflorar.

– Já começamos com a Sabrina, que ficou bem espantada com a notícia. O Luiz já sabe, faltam poucos. Tu pode falar hoje com a Su e a Elis quando estiverem no bar, seja lá fazendo o que, e depois para o AC.

Não respondo. Elas me convidaram para sair hoje. Uma noite sem

crianças e homens por perto, e tenho até um pouco de receio em saber o que essa noite nos espera, ainda mais que quem organizou foi a Elis.

André me dá outro beijo, me deixando meio tonta no depósito e sai para outro lado a fim de trabalhar um pouco. Encontro a Sabrina no balcão de costas para mim e quando ela percebe a minha presença, recebo um sorriso meio sacana dela.

Alguma coisa dentro de mim aciona o meu lado quieta de ser, e por isso, pego os meus sentimentos, coloco dentro de uma mala pequena e saio em uma viagem para dentro da minha alma.

.

– Quero tomar um porre. Daqueles que eu tomava no tempo da faculdade.

– Não quero te carregar para casa e muito menos limpar vômito teu, Elis. Eu vou te deixar aqui no bar e ir para casa com a Olívia.

Fico meio que assistindo a uma partida de pingue-pongue entre a Su e a Elis quando elas começam a brigar. É engraçado ver as duas desse jeito. Elas se completam em todos os sentidos. Enquanto uma é meio maluca a outra é certinha, uma bebe a outra não e assim por diante.

Estamos em um bar, Elis já virou o seu terceiro drink enquanto eu ainda nem cheguei à metade do meu e a Su com um suco natural. A Elis já está bem alegrinha, rindo à toa e sendo controlada pela Su antes que ela faça alguma besteira.

– Mas vamos ao assunto que interessa. – Ela vira o resto da sua bebida, faz uma careta e balança a cabeça. – Qual o teu lance com o André? Já estão no rala e rola?

– Meu Deus, Elis, dá para ser um pouco mais discreta?

Meu cérebro entra em uma espécie de bug. Tomo mais um pouco do meu drink e espero que o álcool que tenha aqui seja suficiente para aguentar essa noite.

Adoro as duas. Su é uma mulher incrível em todos os aspectos. E a Elis é uma maluca total, mas deu o maior presente para o Cae, o faz feliz, e ainda por cima, ajudou muito no processo de desapego dele comigo e do nosso trágico casamento. Tenho as duas como amigas. Conversamos bastante quando nos encontramos e até já fiz alguns trabalhos de pinturas de painéis

para a Su usar nos seus eventos.

Mas quando a Elis me pergunta isso, assim sem dar a entender que vai tocar nesse assunto é meio assustador. As únicas pessoas que eu conto a minha vida toda é a Fabi, por ser a minha psicóloga e o Luiz por ser um chato que consegue arrancar as coisas de mim sem que eu perceba. E ser pega de surpresa assim, não é muito legal.

– Qual é, todo mundo notou isso quando estávamos na praça domingo passado. O AC estava só de olho em vocês dois – Elis aponta para mim sorrindo já meio bêbada. – Só o Noah que não, porque ele é meio lerdo.

– Na verdade, o Noah não tem nada de lerdo. E para a tua informação ele me perguntou se vocês – Su olha para mim – estavam juntos.

– Cara, até o Noah percebeu. Liv, não adianta fugir. Derrama aqui para essas vacas...

Eu disse que o André estava colado demais em mim na tarde de domingo na praça com as crianças. Marcamos de nos encontrar por lá para ficarmos na sombra e aproveitarmos o tempo nublado e fresquinho que estava. Levamos os cachorros, JB e Leco, as crianças, bicicletas do Yago e da Sarah, que o Cae estava ensinando a andar. Leco estava nas nuvens, brincando com o JB, mesmo podendo dar uma patada no cachorro e jogar ele longe, se quisesse. E as crianças, que pensavam que ele era um cavalo e queriam montar nele. Ficamos até quando começou a trovejar e o Antônio e Fofinha se assustarem com os barulhos.

Eu fui com o Luiz, o meu motorista sempre, já que a sua casa é na passada da minha e voltei com o André, o qual o caminho é totalmente contramão. Claro que o Cae não iria deixar de perceber isso. Ele está sempre antenado em tudo ao seu redor.

– Hmmm, pela cara de hesitação, já sei de tudo. – Tento esconder um sorriso que se forma no meu rosto, mas não consigo. Pensar nesse mês que estamos juntos me faz ficar assim.

– Liv, sem pressão, a vaca maluca aqui não sabe o limite de confissão e o de deixar a pessoa constrangida.

– Que limite é esse? Aqui não temos nada disso, eu estou noiva do ex-marido dela. Sei todos os segredos e desejos mais obscuros do AC na cama, coisa que a Olívia também sabe. E eu confio no bom gosto dela para homens.

Bate aqui amiga. – Elis me estende a mão e deixa ela no ar até que eu bata.

Realmente, eu estou em uma sinuca de bico aqui. E vendo que não vou encontrar saída nenhuma, tomo uma respiração e falo.

– Nós estamos meio que...

– Ahhhh eu sabia! O Bonito me deve uma semana de café na cama por isso! Deveria ter apostado mais alto. Estava na cara que o André era caído por ti, e fora as tatuagens. Tu tem queda por tatuagem não é, Liv?

Queda por tatuagem? Nunca reparei nesse detalhe.

Sempre gostei de ver o desenho na pele das pessoas. Ainda mais aqueles elaborados e bem feitos. A do Cae é um desenho meu que ele fez depois de eu encher o saco dele com isso, porque ele nem era chegado a essas coisas. Fez um escândalo enquanto o tatuador trabalhava. O desenho é tribal e vai do braço em direção ao peito. Particularmente, eu acho ela linda. Modéstia à parte.

As do André são diferentes. Uma mandala no ombro, mais algumas espalhadas pelo peito, além dos piercings. Sim, eu também pensava que era só o do mamilo que ele tinha. Digamos que fiquei bem espantada quando encontrei o “lá de baixo”. E confesso que foi uma surpresa altamente agradável.

– Amo essa música! Vamos dançar ela. – Elis me puxa pela mão em direção à pista sem direito a dizer não.

A música alta me faz encolher no meio de tantas pessoas. Vejo a Elis saltar e dançar ao ritmo dela, sorrindo para o nada e eu aqui, parada como uma estátua sendo empurrada para todos os lados por quem está dançando ao meu lado. Olho para a Su que me chama e corro de novo para a mesa.

– Deixa a Elis quieta dançando. E não dá bola para as coisas que ela fala, ainda mais se ela estiver bêbada. Nesses casos, nem escuta. Com o tempo tu vai aprender a lidar com ela assim.

Sorrio em agradecimento pelas dicas. Tomo mais um pouco do meu drink e relaxo na cadeira em que eu estou. Pensei muito antes de vir para cá, e só vim, porque a Fabi me disse que faria bem para mim essas saídas com amigas. Fazer coisas normais, que as pessoas comuns planejam. Sair e conversar com amigas é uma dessas coisas.

Ainda estou no meu mundinho interno com a minha mala de

sentimentos em arrasto. Não fez nem um dia que a Sabrina me pegou de amasso com o André e eu já senti um clima diferente entre nós.

– Não sei como a Elis consegue gostar de lugares como esse. – Su fala me tirando dos meus pensamentos. – Olha o estado dela. – Viro o rosto e vejo ela dançando sozinha com os braços para cima. – Quem vê diz que é doida. Quem conhece tem certeza.

Eu e a Su nos entreolhamos e começamos a rir com essa última afirmação. Com certeza a Elis é uma figurinha, daquelas difíceis de serem encontradas e quase nunca repetida.

Por André

Leco bate na porta para entrar e eu deixo o meu trabalho, de novo para abrir para ele.

– Ah eu não acredito que tu estava rolando na terra de novo, cara! Tu tomou um banho hoje no *petshop* e está mais sujo de quando foi.

O cachorro olha para mim, vira o rosto para um lado e coloca a língua para fora.

– Eu estou bem arranjado contigo, isso sim.

Volto para o meu computador onde estou fazendo um trabalho para a pós. Olho, mais uma vez as notificações do meu celular para saber se a Olívia já chegou em casa. Não que eu esteja preocupado com ela saindo com a Elis e a Su em um bar, onde estarão vários homens olhando para ela e...

Calma, André. Calminho aí, meu chapa.

Modo ciumento ativado, ainda não. Deixa a Liv sair com as gurias e foca aqui no *Photoshop* e o banho que ele está te dando com essa imagem. Olho, pela última vez, o celular e viro a tela para baixo.

Começo a trabalhar de novo, mas os meus pensamentos estão na Olívia. No sorriso dela, no jeito que ela acorda e se esquiva de mim na cama quando eu a beijo. Ou então, no jeito que ela me atíça enquanto nos beijamos e acabamos na cama depois disso.

Nesse um mês que estamos juntos tenho vivido o meu paraíso na Terra. Um sonho realizado, que eu nunca imaginei que conseguiria. Eu, o “emo” desengonçado com a Princesa linda. Quem diria, não é?

Claro que ela ainda tem seus pesadelos horríveis e, às vezes, se fecha no seu mundinho particular. Como ontem, depois que a Sabrina nos pegou dando um amasso no estoque. Minha função, nesses casos, é ser o seu porto seguro. Trazê-la de volta à realidade nos meus braços e a fazer sorrir sempre que tenho oportunidade.

Se antes eu tinha uma queda quilométrica por ela, hoje já posso dizer que tenho sentimentos bem mais concretos pela Olívia. No momento em que ela se entregou de corpo e alma para mim, dias atrás, minha vontade foi de colocar tudo para fora. Porém, agora que eu sei os seus medos e receios, planejo antes de falar qualquer coisa que possa a impactar.

Esse foi o motivo pelo qual eu esperei, pacientemente para passar de base. Deixei ela confortável na zona que estávamos a ponto de ficar confiante com o que tínhamos e acostumada com a minha presença constante. Se eu a queria por inteiro, teria que conquistar cada pedaço dela antes de ser recompensado com a melhor noite da minha vida.

Fiquei nervoso, por muitos motivos. Sei de todos os medos da Olívia, e tenho que pensar neles antes de fazer qualquer movimento. Conhecia o fator que poderia deixá-la desconfortável nesse momento: as suas cicatrizes.

Vi-as naquele dia no hotel, enquanto eu a levava para a cama no meu colo. No momento em que elas apareceram, meu coração sangrou, se eu já sofri com os meus piercings, que foram colocados de livre e espontânea vontades, quem dirá diversos cortes, espalhados pelo corpo.

Fiz a Olívia entender que nada daquilo era importante para mim. O que realmente contava naquele momento era que estávamos juntos e que nada daquilo que ela inventasse na sua cabeça iria me impedir de dar prazer a ela.

Leco late forte me assustando. Dou um pulo na cadeira, quase derrubando o computador e caindo de bunda no chão. Vejo ele indo em direção à porta de saída e cheirando o chão. A campainha toca e eu fico em estado de alerta. Quem poderia tocar a campainha às quase três e meia da manhã?

Levanto rápido, checo o meu celular, ainda sem nenhuma notícia da Olívia. Abro a porta e desço as escadas rápido, tropeçando nos dois últimos degraus, quando o Leco me ultrapassa e se não fosse eu me apoiar na maçaneta para não cair, teria ficado com o rosto no chão.

Abro a porta e dou de cara com a Liv rindo descaradamente para um

fusca parado na rua.

– Isso aí, Liv! Aproveita o resto da noite com o piercing do André! –
Olívia começa a rir e tropeça em cima de mim.

Sinto o cheiro doce dela, misturado com álcool.

– E vocês duas vão para casa aproveitar os de vocês! – Liv responde,
alegremente alterada pelo álcool.

Jesus! O que elas aprontaram?

– Pelo amor de Deus, Elis entra dentro desse carro. – Su fala atrás do
volante puxando a Elis, que está com a metade do corpo para fora do vidro do
carro. – Desculpa, André. Alguém não sabe o limite de ficar quieta.

Com a Olívia abraçada em mim e rindo como nunca, aceno um tchau
para a Su e subimos para o meu apartamento.

– Liv, Princesa, bebeu demais? – Indago quando ela deita no sofá
abraçando o Leco.

– Um pouquinho. – Ele ri quase que inocentemente parecendo uma
criança feliz. – Os drinks eram “docezinhas” e eu queria tomar um de cada
cor. A Elis tomou, mas a Su não deixou eu pegar o verdinho.

Ela deita em cima do Leco, que está adorando essa atenção melosa.

– Como foi a noite? – Tento segurar o riso.

– Hummmmm, foi ótima. – Ela fecha os olhos e suspira. – Eu sou meio
careta sabe, morro de medo de falar sobre o que eu sinto para os outros e ser
julgada, sabe como é? – Aceno que sim, colocando a mão na frente do rosto
para começar a rir. – Mas com elas e tão... “puuuuuuuuuuuuf” natural.
Quando eu dei por mim estava falando de tudo e mais um pouco. Aquelas
vacas acionaram a minha torneirinha de conversa.

– E aí tu contou tudo e mais um pouco?

– Siiiiiiiiim! Aí quando o bar fechou, acredita que eles fecham tão
cedo assim? Não deve nem ser meia noite! A Su disse que ia me levar para a
casa, mas a Elis, disse que eu tinha que vir para cá e lambar as tuas tatuagens
com Nutella. Já que eu tenho um fetiche por essas coisas e ela disse que fez
isso com o Cae e é a melhor coisa do mundo!

Ohhh animação, hein! Nem quero saber mais o que elas falaram, pois, o
meu cérebro ficou parado observando as palavras “lambar”, “Nutella” e

“tatuagens”, na mesma frase. Freio os meus pensamentos, porque se um dia isso acontecer, quero que seja com uma Olívia bem acordada e sem nenhuma gota de álcool interferindo nas suas ações e....

Ahhh droga, Liv com Nutella deve ser o ápice. Preciso comprar um pote, ou dois, para testar isso.

Porém agora, tenho que usar o meu autocontrole para conseguir levar uma certa Princesa de pileque para a cama. Para dormir, é claro.

Capítulo 13

– Senta aqui e come, Antônio. – Cae fala pela quinta vez, calmamente, desde que a comida das crianças chegou.

– “Chocoiate!” – Ele fala com a boca toda suja de molho.

– Depois de comer a comida eu compro sorvete de chocolate para ti.

– Também “quelo”. – Fofinha fala do outro lado, não mais limpa do que o amigo.

– Para ti também, Fofinha. E todo mundo que raspar o prato. Abre a boca, Antônio.

– Não.

Tento segurar o riso, mas não consigo. A luta para o Perereco comer sempre é hilária e quase sempre ele ganha.

Estamos no shopping, recebi a ligação dele me convidando para almoçar com as crianças, já que a Elis, Noah e Su não estão em casa e conhecendo bem o meu ex-marido, como eu conheço, sei que ele não sabe fritar um ovo decentemente, quem dirá cozinhar para quatro crianças e ele.

– Não come com as mãos, Antônio. Olha ali a Fofinha comendo com a colher, bonitinha. – Entrego os meus guardanapos, já que os dele já haviam acabado. – Nem Sarah e nem o Yago vão dividir as batatas-fritas contigo.

– Eu já terminei de comer, deixa que eu dou para ele. – Pego a colher da mão do Cae e começo a dar para o Antônio.

– Obrigado, às vezes eu fico meio sem saber para onde me virar quando fico com os quatro sozinho em casa. Por isso os levo para a praça ou a piscina no terraço. Pelo menos sei que nenhum está tentando escalar as grades da janela ou tirando as roupas de dentro do guarda-roupa e vestindo no Gato.

– O Gato é bebê! Ele “precisa” de roupas! – Fofinha fala e o Antônio abre a boca gigante para mim.

– Gato, bebê! – Com a boca suja ele reforça a ideia.

– Sim, um bebê gigante que estava usando os sutiãs da tia Elis, e as minhas cuecas. Eu percebi isso, Fofinha e Antônio. Não adianta esconderem no meio dos brinquedos de vocês.

Os dois pequenos trocam um olhar cúmplice e começam a rir. Olho

para o Cae e dou os ombros.

Sarah e Yago se juntam a nós e a bagunça recomeça neste almoço nada convencional. Fofinha derruba suco na mesa, Antônio quer comer com as mãos, Sarah e Yago não conseguem comer o hambúrguer sem ficarem todos sujos de maionese no rosto e assim que acabamos de comer, temos que ir direto para o banheiro para tentar achar as crianças no meio dessa bagunça toda.

Cae, como sempre preparado para cada problema que possa encontrar. Ele me entrega uma bolsinha rosa com uma muda de roupa da Fofinha e fica com o resto onde se encontra as coisas do Antônio. Um pai precavido, vale por dois.

Levo a Sarah e a Fofinha para o banheiro feminino enquanto os meninos vão ao outro. Não tenho nenhuma noção de como levar uma menina de três anos ao banheiro, mas dou o melhor de mim para limpar a Fofinha e tirar um pouco de sujeira das suas roupas.

Fazendo isso, por alguns segundos, me lembro do meu antigo sonho de ter filhos. E até as brigas que eu e o Cae tínhamos quando falávamos nesse assunto. Eu queria ter uma menina, para mimar, encher de coisinhas coloridas nos cabelos, um quarto rosa cheio de bonecas e brinquedos, e ele queria ter dois meninos e uma menina.

Naquela época, o meu mundo ainda era cor de rosa e enfeitadinho.

Volto os meus pensamentos para uma criança com os cabelos iguais os meus brincando no meu estúdio no meio das tintas. Eu pintando cada fase de vida de um filho, teria uma parede para no primeiro ano dele com a sua mão pintada de tinta impressa, e dos pezinhos também. E depois a cada ano acrescentando uma nova impressão para acompanhar o crescimento. Faria marcas na porta para acompanhar o seu desenvolvimento e deixaria os seus primeiros desenhos em quadros.

Seria tão lindo acordar todos os dias com alguém invadindo a minha cama, como sei que o Antônio com o Cae quase todos os dias ao acordar. Receber abraços a cada reencontro que tiver com o meu filho e beijos no meio da manhã.

Mas se eu não consigo cuidar nem de mim, como vou cuidar de uma criança? Ontem mesmo eu acordei e fiquei a procura de quem me consolasse. Quem dirá eu ter que consolar alguém.

– Tia Liv? – Fofinha me chama olhando profundamente para mim com aqueles olhos azuis gigantes.

– Oi. – Respondo tentando me recompor e limpando a lágrima que caiu no meu olho.

– Tá dodói? – Sorrio para ela e passo o seu paninho molhado no seu rosto delicadamente.

– Um pouco. – minha voz sai meio rouca.

– Fica “ssim” não. – Ela se levanta da pia e fica da minha altura e me abraça. – Deixa eu dar “bejinho” que passa.

Recebo o carinho de uma criança de três anos e sinto o meu coração se despedaçar com esse afeto. Tão límpido e inocente.

Termino de limpar a mocinha e ainda aplico uma camada gloss clarinho que ela tinha dentro da bolsinha rosa. E ela ainda questão de colocar em mim e na Sarah, dizendo que estávamos lindas agora.

– Mulheres no banheiro, sempre demoram... – Cae fala quando reaparecemos e começamos a caminhar no shopping, lotado pelo horário de almoço.

Encontramos o Noah no meio do caminho em direção ao estacionamento e eles resolvem ficar para ir ao cinema olhar o último lançamento em animação. E eu tenho que voltar para o trabalho. Cae se oferece para me dar uma carona enquanto o Noah levava as crianças para comprar os ingressos e passarem no parque eletrônico enquanto o horário do filme não começava.

– Não precisa, Cae. Eu vou caminhando é pertinho.

– Vão com o meu carro, AC. Ainda não peguei a meia hora de estacionamento gratuito – Noah atira a chave no ar para ele. – Está um calor desgraçado na rua, Liv. Vai por mim, tu não vai aguentar chegar até a loja.

– Para ti qualquer calor acima de 25°C é de matar, Noah. Tu não é parâmetro.

– Não sou mesmo. – Ele diz e sai correndo atrás da Fofinha que achou uma coisa interessante na vitrine a nossa frente e estava arrastando o Antônio com ela.

Entramos dentro do carro do Noah e eu quase me sinto em uma nave

espacial de tantos botões no painel do carro. Cae liga o carro e saímos em direção à loja.

– Então, como foi a reunião das mulheres aquele dia?

– Tranquila.

– Vi pelo estado que a Elis chegou em casa, com a Su arrastando ela pelo braço e ela falando mil e umas coisas sem sentido.

Eu bebi demais. Bem mais do que eu me orgulho e sinto vergonha em admitir. Sempre fui fraca para bebida, mas, naquela noite, eu me superei em todos os sentidos.

Estava aflita, observando tudo ao meu redor, como se procurasse uma rota de fuga para sair dali, se me desse alguma coisa. A Elis começou a pedir drinks, todos coloridos e eu fui experimentando conforme eles iam chegando, e quando dei por mim, estava mais bêbada que o Luiz em depressão.

Falei demais. Conteí do piercing escondido do André e de tantas coisas íntimas que nem nos meus pensamentos eu sonharia em dizer a alguém. Claro que a Elis me contou algumas coisas dela e ainda trocamos figurinhas por termos ficados com o Cae. Caramba Liv, que papelão. Coitada da Su que teve que nos aguentar a noite toda e ainda rindo de nós duas e do nosso estado.

Acordei no outro dia na casa do André com o Leco deitado no nosso meio como se fosse a coisa mais normal do mundo. Minha cabeça parecia que tinha sido esmagada por uma bigorna de desenhos animados e eu não lembrava de como tinha acabado na cama.

André começou a rir de mim quando contou que eu cheguei gritando como uma louca e que queria pegar o pote de Nutella dele e lamber no seu corpo. Nessa hora eu quis me matar sufocada com os pelos do Leco. Claro que quem estava me contando tudo isso, não conseguia parar de rir do meu escândalo.

– Ela te falou alguma coisa? – Minhas bochechas esquentam quando eu relembro quando conteí que estava com o André.

– Muitas coisas. Ela fala até quando está dormindo. Mas, eu aprendi a filtrar o que realmente interessa nesses momentos. Vocês falaram algumas coisas proibidas, Liv?

– Algumas.

– E eu posso saber qual te deixa com as bochechas vermelhas assim? – Me viro para o Cae, que mantém o olhar fixo no trânsito. – Não precisa me olhar assim, eu não sei de nada, eu juro. A Elis estava mais bêbada que o Luiz de porre, então ela enrolava as palavras e começava a rir como uma louca.

Fixo o olhar nas minhas mãos e não respondo ao meu primo.

– Sempre pensei que nós fôssemos amigos, Liv. Mais que isso até, irmãos. Não precisa me contar se não quiser.

Não quero magoar o Cae com minha história com o André, mas eu sei que no momento em que eu contar para ele, tudo vai mudar. Gosto muito de estar com o André do jeito que estamos.

– Nós somos amigos, Cae. Sempre vamos ser mais que isso é só que no momento é complicado.

– Eu imagino que possa ser mesmo, mas eu posso dizer uma coisa Liv?

Olho para o meu primo que sorri de leve para mim quando para o carro em uma sinaleira.

– Seja lá quem for, e eu acho que tenho certeza de quem é, ele está fazendo um ótimo trabalho. Fazia anos que eu não te via com esse brilho no olhar.

O carro volta a se movimentar e eu continuo olhando para o Cae, ainda não acreditando nas palavras que ele continua a falar.

– Tu sempre a foi a pessoa que mais merece ser feliz, para mim. E eu espero que quem esteja te fazendo isso se apresente para eu poder agradecer a ele.

Cae pega a minha mão e a beija, estacionando o carro na frente da loja. Vejo o André sentado na calçada com o Leco ao seu lado e quando ele me vê abre um sorriso que atinge o meu coração em cheio.

– Não disse que eu sabia quem era que estava te deixando com esse brilho no olhar? – Meu primo cochicha para mim e abre o seu vidro. – E aí André, tudo certo cara?

Salto do carro com um pulo enquanto o André se levanta.

– E aí, AC! Tudo tranquilo e contigo? – Sem perceber, André me abraça pela cintura e me puxa para o seu lado.

– Tudo bem. Vou lá assistir filme com as crianças no shopping. Tchau Liv e bem-vindo a família André. – Cae pisca para mim sorrindo e arranca o carro.

– Bem-vindo a família, é? – André sai do meu abraço e se posta na minha frente segurando o meu rosto.

– Ele já desconfiava e quando eu cheguei, tu me abraçando desse jeito, ele juntou um mais um, sabe como é bancário...

André me beija calmamente no meio da rua em frente à loja.

– Hmmm, Princesa com gosto de morango, gostei. Acho que vou buscar a Nutella lá em cima.

– Tu não vai esquecer essa história da Nutella? – Empurro ele de leve.

– Nunca, se estivéssemos na Europa, eu compraria aqueles potes de cinco quilos. Mas aqui, temos que nos contentar com os pequenos.

André volta a me beijar diversas vezes e termina fazendo cócegas no meu corpo.

Gosto quando ele faz isso, me desmancho toda nos seus braços.

Estar com o André me traz essa calma alegre para a minha vida. Sempre quando eu estou depressiva, pensando demais nas coisas, ele vem me arranca um sorriso bobo com as coisas mais idiotas possíveis. Compartilhamos vários gostos, divergimos em vários, mas sempre chegamos a um consenso sobre esses assuntos.

Tudo está se encaixando perfeitamente entre nós.

Por André

– E se eles quiserem me embriagar e me deixar, sei lá... Amarrado no poste de luz de cabeça para baixo?

– O Luiz é capaz de querer fazer isso, mas o Cae não vai deixar. Ele é certinho demais para fazer essas coisas.

– Sem risco de perder a vida? – Brinco agarrando a cintura da Liv e puxando ela para um beijo rápido.

– De morte, acredito que não. Porém, vou ficar com o celular ao meu lado caso liguem do hospital para te socorrer.

- Isso não era a motivação que eu esperava, Princesa.
- Vai e te diverte, ou seja lá o que vocês vão fazer. O Luiz disse que seria uma “iniciação ao bando” – ela fala fazendo aspas com os dedos.
- Esse é o meu medo. – Beijo a Olívia mais uma vez e a solto.
- Vou ficar aqui te esperando. Daqui a pouco as gurias e as crianças chegam. E só o Yago e Antônio de homens são aceitos.
- E o Lecoso? – Falo e o cachorro levanta as orelhas atento para mim.
- Leco é tolerável. De resto não. Tchau!

Saio do seu apartamento com um sorriso besta no rosto. Aliás, segundo a Sabrina, esse é o meu estado ultimamente. Bobão e sorridente. Acho que a convivência com o Leco e o fato de eu estar sempre com a minha Princesa, me deixou assim. E caramba, isso não pode ser mais perfeito.

Chamo um táxi e dou o endereço do bar onde a minha presença foi solicitada nesta noite de sexta. Não tenho a mínima ideia de onde ele fica e qual o ambiente que possui.

Depois daquele reconhecimento do AC, conversei com a Liv e vimos que nada mais nos impedia de escancarar para o mundo todo que estávamos juntos. Afinal, todo mundo já sabia, ou desconfiava. Eu disse que quando gosto de uma pessoa e sou correspondido, não consigo me segurar e ser discreto. Na mesma noite já mudei o status no *Facebook* para o tão sonhado “Em relacionamento sério com Olívia Santstevan”, e ponto para o “emo”, meio afeminado que vivia na *friendzone*.

Bastou alguns minutos para as notificações começarem a chover. Curtidas e comentários de ex-colegas nosso que eu tinha como amigo não faltaram. Até um “até que enfim, um dia isso aconteceu!”, rolou na postagem.

E desde então o mundo é a plateia do nosso amor.

A Olívia ainda fica com o pé atrás quando eu a agarro no meio do expediente quando ela está no balcão e quando eu a levo para casa a pé no final da tarde. Isso faz parte, sua insegurança não vai passar de um dia para o outro, mas nada que alguns beijos e a fazer rir não supere.

Eu estou feliz. Mais do que já estive na minha vida inteira. Se nos meus sonhos, tentar alguma coisa com a Liv era maravilhoso, na vida real é sem descrição.

Acordar com ela enroscada em mim é a melhor coisa que há. Vê-la sorrindo cada vez que me vê ainda me tira o fôlego. Vê-la se entregando para mim a cada vez que estamos juntos é um pedaço do paraíso na terra.

Cada vez que estamos na cama, nos entregando um ao outro, eu tenho que me segurar para não dizer que a amo. Sempre a amei escondido, mas agora tenho certeza que eu estava mais para uma besta do que realmente apaixonado. Agora, convivendo com ela todos os dias, vendo seus medos, receios e tristezas, aprendendo com ela a lidar com isso e a apoiando nos momentos que ela precisa de mim, eu finalmente pude entender o real significado da palavra amor.

Sei que quero estar todos os meus dias ao seu lado e também construir algo mais sólido do que o que temos no momento. Contudo, tenho que ir com calma, conquistando cada passo de uma vez para no futuro tudo estar perfeitamente em ordem. Quer dar a Olívia tudo o que ela merece. Um legítimo conto de princesa.

O táxi chega em um bar com uma placa de Karaokê piscando em LED em várias cores. Entro e encontro os três sentados na mesa no meio do salão: Noah, AC e Luiz. Uma garrafa de *whiskey*, petiscos e sem contar uma voz desafinada ao fundo, de alguém cantando.

– Tu está atrasado. Primeira regra do clã: nunca se atrase. – Luiz fala assim que eu me sento à mesa.

– Anotado. – Digo vendo o Noah começar a encher um copo de *whiskey* com gelo para mim.

– Segunda regra, sem mulheres. – Luiz me empurra o copo e eu pego. – Vocês já ficam com as de vocês todos os dias, vamos ter um momento de homem para falar besteira e coisas que não envolvam “a fulana disse ou quer”.

Tomo um gole e me acostumo com o gosto na minha boca.

– Terceira regra e última regra. Se dirigir não beba. Geralmente fazemos rodízio, mas hoje é um dia diferente.

– Tudo certo. – Digo tomando mais um pouco.

– Certo, agora por onde a gente começa? – Noah começa a rir e o AC revira os olhos para o amigo.

– Sério que tu inventou isso agora? Regras do clã? – Noah ataca as

batatas fritas no meio da mesa.

– Não dá bola, André. – AC ergue o copo para mim. – Ele é louco assim mesmo. Pode esquecer essas coisas de “clã”, a gente só vem aqui para beber e falar bobagens sem as mulheres e as crianças na volta. Assim como elas fizeram semana passada. Aliás, – ele se vira para o Noah. – A Elis estava com um roxo no braço, ela disse que foi a Su puxando ela para dentro do carro porque ela se pendurou na janela.

– Ainda bem que era um roxo só. Já vi a Fofa puxando a Elis pelos cabelos. E a primeira vez que vi as duas juntas a Elis estava tão bêbada que eu tive que ajudar a carregar ela para casa. Foi uma coisa boa, consegui falar com a Fofa sem ela me xingar.

– Ela chegou em casa tão podre, parecia o Luiz de porre. – Vejo o Luiz erguendo o dedo do meio para o amigo. – Sêrio cara. Ela estava bebaça, chegou caindo pela casa e se atirou na cama falando coisas estranhas e querendo dançar em cima da cama. Se eu deixasse era capaz de cair, quebrar o pescoço e ainda acordar as crianças.

– A Liv não chegou a tanto, mas chegou perto.

– Meu Deus, qual foi a parte da regra sem mulheres que vocês não entenderam? Vão contaminar o coitado do André que ainda está novo no grupo.

– Vai arranjar uma para ti e deixa de encher o saco. Falando nisso, vi o teu irmão praguejando isso no corredor da escola esses dias.

– Ele que vá praguejar na puta que o pariu, que no caso também é a minha mãe, mas ela não liga para o xingamento. Se ele cada dia come uma diferente e tem risco de pegar uma DST, problema é dele, só não venha me incomodar por isso.

Começamos a conversar sobre tudo e todos. Rimos, bebemos e gritamos como loucos quando o álcool começou a agir em nós.

– Calem a boca. – Eu digo depois de uma besteira que o Noah falou para mim e o AC começou a rir.

– É verdade, não é Luiz? – Noah o chama e ele nem presta a atenção na conversa.

– Aquela ali é familiar para algum de vocês? – Ele indica o balcão do bar com uma guria virando um copo e rindo para alguém ao lado dela.

– É a Carla. Ajudante da Elis e a Su. – Noah se vira rapidamente e nada discreto naquela direção.

– É sim. Ela mora aqui perto. Lembra da primeira vez que fomos beber juntos? O Luiz tomou um porre...

– Como sempre. – AC completa e recebe uma batata frita jogada no rosto pelo Luiz.

– Que seja. Parem de jogar comida um no outro, da última vez a Fofa me xingou pelo catchup na camisa. Mas enfim, a Carla é a da moto gigante Luiz, aquela que tu disse que quando dá os acidentes com motos a pessoa é juntada de pá no meio da rua por não ter segurança.

– Lembro vagamente. – Luiz ainda olhando para ela diz calmamente. – Me lembro mais do Antônio me acordando no outro dia com tapas na cara.

– Esse é o meu guri. – AC ergue o seu copo de *whiskey* e toma tudo em um gole apenas.

Demos cabo da garrafa. Os quatro, cada um pior que o outro, resolvemos cantar no karaokê, Luiz escolheu uma música de corno antiga, que até o Noah sabia a letra. “Fio de Cabelo”, do Xitãozinho e Chroró foi a escolhida da noite, com direito a Noah e Luiz dançando no meio do palco e eu o AC tentando acertar como se ligava o microfone.

Fomos aplaudidos de pé pela multidão. Nada melhor do que quatro bêbados com síndrome de descornados para fazer a alegria da plateia mais bêbada que nós.

Cheguei em casa trocando as pernas. Noah e AC fora em um táxi para a casa juntos, já que moram no mesmo prédio e eu e o Luiz viemos para o apartamento da Liv.

Entro no seu quarto e encontro o meu cachorro deitado no meu lado da cama. Empurro ele para o chão, tropeço no edredom e, com muita dificuldade, me deito puxando a cintura da Liv em direção ao meu corpo.

Ela se mexe e vira para o meu lado, me abraçando. Durmo antes mesmo de conseguir falar alguma coisa para ela.

Capítulo 14

Tudo bem. Tudo certo. Tudo vai se acalmar.

Respiro profundamente algumas vezes para tentar me acalmar. Olho para os lados e nada me reconforta. Só milhares e milhares de pessoas a minha volta conversando entre si, nos telefones ou apenas caminhando.

Acordei com o pé esquerdo. Sabe aqueles dias em que percebemos que não deveríamos ter saído da cama? Pois esse é um desses para mim.

Minhas mãos começam a suar frio e eu pressinto alguma coisa dentro de mim perto de explodir. Tento encontrar o meu telefone para chamar alguém para me ajudar, ou apenas olhar para a tela e esquecer que estou sozinha aqui e parece que a ponto de ter uma crise. Mas não consigo. Minhas mãos tremem demais para conseguir fazer isso.

Não deveria ter saído da loja para entregar esse quadro na hora do rush. O cliente disse que poderia ir até a minha casa ou até mesmo na loja. Mas não, eu sou teimosa e quis sair mesmo assim. E agora estou aqui, tentando caminhar, mas as minhas pernas não me obedecem.

Minha respiração começa a ficar sôfrega e dolorida. E agora eu sei que desse ponto eu não consigo mais me controlar....

Por André

– Liv? – A chamo quando entramos no seu apartamento.

Eu estava trabalhando quando recebi uma ligação da central do shopping com um atendente me perguntando se eu conhecia alguém que pudesse ter algum tipo de ataque de pânico.

Claro que me lembrei da Olívia no mesmo instante. Nem esperei a ligação acabar para já estar a caminho para buscá-la. Encontraram o meu número no seu celular, entre as últimas chamadas feitas. Disseram que ela estava estática no meio de um dos corredores, com as mãos na cabeça e não respondendo quando a perguntavam alguma coisa.

Cheguei à administração do shopping minutos depois do ocorrido. Encontrei a Olívia sentada em uma cadeira no seu mundinho. Agradei às pessoas que a socorreram e a trouxe para a sua casa. E agora estou tentando conversar com ela, sem sucesso nenhum.

Escuto o barulho do chuveiro sendo desligado e vou para o seu quarto a

esperar. Sento na cama dela e aguardo.

Tudo estava ótimo. Estávamos vivendo um conto de fadas. A Olívia com alguns pesadelos esporádicos, mas nada comparado ao primeiro que eu presenciei. Apenas ela acordava, eu a abraçava e voltávamos a dormir. Porém, hoje eu percebi que foi diferente de tudo que já tinha presenciado.

Nem preciso dizer que isso me dói. Vê-la assim, indefesa contra os próprios pensamentos, me machuca mais do que ser atropelado por um caminhão.

A porta se abre e uma Olívia enrolada na toalha aparece na minha frente. Vejo os seus olhos vermelhos, no momento em que ela desvia o olhar de mim e foca no chão.

Levanto da cama e caminho lentamente até o seu lado. Olívia ainda olha para o chão e eu escuto o seu choro voltar. A envolvo nos meus braços, e ela se agarra em mim como se estivesse afundando em mar aberto e eu fosse a sua âncora na terra.

– Está tudo bem Princesa. Acabou.

– Nunca acaba. – Seu sussurro me atinge como uma bala. – Nunca. Eles nunca vão embora.

Abraço-a mais forte e beijo os seus cabelos molhados do banho. Sinto uma Liv receosa e muito pensativa para o meu gosto. E nesse momento o namorado entra em ação e puxa ela para o lado da luz.

– Eu não vou a lugar nenhum, Olívia. Pode parar de ficar pensando em alguma coisa para desistir de tudo. – Digo sem tremer a voz. – Eu levei tempo demais para ficar ao teu lado e não vai ser tu que vai nos afastar. Tua depressão coloca esses pensamentos pessimistas na tua cabeça, mas eu não acredito e não dou razão a nenhum deles.

Olívia sai do meu abraço e se senta na cama, apoiando os cotovelos nas coxas e a testa nas mãos. Fico de joelhos na sua frente e faço-a olhar diretamente nos meus olhos.

– Eu acredito em ti, Olívia. Eu te amo. Nem tu e nem ninguém vai conseguir fazer isso mudar.

Pego as suas mãos e as beijo.

– Conseguiremos juntos. A cada crise, pesadelo ou qualquer outra coisa

que tu tiver, eu vou estar ao teu lado, te ajudando a ver a cor da vida ao teu redor. É isso que a gente faz quando ama uma pessoa.

– Tu me ama? – Seco algumas das suas lágrimas delicadamente.

– Sim, Olívia. Como nunca pensei que fosse amar outra pessoa no mundo. Amo esse teu jeito de ser. Desde o alegre ao triste, que me faz ficar preocupado quando te vejo assim. Amo o modo como tu te rende ao Leco quando ele tenta conseguir alguma comida tua. Ou quando tu está concentrada trabalhando ou na frente do computador em alguma planilha complicada da loja, até hoje não entendo como tu consegue entender aquilo.

Os olhos da Olívia continuam fixos nos meus.

– E quanto tu está pintando com as crianças do orfanato? Nessas vezes tenho que segurar para não te beijar na frente das crianças. A maneira que tu trata o Antônio e a Fofinha. Sabe o que eu pensei quando os dois passaram a noite aqui?

Olívia mexe a cabeça milimetricamente em com mais lágrimas saindo dos seus olhos.

– Que eu não vejo a hora de ser pai de uma criança nossa, Liv. Uma princesinha, com os cabelos e olhos castanhos iguais aos teus.

– Eu nunca seria boa mãe.

– Vai ser, Liv. Eu tenho certeza que vai, vejo como tu lida com os pequenos e é perfeito.

– Não consigo cuidar nem de mim, quem dirá de uma criança todos os dias.

– Nós vamos conseguir. Tu não precisa ter toda a responsabilidade nas costas, eu vou ser um pai bem ativo, e o Leco o irmão peludo e fedorento mais cuidadoso de todos.

Rio e consigo um meio sorriso, coisa de meio milésimo de segundo, mas vejo como uma vitória imensa.

Ajudando a Olívia a se vestir com um pijama e deito na cama ao seu lado. Continuamos a conversar até que ela dorme tranquilamente no meu ombro, agarrada em mim. Me desenvencilho do seu abraço, deixo um bilhete em cima da cômoda, saio para buscar o Leco em casa e uma muda de roupa limpa.

Saio correndo, pego o cachorro, que já estava começando a terceira guerra mundial dentro de casa e volto para o apartamento da Liv, onde a encontrei dormindo do jeito que eu havia deixado.

Minha vontade é ficar zelando pelo seu sono e ficar sussurrando coisas para ela. Não dizem que fixamos as coisas enquanto dormimos? Então, ótima forma de comprovar isso.

Eu te amo, Olívia.

Eu sempre vou estar ao teu lado quando essas crises chegarem.

Tu é a pessoa mais importante para mim.

Minha vida não tem graça e nem cor sem tu ao meu lado todos os dias.

Repetiria isso até ela acordar e todas essas frases ficarem gravadas nela como tatuagem. Mas isso não é possível, eu sei e aceito isso. Serei paciente a ponto de repetir cada palavra dessas pelo resto da minha vida, porque mesmo a Olívia não querendo acreditar, ela é a coisa mais importante na minha vida.

Pode parecer coisa de louco? Claro que pode. Porém só eu sei o que passei até conseguir alguma coisa com a Olívia. Amar em silêncio pode doer mais do que um amor não correspondido. E agora, sabendo tudo o que eu sei sobre o que é estar com a Olívia, eu não desistiria por nada. Nem se ela me mandasse.

Por Olívia

Acordo com calor. Abro os olhos e escuto o barulho de um carro ao meu lado. Minha visão entra em foco e eu vejo o Leco deitado ao meu lado roncando com as patas para cima.

O cachorro continua a dormir e eu caminho em direção à cozinha, onde eu vejo o André na frente do fogão fazendo alguma coisa.

Aproximo-me aos poucos, ainda receosa com tudo o que eu disse depois que chegamos a casa após o meu ataque no shopping. Cada vez que eu tenho um desses tenho vontade de desistir de tudo. Até de mim mesma.

– Hey, Bela adormecida. – André sorri para mim. – Estou tentando fazer o jantar. Tu sabe que as minhas habilidades com as panelas não são lá essas coisas.

Me aproximo dele e sou pega pela cintura e beijada docemente.

– Dormiu tanto que nem percebeu que eu saí para buscar o fedorentão,

não é?

– Acordei por causa dele, estava roncando ao meu lado.

– Bem coisa do Leco mesmo. – André me abraça e quando eu penso que ele vai me beijar, sinto as suas mãos me levantando e me colocando sentada no balcão da pia, ao seu lado.

Ele volta a mexer alguma coisa fervendo no fogão e depois começa a picar alguns legumes. Fico observando ele em silêncio e pensando em algumas coisas.

Ele falou que me amava enquanto eu ainda estava no meu estado pós ataque. O momento exato em que eu precisava escutar isso de alguém.

Eu me envergonho da minha própria doença. Esse aliás, tem sido um dos temas constantes das minhas consultas com a Fabi. Ela me explica que eu não tenho culpa das coisas que acontecem comigo. A depressão, ataques de pânico, crises de choro e o baixo-astrol quase sempre presentes. Não tenho controle sobre eles e muito menos de como não atingir quem está ao meu lado quando tenho cada um desses sintomas.

Em cada consulta ela repete que as pessoas que estão comigo sabem que eu sou uma doente em tratamento e que vão fazer de tudo para me deixarem confortável com que eu sou. Se elas realmente gostam de mim, irão fazer isso pelo simples fato de que é o melhor para mim e não por obrigação.

Hoje mesmo, eu ainda tinha muito trabalho para fazer na loja e o André também. Tive um treco e nós dois nos afastamos do trabalho, eu por ter surtado sem motivo aparente nenhum, e ele, para me acompanhar e cuidar de mim.

– Uma cenoura pelos teus pensamentos. – André coloca um pedaço de cenoura na frente dos meus lábios e sorri para mim.

Abro a boca e ele me alimenta.

– Pensando no que aconteceu hoje à tarde. – Digo depois de engolir.

– Sobre o ataque de pânico? Acontece, Liv. Passou. – Ele joga um pedaço para cima e caça no ar. – Bola para frente, Princesa.

– Não sobre isso. E sim pelo que falamos depois que chegamos em casa.

– Hmm. E o que é que tem? – Ele me alcança outro pedaço de cenoura.

– Tu falou que me amava. – Sussurro.

– Mais do que o Leco ama a Genoveva número dois. E olha que eles juntos são os mais apaixonados.

Rio. Pego outro pedaço de cenoura e dessa vez eu levo à boca do André que vem até onde eu estou. Ele fica de pé no meio das minhas pernas e com as mãos na minha cintura.

– Mas sabe o que eu amo mais? – Ele se aproxima do meu pescoço e fala no meu ouvido. – Tudo, Liv. Eu simplesmente amo tudo em ti.

– Eu não sou perfeita.

– Graças aos céus. Se tivesse duas Olívias na minha frente, uma perfeita, sem nenhum tipo de problema e tu exatamente como é, eu te escolheria da mesma forma.

Meu coração se transborda com sentimentos bons depois de escutar essas palavras. Será que o André sabe o quanto me faz bem escutar isso? Aposto que não, ninguém sabe o que é passar o que eu passo e ainda ter uma pessoa tão maravilhosa ao lado.

Eu deveria ser uma idiota das grandes no tempo da faculdade por não ter notado o André com outros olhos. Como eu pude deixar passar isso?

Esse tempo todo que estamos juntos eu desenvolvi muito os meus sentimentos em relação a ele. Sei que sou dependente e relativamente chata. A pessoa para me aguentar deve merecer um prêmio, e eu tenho absoluta certeza de que o André merece uma pessoa melhor que eu para ser a sua companheira. Mas hoje, eu agradeço aos céus por ter aberto os olhos, burlado os meus medos e hoje estar aqui com ele.

Puxo o André para um beijo.

– Liv com cenoura é ótimo, mas nada ganha de Liv com Nutella. Esse ainda é o meu preferido.

– Ah, não me lembra daquilo.

– Lembro sim. Vou lembrar todos os dias. E não precisa ficar vermelha desse jeito, Princesa. Estamos só nós aqui em casa e o Leco roncando em cima da cama. Eu, tu e um pote de Nutella. Precisamos repetir a dose, e logo. Terminei de comer o que tinha aqui agora à tarde, esqueci de guardar para mais tarde.

– Eu te amo. – Digo automaticamente, quando vejo o sorriso lascivo do André.

– Sabe quanto tempo eu sonho em escutar isso? – Nego com a cabeça.
– Desde a primeira vez que nós almoçamos juntos na cantina da faculdade. Naquela época eu já era apaixonadamente apaixonado por ti.

– Por que demorou tanto para me dizer isso?

– Porque eu era um idiota e não achava que tu fosse corresponder.

– Eu vou. – Digo com uma certa entonação na voz. – Vou corresponder da mesma maneira.

E depois disso o André deixa a comida queimar e temos que encomendar uma pizza para a janta.

Passamos a noite conversando. Falei para ele dos meus medos e de como eu me sentia após cada ataque meu. André foi compreensivo e me disse que também sofria vendo o estado que eu ficava.

Eu chorei. Chorei por saber que eu passo por tudo isso e ainda não sei me controlar. Por começar a entender que, mesmo eu sendo assim, ele não irá desistir de mim, porque quem ama cuida e enfrenta todos os problemas junto. Chorei de alegria por ter reencontrado o André e por ter ele ao meu lado me dando o apoio que eu preciso para enfrentar os meus medos e angústias.

Compreendi que o meu pessimismo nunca vai abalar a esperança dele comigo. A cada vez que eu hesitar eu receberei mil respostas e motivos infinitos para ficarmos juntos.

Pelas palavras do André, eu sou a mulher mais linda de todas. E cada vez que ele me fala isso, eu consigo me sentir dessa forma. O jeito que ele me descreve não é o que o reflexo do espelho me conta, eu acredito mais nas suas palavras e no que ele capta quando me vê.

– Falando nisso. Lembra da nossa viagem para a convenção? E que eu tirei várias fotos tuas?

– Várias? André, tu tirou fotos minhas escondidas?

– Algumas. – Olho para ele séria. – Centenas...

– Eu não acredito! – Rio. – Deve ter estragado a tua câmera com elas.

– Bem pelo contrário, Princesa. Eu revelei várias, fiz um álbum e levei para o meu professor da pós avaliar.

– Não...

– Sim. – Um sorriso cheio de significados aparece no seu rosto. – Ele me deu parabéns pelas fotos e disse que elas ficaram lindas.

André se levanta do sofá que estamos, vai até a sua mochila e retira uma caixa preta, que ele me entrega. Eu abro o álbum de fotos e fico espantada já com a primeira foto que encontro.

Eu de costas com os braços abertos, com a vista da sacada do hotel e o mar a minha frente. Folheio as páginas e as fotos que encontro me fazem ficar emocionada novamente.

– Elas são lindas.

– Não mais linda que a modelo.

– *Photoshop* faz qualquer um ficar bonito. – André cruza os braços e fica sério na minha frente.

– Oh pessoa para falar coisas mais para baixo que eu conheço. – Começo a rir da sua ironia.

– Faz parte de mim. – Dou os ombros.

– Então para a sua informação, eu não usei um clique de *Photoshop* na modelo. Só no fundo. Não posso fazer nada se eu sou um ótimo fotógrafo e a modelo é uma Princesa perfeita.

– Sério?

– Não. – Ele revira os olhos. – Posso te mostrar as originais e as tratadas no computador, quer analisar uma por uma?

– Não precisa, acredito na tua palavra. – Digo por fim e pulo no seu colo para beijá-lo. – Obrigada, elas ficaram lindas.

– Não tem de quê, mas eu quero pagamento.

– Em quais termos?

– Eu ainda preciso de uma modelo para aquele meu trabalho final da pós, Liv.

– Não. – Já respondo sem pensar duas vezes.

– Posso terminar de falar? – Ele me faz cócegas.

– Pode, mas a resposta é não.

– Veremos Princesa, veremos...

Eu me entrego ao beijo do André. De corpo e alma, pois sei que com ele ao meu lado todos os meus medos e receios são insignificantes. Minha doença é uma parte de mim que ele aprendeu, e ainda aprenderá a conviver. E aos poucos vamos nos adaptando e vivendo juntos.

Capítulo 15

– Acho que está na hora de parar. Elis, desce daí! – Su grita.

Olho para o outro lado e vejo a Elis pendurada em um dos postes de luz colocando um arranjo de flor. Sua barriga de cinco meses já não nega a gravidez. Ainda mais que ela só colocou barriga e nada além disso. Bem ao contrário da gravidez do Antônio, que ela só descobriu quando estava na sala de parto com as dores. Dessa vez ela não teve como dizer que não sentiu nada.

– Se alguma coisa acontecer contigo, eu mesma te bato.

– Eu preciso fazer alguma coisa, ou vou surtar aqui! – Elis sai de cima da escada e caminha em nossa direção. – Porque os homens podem beber, encher a cara até ficarem de porre e eu aqui como um dois de paus sem poder mover uma grama sequer? E ainda não vou poder aproveitar o meu marido depois de casada! Tem noção do que é isso?

– Por que nenhum deles está grávido de cinco meses, teve três ameaças de aborto e um deslocamento de placenta. Daqui a pouco o Otávio nasce e tu vai poder aproveitar o teu marido todos os dias.

– E eles estão na despedida de solteiro do Cae. – Concluo o pensamento da Su. – Tudo como nós combinamos. Mulheres aqui e homens lá.

– Sem graça isso. Depois que o Tavinho nascer, nós vamos sair e tomar um porre daqueles. E eu vou amarrar o AC na cama e deixar ele ao meu dispor por três semanas seguidas. Vou matar ele desidratado e fraco de tanto usar. Acho que já vou pedir um isolamento acústico no nosso quarto. Ou vou usar o teu estúdio de música, Su.

– Depois que ele nascer, tu vai estar amamentando como uma vaca. E nem inventa chegar perto do meu quarto de música.

– Deixa eu ser feliz em pensamento, Su!

Entramos para a casa dos pais da Elis. Amanhã a essa hora o Cae e ela estarão se casando ao pôr do sol da fazenda. Os preparativos estão a todo vapor com a Su mandando em todos os funcionários. O tempo promete ser firme, mas não tão calor. Tudo está dentro do programado. Vai ser tão lindo que não vejo a hora de entrar acompanhando o noivo até o altar. Fiquei emocionadíssima quando fui convidada para ser madrinha e ainda

acompanhar o Cae.

– Elis, vai te deitar com o Otaviano! Deixa a Gordinha e a Olívia me ajudarem com o jantar. – Dona Eulália nos recepciona, como sempre, mandando em tudo.

– Vó, é Otávio, não Otaviano! Não vou colocar esse nome no meu filho! Pode tirar esse cavalinho da chuva. Otávio! Não Otaviano ou qualquer coisa do tipo. Todo o enxoval foi encomendado com o nome já.

D. Eulália resmunga alguma coisa baixinho e eu e a Su nos entreolhamos e começamos a rir, para o desespero da Elis. Ela está indomável com as várias pessoas entrando dentro de casa e ainda ocupando a sua cozinha com os preparativos para a festa amanhã. Segundo a Su, ela só vai melhorar quando o Noé chegar e a D. Eulália puder mandar e desmandar nele, sem ele reclamar.

– Parem de dar corda para ela. Vocês me pagam! – Elis se emburra conosco. – Vou atrás dos meus filhos para ver se eles ainda se lembram que tem uma mãe.

– Se vir os meus, manda para cá. Ou, leva direto para o banho.

Dona Eulália nos põe no serviço e eu e a Su ajudamos no jantar. Eu me pego pensando em tudo o que mudou, em tão pouco tempo .

Caramba, às vezes, nem eu acredito que tanta coisa aconteceu. A gravidez da Elis, completamente inesperada e que deixou todos ansiosos para a chegada do pequeno Cabritinho, como a sua mãe o chama desde que viu a sua primeira ecografia. Os detalhes do casamento, do qual todos estão ativamente participando e até mesmo o estresse final da Elis, levando ela a ter uma gravidez um pouco mais de risco que o normal.

Nunca a vi tão baixo-astral desde aquela ligação no meio da noite com um Cae desesperado no hospital com a Elis tendo sangramentos. Aquele dia foi tenso e angustiante. Todos nós esperando no plantão obstétrico sem nenhuma notícia da Elis e do Otávio. Só conseguimos ter algum parecer médico quando o Luiz usou de todo o seu “poder médico” dentro do hospital, invadiu a ala e foi até onde ela estava sendo atendida.

Foi por pouco. A agitação natural da Elis, acompanhada do estresse do casamento e mais alguns fatores, levaram a uma ameaça de aborto. Ela foi orientada e ficar de repouso absoluto por quase um mês. Só podendo levantar

para pequenas caminhadas, mas, de preferência, ficar deitada. E tentar fazer isso com a Elis foi quase uma missão impossível. Cae e Luiz tiveram que ter uma conversa séria com ela. Aliás, nunca vi o Luiz dando sermão em alguém, sempre é ao contrário, mas enfim... Depois de mais duas pequenas ameaças com sangramento e um descolamento de placenta, a Elis aprendeu a lição e aceitou que não poderia mais ser tão ativa assim. Todos nós estamos de olho nela, até a Sarah e o Antônio deduram a mãe quando o Cae chega em casa depois do trabalho

Até hoje ela se comportou, mas agora, véspera do seu casamento e com o noivo sob responsabilidade do Luiz, ela está se passando um pouco. E eu e a Su temos que estar atrás dela tirando-a de todas as atividades que ela não pode nem sonhar em fazer.

– Achei os pequenos. – Ela reaparece na cozinha com o Antônio e a Fofinha correndo atrás dela. – Nem sinal dos grandes.

– Tô com fome. – Fofinha corre para a sua mãe e se atira para ser pega no colo.

– E qual é a novidade disso? – Sua mãe a beija na bochecha gordinha.

Observo a cena e mordo o interior da minha boca para esconder o sorriso que se formou no meu rosto.

– “Quelo” “coio” – Perereco estende os braços para a Elis que chega a se abaixar para pegar o filho no colo.

– Não pode, Antônio. – Digo antes que ela faça força e recebo um olhar me atirando mil facas no meu rosto. – Lembra que a mamãe não pode fazer força para cuidar do Tavinho? Vem aqui que a tia Liv te pega no colo.

– Bebê. – Antônio se vira e beija a barriga da mãe. E depois corre para os meus braços.

A porta da frente da cozinha se abre e Yago e Sarah aparecem acompanhado pelo Hélio, pai da Elis. Ou pelo menos eu penso que são as crianças embaixo dessa sujeira toda que elas estão. D. Eulália quase teve um ataque do coração em ver o genro quase na mesma proporção de barro que as crianças na sua cozinha. Depois de uma pequena “briga” entre os dois, todos são despachados para o banho, para depois jantarmos. Todos têm que dormir cedo porque amanhã é o grande dia do Cae e da Elis.

.

– Boa noite, Princesa. – André me atende no segundo toque.

– Oi. Tudo bem?

– Terminando de me arrumar para ir até a casa do Luiz. Já deixei o fedorentão no *petshop* e ele quase nem veio se despedir. Estava mais interessado nas coisas de lá do que em mim. Isso dói Liv, meu cachorro me trocando por um banho de espuma e uma escovada de pelo e tu aí na fazenda desde ontem.

– Coitadinho do André. Abandonado. – Brinco e começo a rir.

Estou deitada na cama de casal do quarto que sempre ocupamos aqui na fazenda da Elis esperando o sono vir. Pelo tanto de flores e decoração que ajudei a fazer hoje, com certeza, ele vai chegar rápido.

– Como foi o dia aí? Tudo certo na loja e no estúdio? – Pergunto olhando para o nada além do breu e escutando alguns grilos distantes.

– Tudo certo. E o que tu está vestindo?

– Um pijama normal e.... – Paro e penso na pergunta. – André, para com isso! – Escuto a risada dele no outro lado da linha.

– Não custa tentar, Princesa. E eu quase consegui.

Continuamos a conversar e nos despedimos algum tempo depois. Ele disse que amanhã antes das dez da manhã, já vai estar aqui com os guris. E eu mal posso esperar para que essa hora chegue.

Muitas coisas mudaram nesse tempo todo, mas uma delas não teve nenhuma alteração. Eu e o André.

Estamos juntos, mais do que alguém possa imaginar. Meus sentimentos por ele cada dia me surpreendem mais. Amar novamente me faz feliz e ficar de bem comigo mesma. Era o raio de esperança que faltava na minha vida. A luz no final do túnel escuro no qual eu me encontrava naquela época.

Incrível como eu achava que estava relativamente bem quando eu comecei a trabalhar. Agora, nem tenho como comparar o modo que eu me encontro hoje em dia. E amanhã será bem melhor do que foi hoje. Eu tenho certeza disso.

Claro que ainda tenho meus momentos, aqueles em que eu duvido de tudo e de todos a minha volta. Tem dias que eu acordo daquele jeito, querendo ficar o dia todo na cama, sem papo com ninguém e com a escuridão

querendo me consumir. Isso é normal, todo mundo tem uma recaída. Vivemos em uma montanha russa emocional. Cada vez eles são menos recorrentes, mas ainda estão lá presentes e me lembrando de quem eu sou. Isso nunca sairá, faz parte de mim. Assim como cabe a mim aprender a conviver com essa situação e aprender a burlar todos os meus medos

Quando esses dias chegam, tenho o André ao meu lado trazendo cor a minha vida e me mostrando todas as razões porque ele está apaixonado por mim. Um papel que ele faz com tanto afinho, que às vezes, nem sei se mereço tanta atenção assim. Até o Leco me ajuda nesses dias. Ele deita ao meu lado, fica pedindo atenção se enfiando embaixo de mim, por carinho. Ou fica me olhando com aquela cara de bobão dele até conseguir arrancar um sorriso meu.

Ainda continuo com as minhas consultas com a Fabi. Sei que o nosso vínculo ainda vai ser longo e duradouro, mas é tudo para o meu bem.

Estamos bem. Eu estou bem. Tudo está nos eixos e os dias de sol são mais comuns para mim.

A loja está cada vez mais firme e forte. Eu, André e Sabrina formamos uma equipe extraordinária. Os lucros estão cada vez maiores e as tatuagens ficando mais bonitas. Até um programa de TV foi feito no estúdio esses dias.

André está na reta final da sua pós-graduação. E cada vez que ele menciona isso, eu me lembro da sessão de fotos que eu fui levemente “atraída” a fazer. No início era apenas um teste para ele treinar a iluminação, alguns ajustes na câmera e taças de vinho. E quando eu dei por mim, estava seduzindo o André (com toda a elegância que eu possuo) entre um clique e um gole de bebida.

No final de tudo isso, ele me apresentou as fotos e eu não me reconheci em nenhuma delas. Aquele corpo não era meu, as cicatrizes que eu via, não eram tão feias de como as que eu via no espelho e o teor sexy de cada uma daquelas fotos, com toda a certeza do mundo, não era meu. Até eu fiquei seduzida por elas.

Fui apresentada a uma Olívia que eu nem eu sabia que poderia existir dentro de mim.

Essas foram as primeiras que eu fiz. Logo veio a segunda sessão e quando eu percebi, nós estávamos tirando algumas fotos juntos. Claro que nada explícito e proibido para menores, ao estilo Playboy. Longe disso. Mas

um quê de sensualidade peculiar trabalhado no preto e branco que não me deixavam com vergonha de fazer. Realmente o trabalho do fotógrafo e o modelo que me acompanhavam eram ótimos. Ainda mais que eles eram a mesma pessoa. Aquele que trouxe de novo cor a minha vida.

Por André

– Vocês querem matar a Elis do coração? – Liv me recepciona assim, já de cara. – Tem noção de quanto ela já fez de drama? Ela pensou que o Cae tinha abandonado ela no altar e queria cancelar tudo. Porque não atenderam o telefone. E... Meu Deus, André! Porque tu não tomou um banho antes de sair de casa?

– Se todos nós tomássemos banho, não teríamos saído de casa. Tu sabe quanto tempo o Noah demora se arrumando? Os celulares descarregaram e nós dormimos mais do que devíamos. Foi só isso.

– Vocês beberam tanto que estão fedendo a suor e álcool. – Su fala vendo o estado do seu marido, não tão diferente dos demais.

– Vou lá ver como a Elis está. – AC, ainda meio trôpego tenta se levantar, mas é barrado pela Su.

– Ela está se arrumando. E tu não pode ver a noiva antes do casamento. Acho bom alguém te fazer um café bem forte e tu ir tomar um banho gelado para dar um jeito nessa cara amassada. Ou a Elis vai te matar no altar. E ela está raivosa!

– Vem cá que eu te ajudo. – Luiz rindo pega o pobre noivo bêbado e leva ele para o quarto.

Mas o importante é que estamos aqui. Todos vivos e apenas com algumas horas de atraso na programação. Tomo um banho rápido, gelado para me acordar mais e faço a barba para parecer mais apresentável na hora que for tirar as fotos do casamento. Não sou o fotógrafo oficial, apenas irei tirar umas informais e da parte dos padrinhos e noivo, já que a Elis estará com todos os flashes focados nela.

E que comece a festa.

.

O sol se põe no horizonte e eu pego a minha Princesa pela mão e a puxo para um lugar mais reservado. Ela está linda. O vestido ajustado no seu

corpo, os cabelos soltos e o seu perfume estão me deixando louco aqui nesse terno quente. Olívia passa as mãos pelo meu pescoço e me puxa para um beijo. Nada mais romântico que um beijo apaixonado depois de uma troca de alianças, choro generalizado e promessas trocadas no altar. Todo mundo fica inspirado.

– Esse clima todo, não te dá vontade de mudar os planos todos? – Falo enquanto distribuo beijos pelo pescoço da Liv e a sentindo se arrepiar.

– Chega de mudanças de planos. – Ela ri.

Planos, planos e mais planos. Essa tem sido a nossa palavra ultimamente. Estamos com as ideias a mil e cada dia que se passa, temos outras mais mirabolante que as outras.

Nosso plano a longo prazo é a casa, aquela com um gramado gigante para o Leco correr e uivar para a lua de madrugada. Depois casamento. Por mais que a Olívia já tenha sido casada, e agora que eu sei todas as circunstâncias em que essa situação ocorreu, coloquei na minha cabeça brilhante que a Olívia vai ter um casamento digno de Princesa. Com tudo que ela merece e mais um pouco. Tanto que eu já estava de olho nas conversas delas sobre o casamento da Elis, quero ser ativo em todos os passos.

E após tudo isso, filhos. Sim! Consegui implantar essa ideia na cabeça teimosa da minha Princesa. Por isso que eu ando trabalhando como um louco para conseguir comprar uma casa para ontem. Não vejo a hora de ser pai de uma princesinha linda como a mãe.

Traço a minha mão pelo rosto dela e vejo o seu sorriso. Ainda me acho um completo bobão pelo o que sinto toda a vez que eu a vejo sorrir. Tem dias, quando acordo primeiro que ela, e a vejo dormindo agarrada em mim, que juro que estou sonhando. Custo a acreditar que a tenho todos os dias ao meu lado e dizendo que me ama, sempre que pode.

Sou um completo apaixonado pela Olívia, desde o primeiro dia que eu a vi até o último suspiro de vida que eu tiver. E tenho como meta constante a fazer feliz e mostrar todos os dias que eu a amo e nunca escolheria outra pessoa para viver comigo, ao meu lado.

Sua depressão e os ataques de pânico e ansiedade ainda são presentes. E a cada um deles eu dou o melhor de mim para que sejam os menores possíveis. Dou todo o apoio que a Olívia precisa, relembro todos os motivos para amá-la e digo como ela é importante para mim e tudo o que ela já fez de

bom para os outros. Como as suas aulas no orfanato que cada vez mais estão sendo de grande valia para as crianças e o evento de arrecadação com a venda dos quadros dela foi um sucesso, tanto que estamos partindo para a segunda edição em pouco tempo.

Olívia é uma mulher guerreira, visionária e sonhadora, mas que não consegue enxergar nenhuma das suas qualidades. E eu a lembro de todas elas sempre que eu posso. Seja no campo amoroso seja no dos negócios.

Liv comprou uma parte da loja de mim. Entramos em comum acordo e pegamos o dinheiro relativo à compra e investimos em uma reforma na minha antiga “casa” para aumentar o estoque. A reforma foi muito mais do que bem-vinda e fez com que nosso movimento e o reconhecimento pelo trabalho triplicassem, tanto com os materiais artísticos, como no estúdio de tatuagem retornassem para nós.

Resultado de tudo isso: eu e o Leco nos mudamos para o apartamento da Olívia. Unir o útil ao agradável nunca foi tão bom assim. Claro que o Leco ficou sem o seu banheiro gigante no terraço e eu tenho que levar ele para a praça todos os dias pela manhã e à noite, mas eu estou dormindo com a Olívia todas os dias. Isso compensa todos os banhos de chuva que já tomei nesse tempo todos e vão compensar todos os futuros.

– Tu estava linda no altar, mesmo que tenha sido com o AC e depois com o Luiz.

– O coitado estava tremendo, tive que puxar ele umas duas vezes para o altar. E quando ele viu a Elis entrando, pensei que ele fosse desmaiar. Ela estava linda de noiva, com as crianças entrando na frente.

– Pelo menos, ele não estava mais de porre. – Rio lembrando de algumas coisas de ontem.

– Graças, o café da D. Eulália estava forte e levantou o Cae na hora.

– E o banho gelado do Luiz também. Ele se vingou de todos que o AC deu nele. – Olívia começa a rir e eu aproveito para a beijar mais um pouco. Amo quando ela fica desse jeito e aproveito todas as oportunidades que tenho.

Se não tivesse deixando a minha câmera com o Yago e a Sarah para eles tirarem fotos aleatórias por aí, teria clicado esse momento com a Liv. Seria mais uma nossa que iria para o álbum das perfeitas.

Convenci ela a ser a minha modelo, a minha musa inspiradora de sempre. Não foi fácil, tive que dar uma persuadida nela, dizendo que eram fotos para teste e não as oficiais e caramba... Já no primeiro clique, quando vi a foto no visor percebi que poderia até ganhar o prêmio de melhor foto do ano com a Liv posando para mim.

Foi tão natural: as poses, os gestos e o jeito que ela encarava a câmera que eu quase tive um ataque cardíaco quando comecei a capturar os momentos e não conseguia mais parar. E, quando vi o resultado no computador me senti orgulhoso por ter tirado as fotos e ter conseguido fazer a Liv se mostrar na frente da lente como eu a enxergo. Linda, feliz, sexy para caralho e a mulher que eu amo.

Mostrei para a Liv o resultando em um dia “cinza”. E o pior de tudo que dessa vez eu tinha provocado esse mal-estar dela e precisava corrigir isso. Jantamos na casa da Elis, com ela falando dos preparativos do casamento e quando voltamos para casa eu tive a maldita ideia de perguntar de como tinha sido a festa do casamento do AC com a Liv. Bastou eu fechar a minha boca para ter me arrependido amargamente de tê-la feito.

Olívia mudou completamente, da água para o vinho em questão de segundos. Percebendo a bela besteira que eu fiz, desconversei e disse que ia levar o Leco na praça para ele dormir de uma vez e sem incomodar a gente. Desci e fiquei uma meia hora lá com o cachorro sentando na praça, me xingando e torcendo para quando eu chegasse em casa a Liv tivesse esquecido da minha pergunta idiota sobre o casamento dela. Ela estava comigo agora e isso aconteceu há anos atrás, e hoje em dia não nos atrapalha em nada.

Voltei para o seu apartamento e senti que a Olívia não tinha esquecido da minha pergunta. Com ela sentada na cama, encolhida e olhando para o nada, eu me desculpei e disse que tinha sido um imenso idiota por ter levantado aquela questão novamente. Fiquei com ela nos meus braços, até que sua voz trêmula começou a contar a história e todos os seus detalhes.

De como tinha sido o acidente, o modo que o pai dela entregou tudo nas mãos do AC, o jeito que ele se desdobrou em mil para conseguir sanar as dívidas do hospital e até o casamento arranjado deles para que a Liv pudesse usufruir do plano de saúde dele para terminar os seus cuidados hospitalares.

Nesse momento eu percebi que poderia me apaixonar mais uma vez

pela Olívia e a sua força por ter passado por tudo aquilo, estar lutando contra a depressão e ainda me aceitar na sua vida. Senti o peso da minha responsabilidade sobre ela, daqui para frente, tudo tem que ser no mínimo perfeito.

No outro dia pela manhã, acordei e levei café para Liv na cama. Olívia ainda estava emotiva, por tudo que reviveu graças à minha pergunta idiota na noite passada, e pediu para ficar em casa aquele dia. Respeitei a sua decisão e como o trabalho me esperava na loja, deixei ela aos cuidados do Leco. Ninguém resiste ao peludão fedorento e eu sabia que ela estava em boa companhia.

Naquele dia, passei na gráfica e peguei o resultado das fotos. Precisava mostrar para a minha Princesa, que apesar de tudo que ela passou, para mim ela ainda é a mais linda de todas. Comprei um álbum e passei o meu horário de almoço arrumando as fotos nele. Cheguei em casa e encontrei a Liv, do mesmo jeito que eu havia a deixado pela manhã, no seu estúdio com uma tela quase pronta na sua frente.

Tomei um bom banho, já que eu estava arrastando mil e uma caixas de material para as prateleiras, fiz o jantar e quando convoquei a Liv para o jantar, deixei o álbum em ao seu lado na mesa. Ela viu a caixa e nem deu bola. Seu ânimo e a falta de esperança era notável e estavam me matando por dentro.

Jantamos comigo tentando puxar algum assunto idiota ou qualquer coisa, porém só via a Olívia remexendo a comida no prato e estando ali somente para me acompanhar. No final da noite, puxei a Olívia para a sala comigo e a fiz sentar no meu colo enquanto eu distribuía alguns beijos doces pelo seu pescoço. Eu sei que ela nunca resiste a isso. E quando eu consegui arrancar alguns sorrisos dela, mostrei a caixa novamente e dei para ela abrir.

Com alguma desconfiança e muito receio, vi a Liv abrir a caixa lentamente e quando ela viu a primeira foto, dela em preto e branco olhando diretamente para a câmera e um sorriso misterioso nos lábios, percebi que consegui atingir o meu alvo com perfeição.

Mais uma vez ela duvidou da minha palavra, a qual eu juro piamente que não coloquei nenhum clique de *Photoshop* nela, apenas no fundo e efeitos da foto. Simplesmente o meu trabalho foi apresentar para a Olívia a Liv que eu via pelos meus olhos e pelas lentes. Aquela que me enfeitiçou no

primeiro olhar, me fez ficar de quatro na primeira frase e apaixonado no primeiro sorriso.

Depois desse episódio, tudo voltou a ficar normal entre nós. Foi como se um degrau fosse alcançado e que nos deixasse mais perto do topo. O momento de calma está sólido e estamos aproveitando todas as oportunidades que estamos tendo. Sabemos que podem acontecer dias nublados, chuvosos e até de tempestades. E vamos vencer todos eles.

Dou mais uns beijos nos cabelos da Liv e sou repreendido para não estragar o penteado. Observo o Yago e a Sarah tirando mil fotos com a minha câmera e sei que não vou conseguir apagar nenhuma delas. Olhares de crianças captam coisas tão pequenas que para os adultos seriam imperceptíveis.

– Tenho que te contar uma coisa. – Liv fala baixinho, quase um sussurro.

– A Elis fez alguma bobagem de ontem para hoje? Ou vocês chamaram alguns *Gogo Boys* para fazer a noite? Aposto que foi coisa da D. Eulália. – Olívia começa a rir.

– Não seu bobo. É uma coisa séria.

Vejo ela se remexer na cadeira e olhar para mim. Pego um copo de bebida com o garçom que passava e começo a tomar.

– Acho que eu estou grávida.

Me afogo com o líquido e cuspo no chão entre um acesso de tosse e outro.

– Ai meu Deus! Respira, André! – Sinto a Olívia bater nas minhas costas enquanto eu me recupero do susto.

– Como assim, grávida? – Pergunto tentando puxar o fôlego.

– Lembra quando eu peguei uma dor de garganta e o Luiz me passou um antibiótico?

– Sim, mas ele falou que não cortava o efeito do anticoncepcional, foi tu mesma que me disse.

– Sim, mas digamos que essa não é a praia dele e eu descobri na internet que ele cortava sim. Eu fiz um teste de farmácia e deu positivo. Pode ser que tenha dado errado também. Não sei se fiz aquela coisa direto e...

– É positivo, Liv! – Quase grito. – Não sei se eu mato ou abraço o Luiz!

– Calma que eu tenho que fazer um de sangue para ter certeza e até lá pode dar negativo. Não vamos criar expectativas.

Sinto muito Liv, mas acabei de ter a imagem de tu com uma barriga enorme, o Leco não deixando eu me aproximar do berço e uma Princesinha nos meus braços. Já criei todas as expectativas possíveis e impossíveis.

– André? Tudo bem?

– Oi. – Sorrio para ela e outra cena me vem à cabeça. Liv com uma filha minha nos braços. – Tudo mais que perfeito, Liv. Temos que pensar em nomes. Gosto de Bianca para menina. Se for menino tu escolhe.

– Qual foi a parte do “não vamos criar expectativas” que tu não entendeu?

– A parte que mesmo que tu não esteja grávida, nós vamos ter um esse ano. – Digo com toda a convicção que tenho.

– E o plano? Casa, casamento e depois filhos?

– Ahh princesa, foram por ralo abaixo assim do mesmo jeito que tu achava que eu era gay e os meus de que ia me declarar para ti aos poucos. Resultado, não conseguimos levar adiante nenhum deles.

– Será que um dia tu vai esquecer disso?

– Nunca, vai ser a minha história para os nossos netos. Nós dois velhinhos, porque a Bibi só vai ter namorado depois dos 35 – Olívia ri – vamos estar sentados à mesa e eu vou falar caqueticamente: meus netos, nunca desistam de quem se ama. Sua avó pensava que eu era gay e agora vocês estão aqui.

Enquanto ela se dobra rindo eu puxo ela para o meu colo e a beijo sem levar em consideração que estamos no meio de uma comemoração de um casamento. Mas dane-se, eu amo essa mulher e vou fazer dela a mais feliz de todas e mostrar para ela toda a cor que a vida possa ter.

Bônus inédito

Sentei no chão do banheiro e o Leco sentou ao meu lado. Dizem que toda a garota tem uma ajuda, quando vomita, de um amigo muito especial. Eu tenho de um grande, peludo e fiel cachorro.

Suspiro e coloco a mão sobre a minha barriga ainda lisa. Leco coloca a sua pata na minha perna e tenta colocar o focinho gelado em baixo da minha mão, encostando na minha barriga e me fazendo cócegas. Faço um afago na sua cabeça e orelhas fazendo com que Leco quase monte em cima de mim de vez para me lamber.

Ralho com ele até conseguir respirar novamente e saio do banheiro. Olho para o meu café pela metade e quase que corro novamente para o banheiro. Agora eu entendo o que a Elis passou, até pouco tempo, e como ela fica manhosa com o Cae quando passa mal. E ela consegue ficar mil vezes pior do que é normalmente. Limpo a cozinha, tiro o Leco de cima do sofá e de cima da nossa cama, quando vou arrumar o quarto, e sigo para o trabalho.

Passo por diversas lojas até chegar ao trabalho, mas paro na única que me chama a atenção. Uma com artigos de bebês. Apesar de ter descoberto a gravidez, e confirmado, a pouco tempo, me pego sonhando todas às vezes que passo aqui. As roupinhas, os acessórios e até mesmo a decoração que o quarto vai receber. E se eu sonho, André externaliza todas os minutos do dia.

Ele é a animação em forma de pessoa, já que em forma de cachorro o posto é do Leco. Tive que freá-lo algumas vezes e pedir que ele se acalmasse. Por ele, no casamento do Cae e da Elis, todos já saberiam da notícia, mesmo que eu ainda só tivesse a suspeita e a comprovação vindo depois de alguns dias. As atenções voltadas completamente para a Elis e o Cae, eu não queria ser, novamente, aquela pessoa que ofuscaria a felicidade deles. Já tinha feito isso demais.

Todos os dias, antes de dormirmos, André fala todos os planos que tem para nós e o bebê. Claro que eu opino em todos eles, mas a empolgação dele é astronômica, de proporções imaginárias. Se depender de todas as nossas conversas nessas últimas semanas, a Bianca, se for menina, ou Bernardo, já sabe a profissão, qual a cor do seu carro e o quadro que vai ter na parede do seu quarto.

É gostoso sonhar assim. Projetar o futuro ao lado da pessoa que a gente

ama e perceber que a vida que está por vir promete tantas felicidades. Fazia tantos anos que eu não sabia o que era essa sensação, que pela primeira vez, eu não pensei ao contrário. No que poderia dar errado no meio do caminho. Eu sei que vou fazer isso em algum momento futuro. Faz parte de mim e de quem eu sou, mas prefiro focar no meu momento com o sol batendo na minha janela e iluminando tudo ao seu redor.

Chego a loja e sou recebida com um beijo do André.

– Bom dia minhas princesas.

– Ou príncipe. – Falo depois que ele me solta.

– Me diz que conseguiu comer decentemente hoje pela manhã e não vamos almoçar alguma coisa gordurosa que escorre queijo.

– Não para o primeiro e sim para o segundo. Meu desejo por queijo derretido vai ser contínuo por um longo tempo.

– Até pouco tempo tu detestava queijo derretido, Liv. Agora eu entendo o porquê do AC dizer que estava com olheiras porque a Elis pedia as coisas mais estranhas no meio da noite.

– Queijo derretido não é nada comparado a achocolatado com melancia às três da manhã. Ou leite em pó com arroz e ovo frito de almoço.

– Realmente. Ficaremos bem com o queijo então. – Novamente ele me beija e começamos a trabalhar.

Almoçamos na lanchonete perto da loja e eu comi o resto do André, sem ele reclamar nada, pois não aguentava ver queijo na sua frente. Então eu abusei e coloquei em uma lista mental para quando contarmos a novidade para o pessoal, pedisse algumas dicas para a Elis de nutrição. Ou então eu vou terminar essa gestação não passando nas portas.

E por falar em contar para o pessoal, isso gerou um pouco de estresse entre nós dois. Eu quero esperar mais algumas semanas para contar, já o André quer espalhar outdoors pela cidade.

– Só acho que deveríamos esperar um pouco. – Disse. – Já andamos agitados pela gravidez da Elis e os riscos dela.

– Não tem nada a ver, princesa. Quero jogar na cara deles, principalmente do Luiz. Ele merece cada uma dessas letras. – Reviro os olhos para o André. – Imagina a cara dele ao saber que eu, o emo, te engravidei.

Isso vai fechar a boca dele por completo. E o Noah também, ele parece gente fina, mas no fundo fica me dando indireta. O AC, coitado, nem tem tempo para pensar em nada mais.

– Vamos fazer um trato então. – Apelo para o que o André mais quer, além de jogar aos quatro ventos que eu estou grávida: descobrir o sexo do bebê. – Se nós esperarmos algumas semanas, mais três, pelas minhas contas, podemos fazer aquele exame de sangue que revela o sexo e contar para todos já com o convite para serem padrinhos. Vai calar a boca do Luiz, do Noah e até o Cae vai prestar mais a atenção.

E eu fisgo o André como um peixinho indefeso.

– Por isso eu te amo, Princesa. – Ele me beija repetidamente. – Isso vai ser épico.

E com isso eu respiro um pouco aliviada. Sei que não vai fazer diferença contar hoje ou daqui há três semanas, mas eu quero ficar com o gostinho que só nós dois sabemos da novidade. Quando a novidade se espalhar no nosso grupo, sei que a Elis e a Su vão surtar e começarem a falar sobre mil e umas coisas sobre gravidez e tudo que me espera.

Por enquanto quero ficar só com a parte de ilusão e sonhos, a realidade e os problemas eu enfrento mais tarde.

Como combinado, encontro as meninas na casa da Elis. Os meninos foram para o bar e nós ficamos em casa, já que a Elis não pode se movimentar e nem se agitar muito, o que é realmente uma coisa impossível para ela.

Sentamos na sala, com a TV ligada em algum canal infantil e a Fofinha e o Antônio tocando o terror com o Gato e o JB, enquanto a Sarah e o Yago fazem alguma coisa com queijo, pedido meu, para jantarmos.

– A Carla disse que tudo está tranquilo no evento de hoje. – Su se refere o seu braço direto nas organizações e larga o celular em cima do sofá. – Não sei o que seria de mim sem ela.

– Provavelmente mais estressada e sem tempo para nós. – Elis responde atirada no sofá.

– A Carla está em todos os eventos? – As duas me respondem que sim.

– Praticamente todos. Até tento persuadir ela para tirar umas férias, ou sei lá, descansar e sair com as amigas dela. Ela recusa todas as vezes.

– Vamos convidar ela qualquer dia para uma noite nossa. Aposto que depois que descobrir o paraíso da culinária da Sarah, nunca mais vai querer sair do grupo. – Digo pegando um copo de água e bebendo.

Claro que a Elis me ofereceu uma bebida alcoólica, mas como ela era a minha companheira de copo, respondi que não iria beber sem a sua companhia. Uma escapada de mestre.

– Eu já fiz isso, diversas vezes. – Su me responde. – Mas ela nunca aceita.

– Até eu já tentei. E olha que resistir a mim é quase que impossível. – Elis se gaba.

Conversamos por mais alguns minutos, até a Elis ter a brilhante ideia de perguntar para o AC se ele não tinha nenhum amigo solteiro no banco em trabalhava. Ela iria apresentar ele para a Carla e tentar juntar os dois. Eu ri e a Su, delicada como sempre, xingou a amiga e disse para não fazer isso de maneira nenhuma.

Logo o assunto se dispersou e passamos para outros tópicos. Rimos, comemos, nos lambuzamos com a sobremesa e rimos mais ainda. Naquelas horas não tinham preocupações, medos de vomitar tudo o que eu havia comido ou planos para um futuro distante. Eram apenas três amigas, se divertindo, rindo e falando besteiras em uma noite qualquer.

Era um dos deleites que eu tinha e fazia questão de manter.

Quem descobrisse que o nosso primeiro encontro, eu com um ataque de pânico e tento as duas para me distraírem, claro que isso não foi nada comparado a história do Cae com a Elis, mas com certeza, foi o elo inicial.

E vendo agora, a história se decorreu de uma maneira única. Cae reencontrou a sua destinatária maluca, e dessa vez ela que tinha uma pequena, arteira e feliz entrega especial para ele. E eu, pude deixar o Cae ser feliz com a pessoa certa e escrevi o início da minha história. Me apaixonei pelo André e agora estou grávida. Ainda há de ter muitos capítulos em frente, mas eu sei que todos serão felizes.

Por André

A discussão da noite continua entre Noah e Luiz pela a música que vamos cantar no karaokê do bar. Sigo observando os dois e o AC a desfrutar

a sua bebida, que pelo visto era há tempo desejada.

– Eu escolho por que sou o mais velho. – Luiz usou o argumento de sempre.

– Tu sempre escolhe. – Noah não o aceitou e recomeço a briga. – Está na hora de mudar o disco, meu velho.

– Não. Esse argumento sempre será válido. Minhas costas doendo sempre fala mais alto do que qualquer coisa. Quando tu tiver cabelo branco e uma filha morando longe eu posso pensar, veja bem, meu amigo, pensar se posso te passar esse privilégio.

Começo a rir, já que estou sentado entre os dois. E não tomo partido nenhum.

– Não vamos tão longe assim, em mais alguns anos eu te alcanço, meu chapa. – Noah retrucou. – Já estou prevendo milhares de dores de cabeça com a Fofinha e um certo anfíbio rondando ela.

– Relaxa, cara. – AC repousa o seu copo na mesa com tranquilidade. – O Perereco é criança, ele nem sabe o que é jogo ou treino ainda.

– Mas não precisa ser grande para conhecer limites. Ele anda muito grudado na Fofinha.

– Na idade do Antônio – Luiz começa a filosofar ainda sem tirar os olhos da planilha de músicas – eu tomava banho pelado de lago com a Joana. – Ele olha para o Noah e pisca. – Sem contar nas brincadeiras de papai e mamãe e de médico.

– E olha no que deu! – Noah se exalta. – Não deu outra e vocês tiveram a Luiza. Não quero esse futuro para a minha filhinha, está ouvindo, AC?

– Em alto e bom som, meu amigo. Mas relaxa que os dois são crianças. E eu na idade deles também andava pelado por casa com a Olívia junto.

– E vocês namoraram e casaram. Isso não é nenhum pouco reconfortante, se quer saber.

Continuo a rir do meu canto, observando todos.

– E tu para de rir – Noah me apontou o dedo. – Um dia a Olívia vai engravidar e que os deuses da fertilidade me escutem, vai ser uma menina. E tu vai saber o que eu estou sentindo.

– Que todos eles te ouçam mesmo. – Levanto o meu copo para ele e

bebo brindando e acrescentando mentalmente. Que a Bianca chegue com toda a saúde.

Volto para casa levemente tonto. Meus amigos saíram em estado bem pior que o meu. Escuto alguém querendo quebrar a porta enquanto eu tenho de abri-la com a minha chave. Caio de bunda no chão quando um monte de pelo pula em minha direção.

– Sai, Lecoso. Sai de cima de mim, Fedorentão. – Leco não escuta e continua a me lambar desesperando, como se não visse há uns cinco anos.

Consigo me desvencilhar do cachorro e percebo que tenho que tomar um banho antes de cogitar a ideia de me deitar ao lado da Olívia, que dorme tão profundamente que não escuta o meu desastre de chegar em casa.

Renovado e não cheirando a baba de Leco e álcool, me deito ao seu lado e sinto ela se aproximando de mim. Isso é a melhor parte do dia. Saber que vou dormir ao lado dela e quando acordar amanhã, saber que não era mais um dos meus sonhos adolescentes.

– Como foi a noite? – Ela se enfia no meu pescoço, passando um braço por cima de mim.

– Ótima. Receberam os vídeos?

– Sim. Rimos e sentimos vergonha alheia. Demos graças por não estarmos juntos com vocês pagando aquele mico todo no bar.

Rio.

Somos um desastre e um show à parte quando cantamos no karaokê. Nossas performances são épicas e ridículas. Um prato cheio para a zoação infinita. Mas todas as vezes que saímos juntos temos que subir naquele palco minúsculo e cantarmos com toda a voz que possuímos.

Liv adormece novamente e eu sigo acordado com ela, sonhando acordado. Sonhando com o futuro que temos pela frente, pela felicidade em forma de vida que ela carrega dentro de si e por tudo que vamos passar. Eu sei que ainda temos muito o que vivermos e sermos felizes juntos.